

UNIVERSIDADE ABERTA



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

**O LEITOR REAL: LEITURAS DE CLARICE LISPECTOR A PARTIR
DA ESTÉTICA DA RECEÇÃO, ANÁLISE LINGUÍSTICO-TEXTUAL
DE CONTOS E CRÔNICAS**

Katia Valéria Gomes de Souza

2101810

Mestrado em Estudos de Língua Portuguesa

Dissertação orientada pela Professora Doutora Isabelle Simões Marques

Lisboa, março de 2024

UNIVERSIDADE ABERTA



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

**O LEITOR REAL: LEITURAS DE CLARICE LISPECTOR A PARTIR
DA ESTÉTICA DA RECEÇÃO, ANÁLISE LINGUÍSTICO-TEXTUAL
DE CONTOS E CRÔNICAS**

Katia Valéria Gomes de Souza

2101810

Mestrado em Estudos de Língua Portuguesa

Dissertação orientada pela Professora Doutora Isabelle Simões Marques

Lisboa, março de 2024

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-ShareAlike 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 9404

Hoje, se me pergunto por que amo a literatura, a resposta que me vem espontaneamente à cabeça é: porque ela me ajuda a viver. Não é mais o caso de pedir a ela, como ocorria na adolescência, que me preservasse das feridas que eu poderia sofrer nos encontros com pessoas reais; em lugar de excluir as experiências vividas, ela me faz descobrir mundos que se colocam em continuidade com essas experiências e me permite melhor compreendê-las.

Tzvetan Todorov

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida, pela saúde e pela chama que arde no peito, pois sem isto, nenhum de nós estaria aqui para celebrar este momento.

Gratidão aos meus pais Álvaro e Dirce (ambos *in memoriam*) pelas mãos firmes, ensinamentos e sobretudo pela infância plena de amor e carinho que me proporcionaram e fizeram de mim a pessoa me tornei.

Gratidão aos meus filhos, Gabriela e Rafael que me proporcionaram compreender a plenitude do amor, como também a fragilidade e a força da vida. Agradeço pela oportunidade de ser exemplo de que nunca é tarde para realizar um sonho.

Gratidão ao meu esposo, Ítalo pelo apoio e pela compreensão ao longo da vida e sobretudo frente às minhas ausências durante o período de dedicação aos estudos.

Agradeço à querida Professora Doutora Isabelle Simões Marques, minha orientadora, pelo apoio e amparo durante o percurso, minha admiração pela força e doçura com que conduziu a realização deste trabalho. Gratidão às professoras do Mestrado em Estudos de Língua Portuguesa, à Coordenação, em especial à Professora Doutora Isabel Roboredo Seara pela disponibilidade e simpatia com que sempre esteve presente.

Um agradecimento especial aos colegas do MELP, que sempre se fizeram presentes e próximos, ainda que entre nós houvesse um oceano inteiro, gratidão pela parceria e pelas palavras de incentivo em tantos momentos nos quais o cansaço da luta nos atingiu e pensamos em desistir, vocês foram luz, o amor que construímos nunca terá fim.

Gratidão a todas as pessoas do meu convívio durante este processo, com todos partilhei de alguma forma as alegrias e as dores de atravessar tão valioso percurso que, por agora se encerra deixando horizontes ampliados e a certeza de que sempre podemos mais.

À memória dos meus pais, Álvaro e Dirce, que me transmitiram desde a infância, o amor pela leitura.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

STATEMENT OF INTEGRITY

Declaro ter atuado com integridade na elaboração da presente dissertação. Confirmando que em todo o trabalho conducente à sua elaboração não recorri à prática de plágio ou a qualquer outra forma de falsificação de resultados.

Mais declaro que tomei conhecimento integral do Regulamento Disciplinar da Universidade Aberta, publicado no Diário da República, 2.ª série, n.º 215, de 6 de novembro de 2013.

I hereby declare having conducted my thesis with integrity. I confirm that I have not used plagiarism or any form of falsification of results in the process of the thesis elaboration.

I further declare that I have fully acknowledge Disciplinary Regulations of the Universidade Aberta, published in the official journal Diário da República, 2nd series, n.º 215, 6th of November of 2013).

Universidade Aberta, 28 de março de 2024.

Nome completo/ Full name: KATIA VALÉRIA GOMES DE SOUZA

Assinatura/ Signature:

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'K. Gomes de Souza'. The signature is written in a cursive, flowing style.

O LEITOR REAL: LEITURAS DE CLARICE LISPECTOR A PARTIR DA ESTÉTICA DA RECEÇÃO, ANÁLISE LINGUÍSTICO-TEXTUAL DE CONTOS E CRÔNICAS

RESUMO

O presente estudo, que tem como base teórica a Estética da Recepção e a Teoria do Efeito Estético, visa compreender como os textos literários impactam os leitores e o que isto pode provocar em suas vidas. A Estética da Recepção surgiu em 1967, com Hans Robert Jauss na Universidade de Constança na Alemanha e a Teoria do Efeito Estético apareceu em 1970 com Wolfgang Iser, também na Alemanha. Ambas as abordagens críticas enfatizam a experiência dos leitores. O objetivo desta dissertação é lançar um novo olhar para o hábito da leitura, investigar como se constrói no leitor a mensagem de um texto e auxiliar os leitores quanto à compreensão destes últimos, observando as interpretações possíveis, desmistificando os textos literários a fim de revitalizar o prazer de ler. Para tanto, recolheram-se as impressões, compreensões, interpretações, sensações, sentimentos e opiniões de estudantes em atividades em sala de aula de língua portuguesa sobre a leitura e o estudo de uma seleção de contos e crônicas de Clarice Lispector. Buscamos compreender em que medida podemos ter várias interpretações sobre um mesmo texto, como este impacta de forma diferente os leitores, de que forma isto se dá e a partir de quê. Os resultados obtidos foram analisados e foi feita uma reflexão acerca das diferenças e semelhanças das interpretações recolhidas, bem como sobre as características dos leitores que as produziram, tais como suas experiências de vida, capacidade de compreensão e uso da língua portuguesa a fim de entender o processo de leitura, compreensão e interpretação dos textos para aprimorar sua utilização na escola e conquistar leitores.

Palavras-chave: *Estética da recepção, Efeito estético, Ensino da língua portuguesa, Literatura em língua portuguesa, Clarice Lispector.*

THE REAL READER: READINGS BY CLARICE LISPECTOR FROM THE AESTHETICS OF RECEPTION, LINGUISTIC-TEXTUAL ANALYSIS OF STORIES AND CHRONICLES

ABSTRACT

The present study, which has as its theoretical basis Reception Aesthetics and the theory of Aesthetic Effect, aims to understand how literary texts impact readers and what this can cause in their lives. The aesthetics of reception emerged in 1967, with Hans Robert Jauss at the University of Constance in Germany and the Theory of the Aesthetic Effect in appeared in 1970 with Wolfgang Iser, also in Germany. Both critical approaches emphasize the readers' experience. The objective of this dissertation is to take a new look at the habit of reading, investigate how the message of a text is constructed in the reader and help readers understand texts, observing possible interpretations, demystifying literary texts in order to revitalize the pleasure of reading. For this purpose, impressions, understandings, interpretations, sensations, feelings and opinions of students were collected in activities in the portuguese language classroom, on reading and studying a selection of short stories and chronicles by Clarice Linspector. We seek to understand to what extend we can have different interpretations of the same text, how it impacts readers differently, how this happens and from what. The results obtained were analysed, and a reflection was made on the differences and similarities of the interpretations collected, as well as on the characteristics of the readers who produced them, such as their life experiences, ability to understand and use of the portuguese language in order to understand the process of reading, understanding and interpreting texts to improve their use at school and win over readers.

Keywords: Reception aesthetics; Aesthetic effect; literature, readers. Teaching the portuguese language, Literature in Portuguese, Clarice Lispector

LE VRAI LECTEUR: LECTURES DE CLARICE LISPECTOR À PARTIR DE L'ESTHÉTIQUE DE LA RÉCEPTION, ANALYSE LINGUISTIQUE ET TEXTUELLE DES CONTES ET DES CHRONIQUES

RÉSUMÉ

La présente étude, qui a pour base théorique l'Esthétique de la Réception et la Théorie de l'Effet Esthétique, vise à comprendre comment les textes littéraires impactent les lecteurs dans leur vie. L'Esthétique de la Réception est apparue en 1967, avec Hans Robert Jauss à l'Université de Constance en Allemagne et la Théorie de l'Effet Esthétique est apparue en 1970 avec Wolfgang Iser, en Allemagne également. Ces deux approches mettent l'accent sur l'expérience des lecteurs. L'objectif de cette dissertation est de porter un nouveau regard sur la manière dont le lecteur construit le message d'un texte et d'aider les lecteurs des textes, en observant les interprétations possibles, à démystifier et redynamiser le plaisir de lire. À cette fin, ont été recueillies les impressions, les compréhensions, les interprétations, les sensations, les sentiments et les opinions des étudiants parmi les activités en salle de classe de langue portugaise sur la lecture et l'étude de la sélection de contes et chroniques de Clarice Lispector. Nous cherchons à comprendre à quel point il peut y avoir plusieurs interprétations d'un même texte, comment cela impacte de manière différente les lecteurs et comment cela se produit et à partir de quoi. Les résultats obtenus ont été analysés et les différences et les similitudes entre les interprétations recueillies ont été reflétées, ainsi comme les caractéristiques des lecteurs que les ont produits, leurs expériences de vie, la capacité de compréhension et l'usage de la langue portugaise afin de comprendre le processus de lecture, compréhension et interprétation des textes pour enrichir l'usage à l'école et conquérir des lecteurs.

Mots-clés: *L'Esthétique de la Réception, Effet Esthétique, Enseignement de la langue portugaise, Littérature en langue portugaise, Clarice Lispector*

ÍNDICE

Introdução	2
Capítulo 1	6
1. Enquadramento Teórico	7
1.1 A Estética da Recepção e a Teoria do Efeito Estético.....	7
1.2 O leitor real.....	15
1.3 Clarice Lispector.....	18
1.4 Contos de Clarice Lispector.....	21
1.5 Crônicas de Clarice Lispector.....	25
Capítulo 2	30
2. Metodologia	31
2.1 A leitura em sala de aula.....	31
2.2 Um texto, várias interpretações.....	34
2.3 Procedimentos de Pesquisa.....	40
2.4 Os leitores.....	43
Capítulo 3	46
3. Análise do Corpus	47
3.1 As várias interpretações dos contos de Clarice Lispector.....	47
3.2 As várias interpretações das crônicas de Clarice Lispector.....	62
3.3 Análise Comparativa.....	84
Considerações finais	89
Bibliografia	93

Anexo I	97
Anexo II	104
Anexo III	132
Anexo IV	134

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo a busca do “leitor real”, tendo como base teórica a Estética da Recepção e a Teoria do Efeito Estético. Buscamos compreender como os textos literários impactam os leitores e o que isto pode proporcionar em suas vidas, bem como perceber se de fato pode-se afirmar que o mais profundo significado de um texto literário se constrói em cada leitor de uma maneira diferente, se isto ocorre por diferentes níveis de compreensão e uso da língua, por experiências vividas, cultura, hábitos de leitura ou disponibilidade e atenção dedicada ao texto no momento da leitura.

A referida investigação surge a partir de experiências particulares em sala de aula, quando percebemos que um mesmo texto poderia transformar-se em vários textos a partir das diferentes interpretações e impressões dos alunos e como poderia suscitar sentimentos diversos em diferentes leitores. A busca para compreender o que se passava levou-nos ao estudo da Estética da Recepção e da Teoria do Efeito Estético. A Estética da Recepção emergiu na década de 60 e o seu precursor foi Hans Robert Jauss na Universidade de Constança, na Alemanha; logo em seguida surgiram as reflexões de Wolfgang Iser que viriam a configurar a chamada Teoria do Efeito Estético. Ambos partem do princípio de que a obra literária só pode de fato existir através do leitor: “A obra é o ser constituído do texto na consciência do leitor.” (Iser, 1996 [1976]) Desta forma, o leitor é elevado a uma posição privilegiada dentro dos estudos literários.

Pretende-se, com esta pesquisa contribuir com o estudo da literatura de maneira que os leitores, sobretudo os estudantes, possam apropriar-se da compreensão e das impressões que têm dos textos de maneira natural sem que as expectativas dos professores ou mesmo o sistema educativo tenham o poder de delimitar o seu entendimento ou as suas impressões sobre os textos estudados. Naturalmente há que se considerar que um texto não suporta todas as interpretações ou leituras possíveis, é preciso sempre priorizar o texto e dialogar com ele a fim de manter sua estrutura e coesão, conforme adverte Umberto Eco:

Dizer que a interpretação (enquanto característica básica da semiótica) é potencialmente ilimitada não significa que a interpretação não tenha objeto e que corra por conta própria. Dizer que um texto potencialmente não tem fim não significa que todo ato de interpretação possa ter um final feliz. (Eco, 2018:28 [1992])

Dentre as muitas funções da leitura podemos destacar o alargamento da visão de mundo, a possibilidade de reflexões e impressões novas acerca da existência, a aprendizagem com experiências vividas, ainda que estas sejam proporcionadas e sentidas através de um texto escrito. Na visão de Barthes um texto transcende a estrutura e dialoga com o leitor:

Na cena do texto não há ribalta: não existe por trás do texto ninguém ativo (o escritor) e diante dele ninguém passivo (o leitor): não há um sujeito e um objeto. O texto prescreve as atitudes gramaticais: é o olho indiferenciado de que fala um autor excessivo (Angelus Silesius¹): “O olho por onde eu vejo Deus é o mesmo olho por onde ele me vê.” (Barthes, 2015:23 [1973])

Barthes ainda considera que o texto pode proporcionar prazer e emoções impensadas, imprevisíveis: “O prazer do texto é esse momento em que meu corpo vai seguir suas próprias ideias – pois meu corpo não tem as mesmas ideias que eu.” (Barthes, 2015:24 [1973]) A fim de compreender a relação efetiva entre os leitores e os textos, buscamos aplicar, experienciar e comprovar a Estética da Recepção através da leitura de uma seleção de contos e crônicas de Clarice Lispector em sala de aula. Analisamos as diferentes impressões dos estudantes acerca dos textos com o objetivo de compreender se as características dos textos e/ou dos leitores influenciam ou proporcionam as diferentes interpretações apresentadas. Buscamos ainda compreender quais são as diferenças entre as interpretações de um texto; quais as dificuldades apresentadas pelos estudantes; se o conhecimento sobre a biografia do escritor altera o entendimento do texto; se é possível desvincular a obra do seu autor e, fundamentalmente se é possível afirmar que a mensagem de um texto se constrói no leitor.

A presente investigação compõe-se de três capítulos. Na introdução, procedemos à justificação, motivação e delimitação do tema. São expostos ainda os objetivos, as hipóteses, as questões de investigação e a estrutura do nosso estudo.

O primeiro capítulo dedica-se à fundamentação teórica acerca da Estética da Recepção e da Teoria do Efeito Estético a partir das obras de autores como Hans Robert Jauss (1979), (1994 [1967]), Wolfgang Iser (1996 [1976]), (1999 [1976]) Umberto Eco (2011 [1979]), (2011 [2003]), (2015 [1990]), (2018 [1992]) e Roland Barthes (1999 [1970]), (2012 [1984]), (2015 [1973]). O estudo é centrado na busca do leitor real, para tanto, refletiremos a respeito da leitura e como esta impacta verdadeiramente a visão de mundo, os hábitos e os sentimentos

¹ Padre e médico polonês que viveu entre 1624 e 1677.

das pessoas. Posteriormente realizamos um breve estudo biográfico sobre Clarice Lispector, bem como sobre os contos e crônicas escolhidos e a linguagem utilizada pela autora.

O segundo capítulo aborda a metodologia, é explicado como foi recolhido o *corpus*, abordando igualmente a leitura em sala de aula e as possibilidades de diferentes interpretações de um mesmo texto. A pesquisa foi realizada com alunos do curso de Língua Portuguesa numa escola de Idiomas em São Caetano do Sul, São Paulo, Brasil. Trata-se de um curso livre que recebe estudantes adultos de várias faixas etárias, diferentes escolaridades e profissões, oriundos de diversas regiões do Brasil. O curso visa o estudo da gramática do português bem como práticas de leitura e interpretação de textos, os alunos são em maioria brasileiros que buscam aprimorar os conhecimentos na língua, no entanto, há alguns alunos estrangeiros que residem no Brasil, falam e compreendem a língua, mas têm dificuldades com a leitura e a escrita, estes são quase todos oriundos de países da América do Sul e falantes nativos da língua espanhola, apenas uma aluna é japonesa. Os estudantes que participaram da pesquisa foram ao todo 50, sendo apenas sete do sexo masculino e quarenta e três do sexo feminino, cinco delas estrangeiras, quatro cuja língua materna é o espanhol e uma japonesa. O grupo tem a faixa etária entre 20 e 78 anos. São alunos de diferentes níveis, quarenta e cinco deles são do primeiro ano do curso e cinco do terceiro ano. Os participantes responderam a um pequeno questionário conforme Anexo I, a fim de que se pudesse estabelecer alguns parâmetros de caracterização dos alunos. As impressões foram colhidas durante as aulas nas atividades de leitura e interpretação de textos em vários dias e de diferentes maneiras: no primeiro momento os textos lhes foram apresentados apenas oralmente, ainda sem terem acesso à biografia da autora e posteriormente tiveram acesso à biografia da autora e aos textos escritos. As impressões foram apresentadas oralmente e por escrito, ocorrendo depois debates entre os alunos acerca das impressões, compreensão e atribuição de significado ao texto por cada pessoa.

O terceiro capítulo compreende a análise propriamente dita do *corpus* recolhido. É feita a análise, descrição e discussão sobre as impressões recolhidas das quais seguem alguns exemplos no Anexo II. Realizou-se a comparação entre as mesmas buscando encontrar semelhanças e diferenças a fim de compreender como e porque ocorrem para que seja possível bem utilizar tais informações no trabalho pedagógico, nas indicações de leitura,

proporcionando a cada público o que possa ser mais bem compreendido de maneira que se possam conquistar leitores e aprimorar o ensino da língua portuguesa.

Em seguida vêm as Considerações Finais e neste ponto refletimos sobre o trabalho realizado, bem como apresentamos as conclusões e limitações encontradas. Seguem-se então as Referências Bibliográficas e os Anexos.

CAPÍTULO

1

1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1. A Estética da Recepção e a Teoria do Efeito Estético

A Estética da Recepção surgiu na Alemanha em 1967, com Hans Robert Jauss na Universidade de Constança, fundada em 1966. Em 13 de abril de 1967, Hans Robert Jauss abriu o semestre letivo na referida Universidade com a palestra “O que é e com que fim se estuda literatura?”. Nesta palestra ele abordou que o estudo da literatura não deveria considerar apenas aspetos históricos, mas sobretudo levar em consideração a forma como os leitores compreendem os textos e como estes impactam a vida dos diferentes leitores. Jauss considerou que, sem refletir sobre como as obras foram lidas, avaliadas e transmitidas, nunca se saberá por que elas permaneceram ou que valor tiveram. Afirmou que, se as obras são lidas, é porque são compreendidas, portanto têm sentido para uma época, um grupo social ou um gênero. Esta vertente de estudos literários surgiu como uma crítica aos estudos tradicionais da teoria da literatura que até então se concentravam nas obras abordando a temática e a estrutura dos textos em busca de situá-los em um determinado estilo ou período histórico:

Em nossa vida intelectual contemporânea, a história da literatura, em sua forma tradicional, vive tão-somente uma existência nada mais que miserável, tendo se preservado apenas na qualidade de uma exigência caduca do regulamento dos exames oficiais. (Jauss, 1994:5 [1967])

O autor, em sua obra *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*, escrita em 1967, afirma que:

Os patriarcas da história da literatura tinham como meta suprema apresentar, por intermédio da história das obras literárias, a ideia da individualidade nacional a caminho de si mesma. (Jauss, 1994:5 [1967])

Adverte, pois, que os estudos literários por este viés não seriam capazes de atribuir à literatura todo o valor que de fato possui, privando assim os desejosos de estudar literatura, do seu real significado, função e possibilidades. O referido autor afirma que a literatura não era considerada como algo sério, via-se de certa forma, desdenhada pela crítica:

Tal crítica tem a objetar à história clássica da literatura que ela apenas se pretende uma forma da escrita da história, mas, na verdade, move-se numa esfera exterior à dimensão histórica e, ao fazê-lo, falha igualmente na fundamentação do juízo estético que seu objeto – a literatura, enquanto uma forma de arte – demanda. (Jauss, 1994:6 [1967])

Jauss (1994[1967]) propôs que a interpretação de uma obra literária se dá através da interação entre o texto e o leitor, este atribui significado à obra e é afetado pela mesma a partir de suas expectativas, experiências, história de vida e conhecimentos, o que o autor nomeou de “horizonte de expectativa” (Zilberman, 1989:34), e seria de certa forma, o parâmetro utilizado pelo leitor para a interpretação de uma obra. Em outras palavras, o leitor somente poderá atribuir significado à obra a partir da sua visão do mundo, das suas experiências prévias, sejam elas a partir de outras leituras ou da vida real. O autor refere ainda que uma obra literária não é estática, mas sim passível de transformação e evolução ao longo do tempo. Diante de diferentes leitores permite visões diversificadas e possivelmente relacionadas a diferentes épocas ou situações de vida. Defende, desta forma, que o sentido de uma obra literária se dá efetivamente pela interação entre texto e leitor, considerando inúmeros leitores cada qual com o seu respectivo “horizonte de expectativas” ao longo dos tempos. Jauss tece críticas à Escola Formalista e à Teoria Literária Marxista, observando que estes dois percursos teóricos não apresentam respostas satisfatórias na abordagem entre Literatura e História:

Por caminhos opostos, ambas tentaram resolver o problema de como compreender a sucessão histórica das obras literárias como nexos da literatura, e ambas mergulharam, por fim, numa aporia cuja solução teria exigido que se estabelecesse uma nova relação entre a contemplação histórica e a contemplação estética. (Jauss, 1994:15 [1967])

A Teoria Literária Marxista enfatizava a análise das obras literárias a partir de uma perspectiva socioeconômica, destacando as relações de classe, o papel da ideologia e a função política da literatura. Por outro lado, a Escola Formalista, concentrava-se na análise das características formais e técnicas das obras literárias, como estrutura narrativa, estilo e linguagem, com pouca ênfase nos aspectos sociais e políticos. Essas abordagens representavam perspectivas distintas na análise literária, com a Teoria Marxista privilegiando a dimensão social e política enquanto o Formalismo destacava a autonomia da arte e sua estrutura interna.

O teórico refere que a Estética da Recepção leva em conta que o autor ao escrever uma obra considera entre outros fatores, fundamentalmente, o leitor, que vem a ser o destinatário da obra em questão. Afirma também que uma obra não poderá ser lida em diferentes épocas da

mesma maneira visto que os leitores serão sempre diversos e cada vez mais ao longo do tempo, e o que torna uma obra perene é justamente a capacidade que esta terá de encantar e efetivamente comunicar com leitores diferentes em épocas diversas. Jauss afirma ainda que a história da literatura “tradicionalmente, havia sido uma história dos autores, das obras, dos gêneros e dos estilos” (Jauss, 1994:73 [1967]), a Estética da Recepção, portanto, torna possível uma compreensão diferenciada acerca da mesma, tendo como base a experiência do leitor, uma vez que esta teoria destaca a importância da relação dinâmica entre a obra e este último na experiência estética, considerando a interação entre a obra e o seu público, valorizando as expectativas, interpretações e respostas dos leitores como elementos importantes na compreensão do significado e do impacto da obra na sociedade, considerando a diversidade de interpretações possíveis e reconhecendo que o contexto do leitor influencia a forma como uma obra é interpretada e recebida.

Hans Robert Jauss foi o responsável pela sistematização da Estética da Recepção, no entanto pode-se dizer que antes dele vários autores já tinham considerado essa metodologia de estudos. De facto, a Estética da Recepção teve o seu primeiro lampejo nas ideias de Aristóteles em sua *Poética*, na qual o filósofo manifesta preocupação em observar a qualidade da obra de arte a partir da experiência do seu recetor, mostrando que a arte imita a vida e desperta emoções, conseqüentemente inspira ações para a vida real. O filósofo, afirma: “de tudo, a finalidade é o que mais importa” (Aristóteles, 1999:44 [335 a.C.] – *Poética* VI – 32) e “a poesia contém mais Filosofia e circunspeção do que a História; a primeira trata das coisas universais, enquanto a segunda cuida do particular,” “a poesia, desse modo, visa ao universal” (Aristóteles, 1999:47 [335 a.C.] – *Poética* – IX – 50).

Podemos perceber nas afirmações do filósofo que a finalidade da obra literária é o que realmente importa, considerando que a poesia é atemporal uma vez que trata dos sentimentos humanos e suscita acerca destes sensações e reflexões sempre atuais em qualquer época.

A *Poética* aristotélica aborda ainda a questão que posteriormente, aqui, muito nos interessará de que a obra de certa forma, reflete o seu autor, quando afirma: “A poesia assumiu formas diversas, de acordo com o temperamento dos poetas.” (Aristóteles, 1999:40 [335 a.C.] - *Poética* IV – 16). A mesma ideia é abordada no século XX por Roman Ingarden ao referir que: “as obras literárias podem ser vistas como produtos de pura fantasia, puros ‘objetos da

imaginação’ do autor que dependem inteiramente do seu arbítrio e, por isso, não se podem separar das respectivas vivências subjetivas criadoras.” (Ingarden, 1979:32 [1930])

Hans Georg Gadamer, antigo professor de Jauss na Universidade de Heidelberg e ex-aluno de Heidegger, na sua mais renomada obra, *Verdade e Método*, publicada originalmente em 1961, busca uma nova direção para a hermenêutica à qual atribui a função de interpretar a história. O autor aborda a natureza do fenômeno da compreensão, bem como a questão estética:

É assim que quem possui sentido estético sabe separar o belo e o feio, a boa e a má qualidade, e quem possui sentido histórico sabe o que é possível e o que não é possível para uma época, e tem sentido quanto à diversidade do passado em face do presente. (Gadamer, 1997: 58 [1961])

E ainda:

Não se pode determinar algo particular a partir de algo universal, não se pode comprovar nada por coação. Os pontos de vista universais, a que se mantém aberto o formado, não são para ele um padrão fixo, que tenha validade, mas se fazem presentes ante ele apenas como pontos de vista de possíveis outros. É assim que de fato, a consciência formada tem mais o caráter de um sentido. (Gadamer, 1997: 58 [1961])

De facto, Gadamer já abordava a ideia de que a verdade das experiências se trata do resultado do contato entre as pessoas com as obras de arte, desta forma, ao contemplar uma obra de arte, o espectador fica submetido ao que a mesma apresenta.

A Estética da Recepção foi seguida pelas reflexões de Wolfgang Iser que, atuando também na Universidade de Constança na Alemanha, desenvolveu a Teoria do Efeito Estético entrelaçada com a Estética da Recepção. (1996 [1976]) A diferença entre estas vertentes é que Iser abordava fundamentalmente o efeito causado pela obra. De acordo com Iser, a recepção e o efeito formam juntos o princípio central da Estética da Recepção:

A recepção, no sentido estrito da palavra, diz respeito à assimilação documentada de textos e é, por conseguinte, extremamente dependente de testemunhos, nos quais atitudes e reações se manifestam enquanto fatores que condicionam a apreensão de textos. Ao mesmo tempo, porém, o próprio texto é a “prefiguração da recepção”, tendo com isso um potencial de efeito cujas estruturas põem a assimilação em curso e a controlam até certo ponto.

Desse modo, o efeito e a recepção formam juntos os princípios centrais da estética da recepção, que, em face de suas diversas metas orientadoras, operam com métodos histórico-sociológicos (recepção) ou teórico-textuais (efeito). A estética da recepção alcança, portanto, a sua mais plena dimensão quando essas duas metas diversas se interligam. (Iser, 1996:7 [1976])

Segundo Regina Zilbermann, Doutora em Letras pela Universidade de Heidelberg, estudiosa da Estética da Recepção (1989:63-64) o efeito estético “compõe-se de dois fenômenos simultâneos: a compreensão fruidora e a fruição compreensiva.” A autora refere ainda que:

Todavia, cumpre distinguir entre duas modalidades de relacionamento entre o texto e o leitor: de um lado, ao ser consumida, a obra provoca determinado efeito sobre o destinatário; de outro, ela passa por um processo histórico, sendo ao longo do tempo recebida e interpretada de maneiras diferentes – esta é a sua recepção. (Zilbermann, 1989: 64)

Jauss buscava esclarecer as diferenças entre a sua pesquisa e a de Iser, ainda que reconhecesse que as duas temáticas se englobavam entre si. Iser (1996 [1976]) desenvolveu a ideia de que uma obra sempre apresentará lacunas ou indeterminações que serão preenchidas pelo leitor, logo, considera que o sentido de uma obra literária será constituído pelo leitor. Segundo Zilbermann (1989:64) o sentido de uma obra “não corresponde a nenhum conteúdo universal, perene e imutável a ser extraído por um leitor competente; pelo contrário, pode mudar, se o público, a sociedade e a época forem outros.” Wolfgang Iser considera que o leitor é quem imprime o significado ao texto, mas para isto, é de certa forma guiado pela estrutura do mesmo; conceito este também abordado por Roman Ingarden em seu livro *A Obra de Arte Literária*, publicado originalmente em 1930. Neste viés, Iser (1996:63 [1976]) refere que: “Os críticos conhecem, entretanto, vários tipos de leitor, que são invocados quando se trata do efeito e da recepção da literatura.” Segundo ele, destacam-se fundamentalmente o leitor ideal, o leitor contemporâneo e o leitor implícito. O leitor ideal, segundo Iser (1996:63 [1976]) “é suspeito de ser mera construção”, e que “o leitor ideal deveria ter o mesmo código que o autor.” (1996:65 [1976]) Considerando que o autor de um texto seria o seu próprio leitor ideal, o que se contradiz ao analisar que o autor não poderá vivenciar os efeitos provocados pela sua própria obra.

O leitor contemporâneo é abordado por Wolfgang Iser como aquele que “embora existente, dificilmente é concebível como construção suficiente para enunciados abrangentes” (Iser, 1996:63 [1976]) e ainda que “Se focalizarmos o leitor contemporâneo, podemos fazer história da recepção.” (Iser, 1996:64 [1976]). A forma como as obras são avaliadas revela sobre as atitudes e costumes do público. Assim, afirma ainda que: “De qualquer modo, a história da recepção revela as normas de avaliação dos leitores e se torna desse modo um ponto de referência para uma história social do gosto do leitor.” (Iser, 1996:64 [1976])

O leitor implícito, de acordo com Iser “não tem existência real; pois ele materializa o conjunto de preorientações que um texto ficcional oferece, como condições de recepção, a seus leitores possíveis.” (Iser, 1996:73 [1976]) Abordando ainda que:

Se daí inferimos que os textos só adquirem sua realidade ao serem lidos, isso significa que as condições de atualização do texto se inscrevem na própria construção do texto, que permitem constituir o sentido do texto na consciência recetiva do leitor. A conceção do leitor implícito designa então uma estrutura do texto que antecipa a presença do recetor. (Iser, 1996:73 [1976])

A partir desta ideia podemos perceber que um texto literário, segundo Iser “oferece determinados papéis a seus possíveis recetores” (1996:73 [1976]), que por sua vez os desempenharão de acordo com suas próprias experiências e conhecimentos ainda que a partir da estrutura determinada pelo texto.

Ogden & Richards (1976 [1923]) referem que o significado das palavras se define efetivamente no seu uso quando aplicadas a contextos específicos, considerando assim, que existem múltiplos significados, revelados a partir da contextualização, que será diversa, tendo-se em conta as diferenças culturais na sociedade e do tempo.

Martin Heidegger (2005 [1986]) aborda a significação considerando que interpretar é também atribuir significado, isto a partir da bagagem cultural de cada indivíduo, situação histórica, referências dentro de seu mundo particular, educação familiar e outros possíveis fatores, portanto, condições que muitas vezes não estão sob controle do indivíduo. A partir daí podemos considerar que um texto não necessariamente será apreendido da mesma forma pelos leitores de uma mesma época ou sociedade ainda que o texto oriente o leitor como refere Iser em relação ao leitor implícito. (Iser, 1996 [1976])

O que pretendemos enxergar nesta pesquisa é o leitor real, ou seja, a pessoa que manifeste no dia a dia a sua percepção sobre o texto, os sentimentos e sensações suscitados pela obra na vida real de pessoas comuns. Há que se considerar que o gosto pela leitura pode ser muito aprimorado se o leitor perceber que as suas impressões sobre o texto, seus sentimentos e sensações são importantes e aceites como valor agregado à obra lida. Ao compreender que pode se apropriar do significado e da mensagem de um texto o leitor passa a gostar de ler, torna-se ativo e se vê autorizado a vivenciar as mais diversas emoções proporcionadas pelo texto.

É importante compreender o quanto uma história pode permanecer na mente e no coração de uma pessoa. Ao finalizar uma leitura, permanece na imaginação do leitor uma possível sequência que porventura não estava escrita, as pessoas têm a tendência de continuar mentalmente e emocionalmente uma história supostamente finalizada pelo autor da obra. Quem de nós nunca imaginou a continuação de algum dos tradicionais contos de fadas na infância? Tal continuidade dar-se-á de acordo com os sentimentos, expectativas e experiências de vida de cada leitor.

Roland Barthes, semiólogo, escreveu também sobre a relação entre o leitor e a literatura, em sua obra *O Prazer do Texto*, publicada originalmente em 1973, considera fundamentalmente a obra literária como objeto de fruição e afirma que o leitor não necessariamente se compromete com as estruturas do texto ao desfrutá-lo, que existe um certo *jogo* entre escritor e leitor:

Se leio com prazer essa frase, essa história ou essa palavra, é porque foram escritas no prazer (esse prazer não está em contradição com as queixas do escritor). Mas e o contrário? Escrever no prazer me assegura – a mim, escritor – o prazer de meu leitor? De modo algum. Esse leitor, é mister que eu o procure (que eu o “druque”), *sem saber onde ele está*. Um espaço de fruição fica então criado. Não é a “pessoa” do outro que me é necessária, é o espaço: a possibilidade de uma dialética do desejo, de uma *imprevisão* do desfrute: que os dados não estejam lançados, que haja um jogo. (Barthes, 2015:9 [1973])

Barthes refere ainda que: “Interpretar um texto não é dar-lhe um sentido (mais ou menos fundamentado, mais ou menos livre), é, pelo contrário, apreciar o plural de que ele é feito.” (Barthes, 1999:13 [1970]) A partir desta afirmação podemos compreender que o teórico trata a obra literária como algo passível de diferentes recepções por parte de seus leitores, deixando claro que isto não se trata de algo absolutamente liberal:

A interpretação que um texto pede, visado imediatamente no seu plural, não tem nada de liberal: não se trata de conceder alguns sentidos, de reconhecer, magnanimamente, a cada um, a sua parte de verdade: trata-se, contra toda a *in-diferença*, de afirmar o ser da pluralidade, que não é o mesmo do verdadeiro, do provável ou ainda do possível. (Barthes, 1999:13 [1970])

Para Barthes (1999) [1970], os textos podem ser moderados ou integralmente plurais, o que se trata fundamentalmente de serem textos polissêmicos em diferentes medidas, manifestando-se através da utilização da conotação. Segundo o autor, a conotação não é muito aceita pelos críticos filólogos e semiólogos que afirmam que os textos vêm a ser detentores de sentidos absolutos ou verdadeiros e a língua sistema absoluto de regras, dicionário e sintaxe. Barthes, entretanto, manifesta-se a favor da conotação e afirma que

“negar universalmente a conotação é abolir o valor diferencial dos textos” (Barthes, 1999:14 [1970]). Barthes (1999:19-20 [1970]) aborda a questão da releitura dos textos, afirma que se estivermos buscando compreender a pluralidade de um texto “é necessário que a leitura seja também plural” de maneira que o texto se vá reconstituindo, adquira certa continuidade e revele a sua pluralidade, segundo o teórico “o texto plural: igual e novo, e não o ‘verdadeiro’ texto.”

Outro importante teórico que abordou a questão da interpretação dos textos e da recepção foi Umberto Eco que, ao discutir as possibilidades de interpretação, aborda o que chama de ‘intenção do texto’. (Eco, 2018 [1992]) O autor refere que:

O debate clássico tinha por objetivo descobrir num texto ou o que o seu autor pretendia dizer, ou o que o texto dizia independentemente das intenções de seu autor. Só depois de aceitar a segunda alternativa do dilema é que podemos perguntar se aquilo que foi encontrado é o que o texto diz em virtude de sua coerência textual e de um sistema de significação subjacente, ou é o que os destinatários descobriram nele em virtude de seus próprios sistemas de expectativas. (Eco, 2018:74-75 [1992])

A partir desta consideração, podemos perceber a interação entre leitor e texto. Fica clara a participação do leitor na compreensão do texto a partir do seu horizonte de expectativas, mas em que medida este leitor de fato consegue interagir com a ‘intenção do texto’? Eco refere que o texto tem como intenção fundamental interagir com o ‘leitor- modelo’, este leitor “não é o que faz a ‘única’ conjetura ‘certa’. Um texto pode prever um leitor-modelo com o direito de fazer infinitas conjeturas.” (Eco, 2018:75 [1992]) Eco refere ainda que a intenção do autor em um texto será efetivamente nítida e procurada nos casos onde há um destinatário específico, o que seriam cartas ou mensagens particulares. Porém se um texto é escrito para ser publicado e encontrar leitores ao redor do mundo, este será interpretado de várias maneiras de acordo com os diferentes leitores com suas variadas características culturais em épocas diversas e neste caso, a intenção do autor pode não ser considerada nem procurada pelos leitores. É importante salientar que ao ter contato com textos literários seria ideal que os leitores tivessem ao menos algum conhecimento histórico e cultural da época em que se produziram os textos, disto depende a lúcida interpretação e consideração das reais ‘intenções do texto’. Eco refere que a simples significação de algumas palavras pode adquirir conotações muito diferentes ao longo dos anos, isto pode deturpar completamente a interpretação de um texto e afastar totalmente o leitor da ‘intenção do texto’, de certa forma, dos princípios e intenções também do autor.

Iluminados pela Estética da Recepção e pela Teoria do Efeito que fundamentalmente estudam o leitor, como este recebe a obra literária e quais os efeitos que esta lhe pode causar; realizaremos um estudo sobre a recepção e o efeito da obra de Clarice Lispector nos leitores reais da atualidade, pessoas adultas com diferentes escolaridades e faixas etárias.

1.2. O Leitor Real

Desde a Antiguidade, a leitura fascina as pessoas, inicialmente porque era capacidade para poucos que tinham a oportunidade de serem alfabetizados. Era o desvendar de um novo mundo, novas ideias, os leitores eram envolvidos em mistérios, como conhecedores únicos de informações e teorias impensadas pelos não leitores. Manguel (2021 [1996]) ao abordar as várias formas de ‘ler’ o mundo, afirma que para os verdadeiros leitores “Ler as letras de uma página é apenas um de seus muitos disfarces” (Manguel, 2021:23 [1996]). Afirma que é possível fazê-lo de outras maneiras:

E, contudo, em cada caso é o leitor que lê o sentido: é o leitor que confere a um objeto, lugar ou acontecimento uma certa legibilidade possível, ou que a reconhece neles: é o leitor que deve atribuir significado a um sistema de signos e depois decifrá-lo. Todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é nossa função essencial. (Manguel, 2021:24 [1996])

Ao pensar a leitura desta forma, podemos perceber o quanto é importante o ato de ler. Lamentavelmente vemos que a essencial leitura vem sendo preterida na sociedade moderna, muito são abordados os meios de comunicação por áudio ou vídeo e o uso excessivo de telas; os livros, principalmente os físicos, são vistos como objetos antigos. Ao perguntar em uma sala de aula de língua portuguesa para alunos adultos, a maioria afirmou não ter o hábito de ler, muitos afirmaram que nunca haviam lido um livro inteiro. Buscamos nesta pesquisa tratar do leitor real, mas o que vem a ser o leitor real? Podemos responder a esta questão considerando a pessoa que lê, ou que pode ler, com as suas deficiências e eficiências e que não necessariamente seja um leitor convicto ou tenha a intenção de o ser. Tratamos da pessoa real no pleno sentido da palavra, a que existe e está sentada em um banco de escola em busca de conhecimentos, independentemente da idade, escolaridade, profissão, situação financeira ou o que quer que seja. Pensamos aqui, na pessoa disposta e desejosa de aprendizado. Segundo Eagleton (2019 [1983]), sem a participação dos leitores não haveria obra literária:

O texto, em si, realmente não passa de uma série de “dicas” para o leitor, convites para que ele dê sentido a um trecho de linguagem. Na terminologia da teoria da recepção, o leitor “concretiza” a obra literária, que em si mesma não passa de uma cadeia de marcas negras organizadas numa página. Sem essa constante participação ativa do leitor, não haveria obra literária. (Eagleton, 2019:116 [1983])

De acordo com Iser (1996 [1976]), o leitor ideal de um texto só poderia ser o seu próprio autor, outros leitores farão seus próprios juízos de um texto a partir das pistas fornecidas pelo mesmo, tais juízos sempre ocorrerão de acordo com as particularidades culturais de cada leitor.

Segundo Bakhtin (2011 [1979]), entre o escritor e o leitor se estabelece um certo diálogo através do texto, no qual o leitor pensa e sente o mundo pelos olhos do autor, fica estabelecida uma identificação, por vezes profunda, na qual o leitor, de certa forma, vivencia experiências e sensações a respeito do mundo e da vida. Neste mesmo viés, temos também a afirmação de Tinoco (2010):

O texto precisa ser visto como elemento ativo que, submetido à recepção feita pelo leitor, depende da disposição e eficiência deste para compor, eficazmente, o conjunto de informações “recebidas”. Assim, ao ler, o leitor experimentaria a situação de estar “pensando o pensamento do outro”, o que gera aquisição de informações positivas e negativas.” (Tinoco, 2010:21)

O fato de os estudantes terem a oportunidade de serem valorizados a sua recepção acerca dos textos, estimula e proporciona o gosto pela leitura. O aluno pode apropriar-se das ideias do texto e pensá-las livremente a partir do seu próprio conhecimento de mundo, isto desmistifica a leitura e a aproxima das pessoas comuns que, com a prática de constantes leituras alargarão a visão de mundo e ampliarão conhecimentos diversos acerca da vida. O leitor, absolutamente, não apenas decodifica o texto, vai muito mais além, Barthes (2012 [1984]), menciona o leitor total, que é onipresente diante do texto e desta forma, capaz de captar a “multiplicidade simultânea dos sentidos, dos pontos de vista, das estruturas, como um espaço estendido fora das leis que proíbem a contradição”. (Barthes, 2012:41 [1984])

Essa imaginação de um leitor total – quer dizer, totalmente múltiplo, pragmático – tem talvez uma coisa de útil: permite entrever o que se poderia chamar de Paradoxo do leitor: admite-se comumente que ler é decodificar: letras, palavras, sentidos, estruturas, e isso é incontestável; mas acumulando as decodificações, já que a leitura é, de direito, infinita, tirando a trava do sentido, pondo a leitura em roda livre (o que é a sua vocação estrutural), o leitor é tomado por uma inversão dialética: finalmente, ele não decodifica, ele *sobrecodifica*; não decifra, produz, amontoa linguagens, deixa-se infinita e incansavelmente atravessar por elas: ele é essa travessia. (Barthes, 2012:41 [1984])

Barthes (2012 [1984]), aborda o que podemos chamar de ‘morte do autor’, ao considerar que se afastarmos o autor da obra, seria inútil ou impossível tentar decifrá-la, e que “Dar ao texto um Autor é impor-lhe um travão, é provê-lo de um significado último, é fechar a escritura.” (Barthes, 2012:63 [1984])

No caso da obra de Clarice, em que podemos perceber profundamente a presença da autora, como se daria tal processo? Podemos considerar que, embora vejamos claramente a presença da autora nas obras, Clarice sempre deixa aberta a possibilidade de reflexão, muitas vezes observamos nitidamente a exposição de seus sentimentos, o que, inevitavelmente suscita emoções particulares em cada leitor. Por vezes, a autora relata seus sentimentos e sensações como incertos e passíveis de mudança. Como ter então a possibilidade de “fechar a escritura”? Parece que na obra de Clarice, tal ‘fechamento’ não pode acontecer. Daí advém a multiplicidade em seus textos, o que possibilita diversas interpretações e o suscitar de sentimentos e sensações diferentes a cada leitura ou a cada leitor.

Por este mesmo viés é lançado o olhar de Eco (1991:253 [1968]) acerca das obras literárias, referindo que o artista, no caso, o escritor, “se comprometeu com o mundo em que vive, ao usar um linguagem que ele próprio – artista – crê ter inventado mas que, na realidade, lhe foi sugerida pela situação na qual se encontra; e contudo esta era a única escolha que lhe restava...”, em outras palavras, a obra literária será condizente com a realidade histórica em que for produzida e sobretudo com a realidade do escritor ainda que não de forma clara e assumida, mas ao menos influenciada. Fato é que os estudiosos somente poderiam encerrar tal questão se fosse possível indagar os autores a respeito de cada obra produzida. Desta forma é importante que os leitores sejam de certa forma ‘emancipados’ a fim de atribuir sentido às obras literárias, Tinoco (2010), ao abordar a Estética da Recepção, cita Jauss:

Jauss, ao caracterizar o sentido da experiência estética, avalia por que é importante entendê-la como elemento que possibilita a emancipação do leitor-receptor. O estudioso considera que, sobretudo, tal “sentido emancipatório” permitiria que a pessoa avaliasse criticamente a rotina de seu dia a dia, imprimindo nela a necessidade de uma percepção original ante os acontecimentos da vida e da arte. Tal percepção criaria um sentido de noção de essência estética, ao mesmo tempo em que aprimoraria a compreensão da vida prática como elemento original de relacionamento social com as outras pessoas. (TINOCO, 2010:27-28)

Assim, o nosso trabalho visa dar importância e validar a interpretação dos leitores frente a diversos textos a partir da sala de aula a fim de que as pessoas em geral possam se apaixonar pela leitura, seja ela de qualquer teor, o que certamente poderá retomar na sociedade atual o

valor dos livros, desmistificando a ideia de que os mesmos são objeto apenas para acadêmicos ou estudiosos, popularizando a leitura e estendendo ao alcance de todos os seus muitos benefícios.

Os princípios da Estética da Recepção visam, sobretudo, a restauração do prazer de ler. Na opinião de Tinoco (2010:33), “a imagem do leitor-real difunde-se feito objeto de convergência e ampliação de informações. No âmago dessa difusão, o coração e a razão são ferramentas essenciais à produtiva recepção da arte e da sociedade.” Tal restauração e difusão se fazem essenciais na atualidade, principalmente nas salas de aula de língua portuguesa a fim de instaurar nas gerações futuras o amor pela leitura, pela arte promovendo assim, uma sociedade mais humana e acolhedora.

1.3. Clarice Lispector

Clarice Lispector nasceu na Ucrânia, numa pequena cidade chamada Tchetchelnik em 1920, chegou ao Brasil com apenas dois meses de idade. A família aportou no Nordeste, em Maceió, capital do estado de Alagoas em fevereiro de 1921 onde permaneceu durante três anos e meio. Posteriormente a família fixou-se no Recife, Clarice tinha quase quatro anos e ali permaneceu até os doze anos. Mudaram-se então para o Rio de Janeiro, onde Clarice estudou e iniciou sua carreira. (Gotlib, 1995) Segundo Gotlib (1995), Clarice Lispector contou em uma entrevista que viveu sempre perto do mar. Algumas viagens que fez na infância foram de navio, o meio de transporte mais comum naquela época. Poder-se-á observar na obra de Clarice as muitas vezes em que menciona o mar e o quanto ele é presente em sua vida e em muitos momentos, é uma fonte de inspiração. Teve uma infância bastante pobre e a mãe doente; enquanto criança não se deixava abater pela vida difícil, era uma criança muito alegre. No entanto a doença da mãe e a pobreza foram fatos marcantes da sua vida. Segundo Gotlib (1995), podemos observar a visão da própria Clarice acerca de sua infância:

“Nós éramos bastante pobres e ainda havia doença em casa. E eu era tão alegre que escondia a dor de ver aquilo tudo.” Mas sente-se despreocupada, “apesar de toda a dor que eu via”. Estava delineado um perfil de comportamento da criança: de um lado, a tristeza, a dor, o sofrimento; de outro, a alegria e a despreocupação que levam a mascarar os sentimentos tristes. “Olha, eu não

tinha consciência, eu era tão alegre que eu escondia de mim a dor de ver minha mãe assim! Eu... eu... eu era tão...tão viva!” (Gotlib, 1995:69)

Clarice aprendeu a ler com sete anos e os livros sempre a fascinaram. Em um depoimento, a escritora declara:

Depois, quando eu aprendi a ler e a escrever, eu devorava os livros! Eu pensava, olha que coisa! Eu pensava que livro é como árvore, é como bicho: coisa que nasce! Não descobria que era um autor! Lá pelas tantas, eu descobri que era um autor. Aí disse: ‘Eu também quero’. (Gotlib, 1995:86-87)

Clarice casou-se em 1943 com o diplomata Maury Gurgel Valente, com quem teve dois filhos. Devido à profissão do marido viajava muito e viveu em vários países, como Suíça, Inglaterra, Itália e Estados Unidos e, com o fim do casamento em 1959, retorna ao Rio de Janeiro. Em 1967 Clarice fica extremamente ferida por causa de um incêndio em seu apartamento, ficou entre a vida e a morte por três dias, teve marcas irreversíveis nas pernas e ficaram para sempre prejudicados os movimentos da mão direita. Acerca disso, revela em uma entrevista: “Só posso dizer que passei três dias no inferno, aquele que – dizem – espera os maus depois da morte. Eu não me considero má e o conheci ainda viva.” (Gotlib, 1995:367)

Considerada como uma das maiores escritoras do Modernismo brasileiro, a autora é conhecida sobretudo por seus textos subjetivos, sua forma de revelar emoções e envolver os leitores. Clarice ocupa um lugar de destaque na literatura brasileira. Suas narrativas não são repletas de acontecimentos relevantes ou extraordinários, ocupam-se de pensamentos, sensações, sentimentos e angústias dos personagens, o que sobressai em seus textos é como os personagens reagem e se sentem diante de fatos do cotidiano. Seu olhar penetrante sobre pessoas e coisas simples da vida, desnuda o leitor e o coloca diante de si mesmo, surpreendido por reflexões e pensamentos jamais suscitados anteriormente. Os textos de Clarice não apresentam dificuldades de entendimento, ou seja, não requerem que o leitor utilize um dicionário para bem compreendê-los, o leitor precisa de um repertório emocional, vivo e lúcido para interagir com os seus textos. A subjetividade é, de facto, o traço marcante em toda a obra de Clarice, profunda e reflexiva, ela mesma se define da seguinte forma:

O que sou então? Sou uma pessoa que tem um coração que por vezes percebe, sou uma pessoa que pretendeu pôr em palavras um mundo ininteligível e um mundo impalpável. Sobretudo uma pessoa cujo coração bate de alegria levíssima quando consegue em uma frase dizer alguma coisa sobre a vida humana ou animal. (Lispector, 1999:149 [1984])

A escrita de Clarice é inovadora, clara e atemporal. Revela profundidades aos leitores mais atentos; trata dos sentimentos, das coisas simples, faz-nos entender o quanto as situações corriqueiras do dia a dia são repletas de emoções e sentimentos. A representatividade do “eu” é muito forte enquanto objeto de reflexão, de descobertas e de observação do mundo na escrita de Clarice. É considerada uma escritora bastante intimista. A autora escreve linhas e entrelinhas, seus textos significam muito além das palavras, cria situações muito vivas, reflexivas e densas de sensações e sentimentos que absorvem os leitores, que conseguem estar “dentro” das histórias, desperta sentimentos diversos acerca da vida. A tamanha liberdade com a qual Clarice manifesta em seus textos sentimentos e sensações tão profundamente, suscita nos leitores, ou pelo menos na maioria deles, a mesma liberdade de sentir e de ir ao fundo de si mesmo relembrando sentimentos ocultos, esquecidos, talvez distantes em suas vidas. A obra de Clarice funde-se inevitavelmente com a experiência de vida, as reflexões e inquietudes dela mesma, isto se poderá observar em vários textos da autora. Embora não se possa deixar de mencionar que: “Nem se pode confiar em tudo que a narradora-Clarice afirma, já que ela por vezes dissimula e inventa.” (Gotlib, 1995:73) De acordo com Gotlib (1995), Clarice foi uma criança muito apegada a animais de estimação, em sua obra menciona galinhas, peixes, gatos, macacos... Seria *Lisette* personagem do conto *Macacos*, uma memória? Ou podemos afirmar que seria a própria autora a menina que amava as galinhas que se chamavam *Pedrina*, *Petronilha* e *Eponina*, no conto *Uma história de tanto amor*? Gotlib afirma: “O que é real e o que é ficção? - nunca poderemos identificar com certeza.” (Gotlib, 1995:73)

Antonio Cândido, no seu texto intitulado “No raiar de Clarice Lispector”, escrito em 16 de julho de 1944 na coluna semanal “Notas de Crítica Literária”, que o autor manteve entre 1943 e 1945 no jornal Folha da Manhã e que hoje integra a obra *Vários Escritos* (1977 [1970]) fala do lançamento do livro *Perto do Coração Selvagem* (1943), romance de estreia de Clarice, trata a obra, bem como a autora, como grandes descobertas: “tive verdadeiro choque ao ler o romance diferente que é *Perto do coração selvagem* de Clarice Lispector, escritora até aqui completamente desconhecida para mim.” (Cândido, 1977:127 [1970]) Naquele momento, o crítico já vislumbrava o quão grande viria a ser Clarice Lispector na literatura brasileira. Ao abordar a sua obra e observar as características de sua escrita, afirmou:

Com efeito, este romance é uma tentativa impressionante para levar a nossa língua canhestra a domínios pouco explorados, forçando-a a adaptar-se a um pensamento cheio de mistério, para o qual sentimos que a ficção não é um exercício ou uma aventura afetiva, mas um instrumento real do espírito, capaz de nos fazer penetrar em alguns labirintos mais retorcidos da mente. (Cândido, 1977: 127 [1970])

A crítica tecida por Cândido a este primeiro romance de Clarice não é de todo positiva, mas atribui-lhe um inestimável valor e certamente direciona o olhar da sociedade e possivelmente de outros críticos da época para as próximas obras da autora. O texto de Cândido é finalizado da seguinte forma:

Soube transformar em valores as palavras nas quais muitos não veem mais do que sons ou sinais. A intensidade com que sabe escrever e a rara capacidade da vida interior poderão fazer desta jovem escritora um dos valores mais sólidos e, sobretudo, mais originais da nossa literatura, porque esta primeira experiência já é uma nobre realização. (Cândido, 1977:131 [1970])

O crítico deixa claro, desta forma, que Clarice, já com o seu primeiro romance surpreendeu leitores e críticos. A partir daí foi conquistando leitores, o que até os dias de hoje permanece da mesma forma, é impossível manter-se impassível diante de um texto da autora. Nesse sentido Gotlib afirma:

Eis o que a literatura de Clarice nos traz: em meio à banalidade do cotidiano, a rutura do tempo histórico, mergulhando numa outra realidade que se eterniza e se repete no gosto doce e amargo das coisas de que somos feitos. Essa experiência – de passeio pelo jardim ou de leitura dessa Clarice – realça a inevitável convivência com a difícil realidade da condição humana. (Gotlib, 1995:77)

A leitura de Clarice é uma experiência viva, que faz o leitor viver, sentir e renascer a cada linha, traz a percepção de que somos todos seres inacabados, sempre haverá novas formas de ver e refletir acerca do que quer que seja. São experiências por vezes viscerais, um contato íntimo consigo mesmo que proporciona descobertas e reflexões inesperadas.

1.4. Contos de Clarice Lispector

Podemos considerar contos como narrativas curtas, com apenas um conflito e poucos personagens. No entanto, os contos de Clarice Lispector são muitas vezes difíceis de classificar. Sendo textos narrativos, que fundamentalmente representam fatos que se desenvolvem numa ordem cronológica e caminham para o desfecho da história, podemos dizer que os contos são caracterizados como narrativas de ficção em prosa, simples e lineares. Os contos de Clarice, no entanto, apresentam conflitos menores em torno do maior

conflito do texto, caracterizados muitas vezes pelos sentimentos das personagens. Somos da opinião que suas narrativas são extremamente poéticas e que a subjetividade com que são construídas deixam-nas muitas vezes em uma classificação entre o conto e a crônica. Isto pode ser observado pelos textos que foram inicialmente publicados como crônicas no Jornal do Brasil e que posteriormente passaram a figurar em coletâneas de contos, é o caso dos quatro contos abordados neste estudo. Os contos de Clarice, em sua maioria, iniciam-se de forma abrupta, o leitor é jogado dentro de uma ação em curso sem que tenha nenhum conhecimento prévio acerca de qualquer informação sobre a situação ou as personagens. Trazem fatos comuns que se transformam em extraordinários através da sua maneira tão envolvente de transmitir sentimentos e sensações, como aponta Gotlib:

De qualquer modo, acontecendo ou não o extraordinário, os contos são mais ‘difusa repercussão’² que o ‘fato inicial’². Essa metáfora poderia ser usada também para o papel do leitor que, de repente, se vê mergulhado nessa pungência: encontra-se atingido num ponto vulnerável em que difusamente eclodem as repercussões dos fatos. (GOTLIB, 1995:347)

Os contos que serão utilizados na presente pesquisa serão brevemente abordados a fim de que se possa perceber as suas características fundamentais, bem como compreender em que medida os mesmos poderão oferecer alguma dificuldade de compreensão aos leitores em geral. Abordaremos quatro contos de Clarice na presente pesquisa, são eles: *Cem anos de Perdão*, *A repartição dos pães*, *Uma esperança* e *Felicidade Clandestina*, que constam todos da coletânea de contos intitulada *Felicidade Clandestina*, publicada em 1971.

Cem anos de perdão foi publicado inicialmente no Jornal do Brasil, onde Clarice foi colunista por vários anos, em 25 de julho de 1970 e em 1971 passou a integrar a coletânea de contos intitulada *Felicidade Clandestina*. Pode ser considerado um conto no qual a autora funde-se fortemente com a narradora da história, deixando transparecer muitos traços da infância pobre de Clarice. O referido conto se passa na Recife de outrora que era calma, menos movimentada que nos dias atuais, mas já exibia as marcas da distância social, um lado repleto de fartura e casarões devidamente separados por altos muros e grades, das casas pequenas e pobres onde viviam as pessoas menos favorecidas, entre elas, Clarice e sua família. O primeiro parágrafo deste conto é bastante impactante:

² Este trecho faz referência ao segundo parágrafo do conto “Os Obedientes” que integra a coletânea denominada *A Legião Estrangeira* (Lispector, 1996 p.113)

“Quem nunca roubou não vai me entender. E quem nunca roubou rosas, então, é que jamais poderá me entender. Eu, em pequena, roubava rosas.” (Lispector, 1981:60 [1971])

O uso da primeira pessoa verbal confere ao texto um ar confessional e subjetivo, muito próprio de Clarice. O conto segue contando a brincadeira de ‘essa casa é minha’, entre as duas amigas que protagonizam a história, até que se dá o momento em que a criança vê a rosa e a deseja para si. Em uma mistura de ruptura das regras, no caso, invadir a casa e roubar a rosa; e sensualidade, ao expressar o seu desejo de possuir a rosa, o roubo ocorre. A menina, satisfeita, emocionada e vitoriosa, leva a rosa para casa e a coloca em um copo com água ‘onde ficou soberana’. (Lispector, 1981:62 [1971]) A narradora afirma que este ato se sucedeu muitas outras vezes e confessa que roubava também pitangas. O último parágrafo do texto é tão impactante quanto o primeiro:

“Nunca ninguém soube. Não me arrependo: ladrão de rosas e de pitangas tem cem anos de perdão. As pitangas, por exemplo, são elas mesmas que pedem para ser colhidas, em vez de amadurecer e morrer no galho, virgens.” (Lispector, 1981:62 [1971])

O conto tem um linguajar simples, acessível a todos enquanto decodificação da escrita, o que o enriquece é justamente a abordagem das sensações, sentimentos e a questão moral acerca dos roubos cometidos.

O conto *A repartição dos pães*, foi publicado inicialmente no volume de contos intitulado *A legião estrangeira* em 1964; em 21 de junho de 1969, foi publicado no *Jornal do Brasil* com o título *Olhava longe, sem rancor* com algumas alterações; posteriormente passou a integrar a coletânea *Felicidade Clandestina* lançada em 1971. Este conto traz como cerne da história uma celebração à vida, à simplicidade e ao mais puro e natural do ser humano. A história se inicia com um estado psicológico de profunda contrariedade, no qual as personagens que estão convidadas para um almoço não estão dispostas a ‘repartir o sábado’. (Lispector, 1981:89 [1971]) Este estado de ânimo é absolutamente modificado no momento do acesso à mesa, a generosidade com que a dona da casa a preparou desperta nos convidados presentes infinitas sensações e o afloramento do humano em cada qual é evidente, fica estabelecida a ‘trégua’ entre os convivas e ‘a cordialidade era rude e natural’. (Lispector, 1981:91 [1971]) A fraternidade compartilhada é a própria manutenção e amparo da vida, as pessoas, estranhas, são absolutamente livres e partilham o alimento como dádiva de certa forma

divina e natural. É finalizado com a frase impactante: “Pão é amor entre estranhos.” (Lispector, 1981:92 [1971])

O conto provoca sentimentos, pensamentos e reflexões, os leitores mais atentos, serão de fato emocionados pelo texto, pois o mesmo traz a ideia da simplicidade, das necessidades básicas dos seres humanos, mostrando o quanto a vida moderna pode parecer fútil. Os leitores mais superficiais talvez pouco o compreendam.

Outro conto aqui abordado é *Uma esperança*, que foi publicado em 10 de maio de 1969, como crônica, no Jornal do Brasil. Em 1971, o referido conto passou a integrar também a coletânea *Felicidade Clandestina*. Este conto aborda um momento em família no qual surge um inseto popularmente chamado de ‘esperança’, uma pequena criatura verde que tem exatamente o formato de uma folha. Dá-se que o referido inseto surge em uma parede e instala-se a discussão entre a protagonista e os filhos sobre como é frágil o inseto e paralelamente, a esperança. Com o surgimento de uma aranha, que poderia cruelmente ‘matar a esperança’, questiona-se a ideia de se era hora de ‘perder a esperança’. Narrado em primeira pessoa, o texto funde as ideias entre a esperança sentimento e a esperança inseto num jogo de palavras e sentimentos que enredam o leitor e fazem refletir acerca da vida. Escrito em um tom confessional e muito subjetivo, traz aos leitores o sentimento de cumplicidade e identificação com a protagonista. Bem aos moldes de Clarice, o texto começa de forma instigante: “Aqui em casa pousou uma esperança”. E termina ainda suscitando pensamentos: “Fiquei extremamente quieta como se uma flor tivesse nascido em mim. Depois não me lembro mais o que aconteceu. E, acho que não aconteceu nada.” (Lispector, 1981:95 [1971])

Por fim, *Felicidade Clandestina* que dá nome à coletânea na qual foi publicado em 1971, é também abordado nesta pesquisa. O referido texto foi publicado inicialmente no Jornal do Brasil, como crônica, em 2 de setembro de 1967 com o título de *Tortura e Glória*. A crônica tem a linguagem sutilmente mais sucinta. No conto podemos observar o acréscimo de algumas palavras que o enriquecem de detalhes e pormenorizam características de personagens, situações ou sentimentos. O conto narra a história de uma menina pobre, amante dos livros, que tem uma colega de escola que é filha do dono de uma livraria. Pode-se observar o sadismo com que a menina filha do dono da livraria inventa desculpas e adia o empréstimo do livro *Reinações de Narizinho* de Monteiro Lobato que a colega havia

pedido emprestado. A garota pede que a colega vá até a sua casa para buscar o livro sucessivas vezes e a cada uma delas há um motivo para não emprestar o livro tão desejado. Tal adiamento faz aumentar na pequena menina o desejo pelo livro e as emoções são exploradas fortemente no texto caracterizando uma verdadeira tortura. Isto se dá até o momento em que a mãe da menina que promete emprestar o livro percebe o que se passa e obriga a filha a emprestar o livro imediatamente, dizendo à outra criança: “E você fica com o livro por quanto tempo quiser.” (Lispector, 1981:10 [1971]) Tal afirmação suscita sensações e sentimentos intensos, uma profunda satisfação por poder estar com o livro “por quanto tempo quiser”. A garota então adia o momento de ler para que a sensação de felicidade dure mais. Neste final do conto fica clara a ideia da “felicidade clandestina”: “A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia.” Todo o desejo que a menina nutria pelo livro, que ao longo do texto tem ares de sensualidade, é coroado com a afirmação final: “Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.” (Lispector, 1981:10 [1971]) Segundo Gotlib (1995:99-103) houve um momento na vida de Clarice em que ela realmente teve uma colega de escola cujo pai era dono de livraria e se sucedeu algo muito parecido com o que é relatado no conto *Felicidade Clandestina*. Desta forma, podemos observar que os contos de Clarice aqui abordados, bem como muitos outros, entrelaçam sem dúvida a vida da escritora com a das suas personagens, pelo que se pode perceber, a autora não se afasta de sua obra, mas sim funde-se nela.

Os contos aqui apresentados foram escolhidos entre os tantos de autoria de Clarice Lispector para integrarem esta pesquisa e foram apresentados a estudantes em sala de aula, de diversas formas, a fim de se perceber as possíveis diferentes interpretações, sensações e sentimentos causados pelos mesmos.

1.5. Crônicas de Clarice Lispector

As crônicas aqui abordadas foram escolhidas entre as publicadas no Jornal do Brasil, onde Clarice foi colunista no Rio de Janeiro de 1967 até 1973. A crônica é, um gênero textual bastante utilizado na atualidade. Segundo Bakhtin (2011 [1979]), a língua é empregada em forma de enunciados que são utilizados de acordo com a finalidade da comunicação. O linguista classifica os gêneros em primários e secundários, sendo os primários os que tratam da vida cotidiana e os secundários mais complexos. Desta forma, podemos classificar a

crônica como gênero primário, uma vez que trata da vida cotidiana. As crônicas de Clarice são, como de certa forma, toda a sua obra, extremamente subjetivas, embora, segundo Gotlib (1995), ela mesma chegou a argumentar em conversas com o amigo e também escritor Rubem Braga, que o gênero crônica a obrigava a contar coisas pessoais, o que ela faz, ainda que isso a desagradasse.

Na crônica publicada no Jornal do Brasil no dia 14 de novembro de 1970, intitulada *Esclarecimentos – explicação de uma vez por todas*, a autora diz que:

“Recebo de vez em quando carta perguntando-me se sou russa ou brasileira, e me rodeiam de mitos. Vou esclarecer de uma vez por todas: não há simplesmente mistério que justifique mitos, lamento muito.” (Lispector, 1999:319 [1984])

Tal crônica discorre sobre informações pessoais sobre as quais a autora parece estar cansada de ser indagada e no final, reflete sobre como teria sido a sua vida caso a família tivesse ido para outro lugar que não o Brasil, acerca disto, podemos refletir e ousamos afirmar: que sorte a nossa! Os países lusófonos podem desfrutar da obra de Clarice sem a necessidade de traduzir os textos, pois, as traduções nem sempre conservam certas sutilezas e pormenores que se revelam dentro da cultura de um povo, Umberto Eco ao abordar a questão das traduções de obras literárias, afirma:

“mesmo sabendo que nunca se diz a mesma coisa, se pode dizer *quase* a mesma coisa. A essa altura, o problema já não é tanto a ideia da *mesma* coisa, nem a da própria *coisa*, mas a ideia desse *quase*. Quanto deve ser elástico esse *quase*?” (Eco, 2011:8 [2003])

As crônicas escolhidas para integrar a presente pesquisa são as seguintes:

- *Brincar de pensar*, publicada em 19/08/1967;
- *A descoberta do mundo*, publicada em 06/07/1968;
- *Aprendendo a viver*, publicada em 28/12/1968;
- *O milagre das folhas*, publicada em 04/01/1969;
- *Banhos de mar*, publicada em 25/01/1969;
- *Conversa puxa conversa à-toa*, publicada em 16/05/1970;
- *Medo da eternidade*, publicada em 06/06/1970;
- *O passeio da família*, publicada em 24/04/1971;

- *Ainda impossível*, publicada em 19/02/1972;

- *O ato gratuito*, publicada em 08/04/1972.

Nas crônicas aqui abordadas poderemos perceber traços relacionados à vida e à pessoa de Clarice Lispector, o que novamente nos leva a concluir que na obra de Clarice não conseguimos afastar o escritor de sua obra.

A primeira crônica aqui mencionada *Brincar de pensar*, fala sobre ‘a arte de pensar’, isto é, como isto se dá, os sentimentos e sensações que pode causar, como também os ‘riscos’ que tem. A autora aborda o tema de maneira muito subjetiva e parece estar avisando às pessoas que desejarem brincar de pensar quais os riscos que poderão correr.

O próximo texto trata-se de *A descoberta do mundo*, a crônica parece absolutamente confessional, a autora revela como descobriu o ‘mistério da vida’ que se trata “da relação profunda de amor entre um homem e uma mulher, da qual nascem os filhos.” (Lispector, 1999:114 [1984]) Trata tal descoberta como, de certa forma, traumática no princípio e só posteriormente aceitável e vista como bonita. O deslumbramento que manifesta diante de coisas da vida encanta o leitor e traz reflexões profundas.

Na crônica *Aprendendo a viver*, a autora menciona Henry David Thoreau, um filósofo americano que viveu entre 1817 e 1862. A autora aborda, embasada nas teorias do filósofo, a questão do bem viver sem se importar com a opinião alheia e sobre aproveitar o tempo presente. É um texto otimista, escrito no fim do ano e termina com votos de Feliz Ano Novo por parte da autora.

O milagre das folhas é uma crônica de esperança e podemos até mesmo dizer, de fé. Fala de milagres, pequenas coisas, coincidências e o modo de vê-las. Escrita na primeira pessoa, aborda tais questões de modo profundo e sublime.

Em *Banhos de mar*, a autora fala de um tempo muito feliz no Recife quando ia com a família bem cedo pela manhã tomar banhos de mar. É profunda a maneira como transmite o sentimento que nutre pelo mar e o quanto aqueles banhos de mar a revigoravam e transformavam os seus dias em pura felicidade.

Conversa puxa conversa à- toa é uma crônica que se inicia a partir de uma melodia que a cozinheira cantarolava sem palavras, a autora a questiona de quem era a canção ao que a

moça responde: “é bobagem minha mesmo.” (Lispector, 1999:289 [1984]) Segue-se então a reflexão e o questionamento sobre como as pessoas podem ser criativas sem considerar que o são. Há ainda reflexões profundas sobre o mundo, o futuro e a individualidade das pessoas.

Em *Medo da eternidade* a autora relata um momento da infância, quando pela primeira vez masca chicletes. A crônica se inicia com a seguinte frase: “Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.” (Lispector, 1999:289 [1984]) Tal início leva o leitor a esperar um tema mais complexo, porém em torno de algo simples como provar chicletes, a autora revela sentimentos profundos acerca da ideia da liberdade e da eternidade.

Na crônica *O passeio da família*, mais uma vez, a autora retrata momentos em família nos quais é possível perceber que a família vivia com certa dificuldade financeira e todos se esforçam para ter bons momentos juntos apesar das dificuldades. O que chama a atenção neste texto é a escolha infeliz feita pela criança quanto ao ‘Ovomaltine de bar’, depois de prová-lo, não gostou, mas sente que tem obrigação de gostar para que a família não se sentisse mal: “Mentiu que era ótimo porque de pé eles presenciaram a experiência da felicidade cara: dela dependia que eles acreditassem ou não num mundo melhor?” (Lispector, 1999:342 [1984]) Podemos perceber o peso enfrentado pela criança, a responsabilidade que sentia pela felicidade dos familiares.

Em *Ainda impossível*, a autora rememora seus tempos de criança, quando escrevia textos e os enviava para que fossem publicados na seção infantil de um jornal e os seus textos jamais foram escolhidos. Ela mesma justifica o insucesso afirmando que todos contavam algum acontecimento, menos os seus. Questiona então se já estaria pronta para prosseguir com ‘Era uma vez’ e faz a tentativa escrevendo a primeira frase e descobrindo imediatamente que ainda lhe é impossível fazê-lo. A crônica é finalizada da seguinte forma: “No entanto, ao ter escrito a primeira frase, vi imediatamente que ainda me era impossível. Eu havia escrito: ‘Era uma vez um pássaro, meu Deus’.” (Lispector, 1999: 406 [1984])

Em *O ato gratuito* a autora retrata um momento inspirador e de profunda liberdade, em um dia comum, decide dar um passeio e se dirige ao Jardim Botânico da cidade. O momento e o contato com a natureza são descritos com riqueza de detalhes, é possível ao leitor absorver a sensação de liberdade demonstrada no texto. Tamanha riqueza de detalhes e sensações, no final da crônica, uma surpresa que demonstra a mais profunda sensibilidade da autora com a seguinte nota: “Nota: peço licença para pedir à pessoa que tão bondosamente traduz meus

textos em braille para os cegos que não traduza este. Não quero ferir olhos que não veem.”
(Lispector, 1999: 411 [1984])

Como podemos observar, as crônicas de Clarice são extremamente subjetivas e pessoais, revelam sobre seus sentimentos, suas fraquezas e momentos em família, é possível conhecer um pouco mais sobre a escritora através dos textos. As crônicas aqui escolhidas poderão dialogar com leitores muito diferentes entre si e provocar sensações e sentimentos específicos a partir da realidade de vida de cada qual.

CAPÍTULO

2

2. METODOLOGIA

2.1 A leitura em sala de aula

A sala de aula deve ser mais do que um espaço onde o professor ensina determinados conteúdos. Somos da opinião que a mesma deve ser, sobretudo, lugar de liberdade, onde é possível refletir, questionar e emitir opiniões livremente, espaço de compartilhamento, obviamente, sem desconsiderar o respeito para com o professor e todos os demais.

A leitura realizada na referida sala de aula poderá exercer os benefícios dela esperados, a leitura reflexiva de textos diversos pode ser um eficaz instrumento de inspiração e por vezes de transformação. De facto, através dos textos os leitores podem vivenciar lições de vida, ter contato com ideias e sentimentos absolutamente transformadores. Na atualidade, bombardeados pela tecnologia e pelos *smartphones*, a maioria dos estudantes e por que não dizer, a maioria das pessoas, não têm interesse e não encontram tempo para se dedicarem à leitura, é o que podemos perceber ao questionar em sala de aula sobre os hábitos de leitura dos alunos e de seus familiares. Desta forma, desconhecem os benefícios que a mesma proporciona, pois, é preciso vivenciá-los para conhecê-los. Assim, a sala de aula é palco e possibilidade para que isto seja feito e possivelmente proporcione que se instale o hábito da leitura na vida das pessoas.

Manguel (2021:23 [1996]), a respeito dos leitores afirma que “ler as letras de uma página é apenas um de seus muitos disfarces.”. O autor afirma que lemos tudo aquilo que percebemos ao nosso redor, desde o que se poderia considerar mais complexo, várias formas de leitura, como por exemplo os astrólogos que leem as estrelas, os músicos que leem as partituras e até as expressões no rosto ou no olhar das pessoas, suas atitudes, postura e muitos outros sinais. De acordo com Cosson (2014):

Todos nós exercitamos a linguagem de muitos e variados modos em toda a nossa vida, de tal modo que o nosso mundo é aquilo que ela nos permite dizer, isto é, a matéria constitutiva do mundo é, antes de mais nada, a linguagem que o expressa. (Cosson, 2014:153)

Em outras palavras, expressamos a nossa realidade, sentimentos e sensações decodificados pela linguagem, pois esta os torna reais, os denomina e os torna compreensíveis. A leitura

efetivamente de textos escritos amplia o olhar das pessoas de diversas formas, inclusive para dentro de si mesmas. A identificação com histórias diversas apreendidas por meio da leitura vai, pouco a pouco conquistando leitores de forma que a leitura passa a ser algo essencial na vida.

Um dos capítulos da obra de Vallejo (2022 [2019]) tem o seguinte título: “É o outro quem me conta a minha história”. Podemos perceber que a identificação com as obras literárias a que temos acesso é sempre inevitável. Neste mesmo viés, Manguel (2018:7 [2007]) afirma que “uma vida inteira de leituras aleatórias me legou uma espécie de livro de citações em que reencontro meus próprios pensamentos nas palavras de outros.” Podemos considerar que desta mesma forma se dá com todas as pessoas que se transformam em verdadeiros leitores.

Segundo Vallejo (2022 [2019]):

[...] recomendar e entregar uma leitura escolhida é um gesto poderoso de aproximação, de comunicação, de intimidade com outra pessoa. Os livros nunca perderam por completo esse valor primitivo que tinham em Roma, a sutil capacidade de desenhar um mapa dos afetos e das amizades. Quando uma página nos comove, um ser querido vai ser o primeiro a quem falaremos dela. Quando damos um romance ou um livro de poemas a alguém com quem nos importamos, sabemos que a opinião dessa pessoa sobre o texto se refletirá em nós. Se um amigo, a amada ou o amante põe um livro em nossas mãos, rastreamos no texto seus gostos e suas ideias, ficamos intrigados ou aludidos pelas linhas sublinhadas, iniciamos uma conversa pessoal com as palavras escritas e nos abrimos mais intensamente ao seu mistério. Procuramos em seu oceano de letras uma mensagem engarrafada para nós. (Vallejo, 2022: 330-331 [2019])

Podemos refletir se esta seria uma das tarefas fundamentais dos professores que buscam instaurar entre os estudantes um ambiente de interesse e gosto pela leitura, através de um ensino afetivo e delicado que proporcione no estudante o desejo de aprender com certa satisfação, ou mesmo, alegria. Como afirma Freire (2011 [1996]) “A esperança de que professor e alunos, juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria.” Isto se entrelaça com a visão e compreensão do professor acerca de quem são os alunos, suas histórias, realidade e capacidade de compreensão. De acordo com Vallejo (2022:331 [2019]) “Certas leituras são uma forma de derrubar barreiras, certas leituras nos recomendam o desconhecido que as ama” e que “Os livros continuam nos unindo e entrelaçando de forma misteriosa”. A realização de leituras em sala de aula pode proporcionar a formação de leitores, para tanto é importante que a leitura seja abordada de maneira leve e agradável a fim de conquistar leitores. A sala de aula é lugar de aprendizado, respeito pela livre manifestação de opiniões

e possibilidade de absorver a leitura com todas as nuances que esta pode proporcionar, portanto, trata-se de lugar para a introdução à leitura com a finalidade formar efetivamente leitores. A leitura realizada à luz da Estética da Recepção revela a sala de aula como um verdadeiro laboratório sociolinguístico e cultural. Ao observar e considerar as diferenças várias entre as pessoas é possível perceber que realmente os textos se constroem nos leitores. É imprescindível que o ensino seja acolhedor e a aula um espaço no qual a leitura seja viva e interaja com as pessoas. A real possibilidade de interpretar os textos de maneira que eles falem a cada indivíduo traz uma nova perspectiva de estudos literários. Trata-se de uma maneira de introduzir a leitura com a finalidade de conquistar leitores que, uma vez afeiçoados à leitura poderão naturalmente aprofundar seus estudos literários de uma forma mais direcionada e auxiliada pelos professores. Na sociedade brasileira atual é urgente conquistar leitores, pelo bem da cultura, pelo bem da saúde mental das pessoas e fundamentalmente pelo futuro, pois um povo que desconhece absolutamente os caminhos trilhados pela sociedade na qual vive, não saberá para onde ir.

É importante que se tenha uma nova visão do estudo da literatura, no qual o professor não exija que o aluno veja nos textos o que ele, o professor, considera que deve ser visto, mas respeitar a visão do aluno e ampliá-la através da contextualização histórica dos textos, fatores gramaticais, vocabulário e recursos linguísticos diversos. A literatura nada mais é do que a história contada pelas pessoas, vista pelos olhos e corações das pessoas comuns que se aventuraram pelo universo da palavra escrita. Os caminhos percorridos por esta pesquisa levaram-nos a perceber que a leitura em sala de aula realizada da forma como abordamos remete à biblioterapia³ que consiste em reunir grupos de pessoas para a leitura de textos com a finalidade terapêutica. As pessoas passam a conversar livremente sobre suas questões pessoais suscitadas pelos textos cuidadosamente escolhidos e abordados por um terapeuta. Esta prática é relativamente nova no Brasil e vem crescendo nos últimos anos.

Nossa função na busca de conquistar leitores não pretende ser terapêutica embora podemos perceber que o é diante de muitos indivíduos aos quais são submetidos textos literários. Há pessoas que se identificam com os textos profundamente e passam a discorrer a respeito de

³ De acordo com o Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia: Biblioterapia é a utilização de livros e outros materiais de leitura direcionada e planejada para auxiliar no tratamento de problemas mentais e emocionais, bem como desajustes sociais. (Cunha; Cavalcanti, 2008:55) Pode ser utilizada em clínicas, empresas, escolas ou individualmente visando o crescimento pessoal.

questões pessoais, na sala de aula tais acontecimentos são, por vezes, inevitáveis e muitas vezes o professor precisa direcionar os alunos para que, embora emitam suas opiniões e impressões sobre o texto não devem se desviar dele. É imprescindível não perder de vista o teor do texto e considerar a possibilidade de que nem todas as interpretações haverão de ser possíveis. Sobre isso Marcuschi afirma que “não se deve, enfim, imaginar que na leitura prevaleça o liberalismo absoluto do leitor e tudo é permitido; isto seria exagero insustentável”. (Marcuschi, 1985:121) Neste mesmo viés, Eco afirma ainda que “dizer que um texto potencialmente não tem fim não significa que todo ato de interpretação possa ter um final feliz”. (Eco, 2018:28 [1992])

Para além disso, muitos professores, ou o próprio sistema de algumas escolas determinam que os estudantes façam leituras apenas fora do horário de aula, em suas residências, o que pode ser muito positivo, porém é essencial que se possam fazer leituras compartilhadas em sala de aula e eventuais discussões e debates acerca dos textos lidos.

2.2 – Um texto, várias interpretações

A prática em sala de aula demonstra que um mesmo texto literário pode ter várias interpretações, porém não se pode afirmar isto a respeito de qualquer texto, ainda que literário. Há textos que podem ser mais claros e diretos que permitem uma menor variedade de interpretações. O que se pode observar é que textos mais subjetivos, com algumas repetições de palavras e sobretudo poemas e crônicas permitem maiores possibilidades de se obter diferentes interpretações, sempre considerando que toda interpretação deve se relacionar com o texto, ainda que minimamente, no suscitar de ideias e sentimentos. Quais seriam os traços fundamentais nos textos para que se possa obter diferentes interpretações? A palavra escrita é, por sua natureza, diferente da falada, tem o distanciamento do emissor da mensagem que pode tê-la escrito há muito tempo e não conta com a emoção, o olhar e o calor da presença. Ricoeur (2019 [1987]), aborda este tema:

Enquanto simples mudança na natureza do meio de comunicação, o problema da escrita é idêntico ao da fixação do discurso em qualquer suporte exterior, seja a pedra, o papiro ou o papel, que é diferente da voz humana. Esta inscrição, que substitui a expressão vocal imediata, fisionômica ou gestual, é em si mesma uma realização cultural tremenda. O facto humano desaparece. (Ricoeur, 2019:43 [1987])

O autor refere ainda:

A escrita suscita um problema específico, já que não é apenas a fixação de um discurso oral prévio, a inscrição da linguagem falada, mas é pensamento humano diretamente trazido à escrita sem o estágio intermediário da linguagem falada. A escrita toma o lugar da fala. Tem lugar uma espécie de atalho entre a significação do discurso e o meio material. Temos, pois, a ver com a literatura no sentido original da palavra. O destino do discurso é confiado à *littera*, não à *vox*. (Ricoeur, 2019:45-46 [1987]).

É preciso refletir também acerca da palavra escrita e sobre em que medida compreender um texto é diferente de interpretá-lo. Segundo o dicionário Bechara (2009:215), compreender vem a ser a “capacidade de perceber o significado de algo; entendimento.” E interpretar é a “explicação do significado de algo, desfazendo ambiguidade, mal entendimento, induzir o sentido pela especulação, etc.” (Bechara, 2009:518) A diferença é bastante sutil, porém podemos perceber que o ato que permite a explicação, indução e a especulação é apenas a interpretação. Por este prisma é possível observar as dificuldades de compreensão que os estudantes encontram acerca de um texto e desta forma, a impossibilidade de ir além, o que seria, interpretar. Podemos observar também, a ocorrência de interpretações absolutamente desconectadas do texto, o que caracteriza que o leitor não pôde sequer compreender o texto em questão.

Na apresentação da primeira edição da obra de Dell’Isolla (2001:11), Marcuschi afirma:

É incrível, quase escandaloso, que se tenha demorado tanto tempo para descobrir que compreender um texto não é simplesmente responder às surradas perguntas: quem? quando? onde? como? para quê? e porquê? Mas é um ato de afirmação social, uma interação com outros indivíduos e uma atividade situada num contexto sócio-histórico. Um processo inferencial.

O autor aborda ainda o quanto é revelador “refletir sobre a importância dos condicionamentos socioculturais na construção do sentido no ato de ler.” adverte que o texto não pode ser visto como algo em que se pode ver qualquer coisa, mas sim que se trata de “um ponto de partida, e não um ponto de chegada.” (Dell’Isolla, 2001:11)

Desta forma:

Assim, ler e compreender um texto são vistos como processos ativos, criativos e reconstrutivos. Envolvem uma atividade tanto decodificadora como criadora, em que se vai de uma sugestão textual a universos construídos com bases nas experiências e vivências socioculturalmente determinadas. (Dell’Isolla, 2001:11)

Marcuschi (1985) ao considerar a leitura um processo inferencial, afirma:

Pois a leitura adulta é uma atividade que envolve elaborações semânticas, pragmáticas, lógicas e culturais, entre outras. Depende de uma série de fatores linguísticos e extralinguísticos, sendo algo muito mais complexo que a decifração de um suposto ‘sentido literal’. (Marcuschi, 1985:95-96)

Ler, portanto, não é um ato passivo e simples. De facto, para que se possa realmente compreender e interpretar um texto, devem ser considerados vários fatores. Para Marcuschi (1985), as inferências são extremamente importantes e é preciso observar em que medida “o contexto sociocultural, os conhecimentos de mundo, as experiências e as crenças individuais influenciam na organização das inferências durante a leitura.” (Marcuschi, 1985:96) De acordo com o autor, o sentido não reside no texto, pois “ele só se tornará uma unidade de sentido na interação com o leitor”. (Marcuschi, 1985:96) Por este viés podemos compreender que o texto é um ponto de partida para a compreensão, porém o seu sentido será construído absolutamente no entendimento de cada leitor, o que será influenciado diretamente pelas características socioculturais de cada um. Mesmo no mais simples texto, é necessário que o leitor utilize o seu conhecimento de mundo para compreendê-lo, como por exemplo, ao ser mencionada uma casa, sabe-se que a mesma há de ter portas e janelas, se o texto menciona um carro, sabe-se o que é um carro e assim por diante. Caso o leitor desconheça completamente algo que seja tratado no texto, não terá capacidade para fazer inferências a partir da sua visão de mundo, a compreensão poderá lhe escapar.

Segundo Marcuschi (1985:99) “O texto é uma espécie de estímulo intermediário entre o autor e o leitor, ambos com conhecimentos de mundo e sistemas de referência próprios”. A partir desta afirmação podemos perceber que o texto pode impactar os leitores de diferentes maneiras, considerado como um ‘estímulo intermediário’ entre as partes: autor e leitor. De certa forma, o texto ocasiona um diálogo que, tal qual na linguagem falada carrega impressões e sentimentos de ambos, porém por tratar-se da palavra escrita, tem oculto e talvez subentendido o tom de voz, a postura, o olhar, o gesto, a afabilidade ou agressividade das palavras; e este entendimento reside sobretudo no leitor.

Por este viés, podemos comparar as mensagens atualmente transmitidas via internet que, na maioria das vezes vêm acompanhadas de alguma imagem (os “*emoticons*”, ou *GIF*)⁴ a fim de caracterizar uma linguagem mais afável, tal prática caracteriza que a sociedade moderna

⁴ Seara, I. Roboredo; Marques, I. Simões; Sebastião, I (2020) “Os emojis como marcadores discursivos nas redes sociais: análise contrastiva em português e em francês” In: Duarte, I. M.; Léon, R. Ponce (eds.), Marcadores Discursivos: O Português como Referência Contrastiva. Frankfurt am Main: Peter Lang, pp 343-364.

não se sente plenamente satisfeita com as palavras utilizadas na comunicação por escrito e, necessita do apoio de algum elemento semiótico na busca de aproximar a linguagem escrita da falada. Da mesma forma, a compreensão e interpretação dos textos literários atravessa esta distância entre as linguagens e ainda entre os tempos e as pessoas.

Marcuschi, classifica as inferências na sua publicação intitulada *Leitura como processo inferencial num universo cultural-cognitivo* (1985), os seus conceitos são estudados e aplicados por Dell’Isolla (2001) na publicação intitulada *Leitura: inferências e contexto sociocultural*. A classificação é a seguinte:

- Inferências lógicas que são baseadas nas relações lógicas e submetidas aos valores-verdade na relação entre as proposições e subdividem-se em: dedutivas, indutivas e condicionais;
- Inferências analógico-semânticas que são baseadas sempre no *input* textual e no conhecimento de itens lexicais e relações semânticas e subdividem-se da seguinte forma: por identificação referencial, generalização, associações, analogia e composições ou decomposições;
- Inferências pragmático-culturais que são baseadas nos conhecimentos, experiências, crenças, ideologias e axiologias individuais e subdividem-se em: conversacionais, experienciais, avaliativas e cognitivo-culturais. (Dell’Isolla, 2001:79)

De acordo com Dell’Isolla (2001), as inferências lógicas ocorrem geralmente em situações cotidianas, pouco complexas e bastante frequentes. Quando dedutivas tratam de conclusões mais particulares que partem de enunciados gerais, “dispostos ordenadamente como premissas de um raciocínio.” (Dell’Isolla, 2001:79) Se tal raciocínio for verdadeiro, a conclusão também o será. No caso das indutivas, o raciocínio se dá a partir de premissas sobre fatos singulares que induzem a uma conclusão de certa forma ampliada em um enunciado mais generalizado, numa relação de probabilidades. As condicionais surgem a partir de enunciados hipotéticos que geram as conclusões. As inferências analógico-semânticas, abrangem um grande número de ocorrências, quando se dão por identificação referencial são aquelas que especificam os antecedentes através de pronomes, verbos, advérbios ou eventos em geral. As inferências por generalização ocorrem a partir da observação e desta forma, podem frequentemente incorrer em erro. Quando por associações, dão-se a partir de fatos que se sucedem e eventualmente se relacionem proporcionando que

as pessoas façam associações nem sempre corretas acerca destes. Por analogia, ocorrem na incidência de hipóteses que proporcionam conclusões prováveis ou verossímeis. Por fim, as inferências por composição que surgem de fragmentos do discurso para a sua totalidade ou por decomposição, do todo para as partes, estão intimamente ligadas com a ambiguidade e a polissemia. O último grupo de inferências, segundo a autora, trata das pragmático-culturais:

- São as que mais se fazem presentes na leitura de textos. Relacionam-se com os conhecimentos pessoais, crenças e ideologia dos indivíduos. Os responsáveis por esse tipo de inferência são a formação individual e a condição sociocultural do leitor ou do ouvinte. Subdividem-se em inferências conversacionais, experienciais, avaliativas e cognitivo-culturais. (Dell’Isolla, 2001:84)

Dentro deste grupo, as inferências conversacionais ocorrem nas comunicações orais e estão repletas de influências de fatores extralinguísticos que interferem na geração de inferências, são fatores como a entonação, a postura corporal, o tom de voz, entonação dos enunciados produzidos, expressões faciais, gestos e olhares; respeitadas as devidas diferenças se a conversação ocorrer via telefone. No caso das inferências experienciais, dão-se a partir das efetivas experiências dos indivíduos. As inferências avaliativas ocorrem a partir do julgamento, da avaliação feita pelo leitor ou pelo ouvinte acerca do texto, seja ele falado ou escrito e envolve valores, crenças e conhecimento de mundo. Por fim, as inferências cognitivo-culturais são as que se dão a partir da cultura dos indivíduos e podemos compreender que:

‘Cultura’ abarca a totalidade da conduta adquirida pelo homem: sua linguagem, seus valores, seus costumes, as instituições que cria, a maneira de viver e ver a vida. Dentro de uma mesma cultura existe grande variedade de condutas. Variações da cultura ocorrem devido à classe social a que alguém pertence ou à região em que vive. (Dell’Isolla, 2001:86)

Esquema Geral das Inferências (Dell’Isolla, 2001:79)

Inferências Lógicas	Baseadas sobretudo nas relações lógicas e submetidas aos valores-verdade na relação entre as proposições
- Dedutivas	
- Indutivas	
- Condicionais	
Inferências Analógico-semânticas	Baseadas sempre no input textual e no conhecimento de itens lexicais e relações semânticas

- Por identificação referencial	
- Por generalização	
- Por associações	
- Por analogia	
- Por composições ou decomposições	
Inferências Pragmático-culturais	Baseadas nos conhecimentos, experiências, crenças, ideologias e axiologias individuais
- Conversacionais	
- Experienciais	
- Avaliativas	
- Cognitivo-culturais	

Outro traço importante que afeta a interpretação dos textos é a ironia, esta que consiste em dizer algo desejando na verdade expressar o seu contrário, ou algo bastante diferente do que foi dito. A ironia pode ser facilmente percebida na linguagem falada, pois tem a participação da entonação, da expressão facial, da postura corporal, etc. Porém na linguagem escrita pode escapar completamente ao entendimento dos leitores, sobretudo se estes não tiverem conhecimento suficiente sobre o assunto de que trata o texto, pois conforme afirma Dell’Isolla: fazemos uso de conceitos que já conhecemos, a fim de inferir proposições. (Dell’Isolla, 2001:15)

Podemos abordar ainda a comicidade de alguns textos que pode ter traços além da ironia, palavras com duplo sentido, intertextualidades, relações com atualidades ou mesmo com fatos antigos apenas sugeridos pelo contexto que exijam algum conhecimento prévio por parte do leitor e que poderiam revelar situações engraçadas e que possivelmente escapem ao entendimento do leitor.

A subjetividade também se trata de fator importante na interpretação dos textos. Por subjetividade podemos entender “aquilo que se refere ao sujeito, que pertence à mente e não às experiências externas, pessoal e particular”. (Bechara, 2009:832) Os textos que revelam com certa sutileza os sentimentos de personagens ou ocasional e aparentemente do autor, têm a interpretação influenciada pelos sentimentos e pela empatia por parte do leitor.

A intertextualidade também deve ser considerada como parte importante da interpretação dos textos, certas referências mencionadas, por vezes muito simples, podem fazer toda a diferença para a compreensão e interpretação dos mesmos. Nas crônicas de Clarice Lispector, por exemplo, várias vezes ocorrem citações de trechos de outras obras ou a exposição de ideias e opiniões de filósofos e escritores que, se o leitor os tiver como absolutos desconhecidos provavelmente deixará escapar algo importante dentro do texto.

2.3 - Procedimentos de Pesquisa

A pesquisa foi realizada com os alunos do curso de língua portuguesa de uma escola de idiomas na cidade de São Caetano do Sul, no estado de São Paulo. Os estudantes são homens e mulheres em sua maioria brasileiros, na faixa etária entre 20 e 78 anos. Alguns são estrangeiros oriundos da América do Sul e falantes nativos do espanhol e uma aluna japonesa. Trata-se de pessoas com diferentes histórias de vida e escolaridade que têm em comum o objetivo de estudar a língua portuguesa a fim de aprimorar a capacidade de comunicação oral e escrita.

É importante observar que tais estudantes são bastante diferentes entre si, não só na faixa etária como também no grau de instrução e situação socioeconômica, há enfermeiros, advogados, jornalistas, engenheiros, psicólogos, pedagogos e donas de casa. Outra importante diferença é a motivação que os traz ao curso, alguns buscam melhores oportunidades de emprego e salários mais elevados, outros pretendem auxiliar filhos e netos em suas vidas escolares, alguns amam a leitura e a língua portuguesa, outros, pelo contrário, detestam e apesar disto buscam aprender e ainda alguns, simplesmente buscam interagir com pessoas por diversos motivos, inclusive problemas de saúde, como a depressão, ficando o interesse pelo conteúdo das aulas praticamente secundário. A fim de melhor sistematizar as diferenças foi aplicado o questionário conforme Anexo1.

O curso é preparado para atender alunos cuja língua materna seja o português, embora receba da melhor maneira e com atendimento especial os alunos estrangeiros que o buscam. As aulas têm a duração de uma hora e quinze minutos duas vezes por semana, a maioria dos estudantes são mulheres adultas.

A escola na qual foi realizada a pesquisa fica em São Caetano do Sul, é uma escola pública, de idiomas que, oferece cursos de várias línguas, entre eles, o de língua portuguesa. A exigência para o ingresso dos alunos é que tenham o Ensino Fundamental II completo. O curso de língua portuguesa tem a duração de três anos e é dividido da seguinte forma: o primeiro ano trata da morfologia, acentuação, redação, leitura e interpretação de textos; o segundo ano aborda os verbos e a análise sintática do período simples, incluindo da mesma forma redação, leitura e interpretação de textos; o terceiro, e último ano, trata da análise sintática do período composto, colocação pronominal, regência, concordância e figuras de linguagem, ainda trata da leitura, redação e interpretação de textos. No que refere à interpretação de textos são introduzidos textos literários diversos a fim de possibilitar que os alunos encontrem suas preferências literárias e se tornem leitores.

Atuamos nesta escola há 29 anos (com muita satisfação) e podemos afirmar que o estudo da língua materna e o aprimoramento da comunicação modifica a vida das pessoas. Durante estes anos de experiência em sala de aula sempre nos moveu uma inquietação a respeito dos textos e suas interpretações, cada texto diante de vários leitores se transforma em muitos textos, diferentes significados, mensagens e reflexões. Esta inquietação levou-nos aos estudos sobre a Estética da Recepção, a Teoria do Efeito Estético e conseqüentemente ao presente estudo.

Os textos abordados nesta pesquisa, tanto os contos como as crônicas, tratam de questões simples do dia a dia com enfoque em sentimentos e sensações em tom confessional, numa linguagem simples, porém repleta de subjetividade, duplicidade de sentidos e significados, por vezes, implícitos. Tais textos eram desconhecidos pelos alunos e lhes foram apresentados de maneiras diversas, tendo sido a pesquisa iniciada pela apresentação dos contos.

Inicialmente foi proposto aos estudantes que apenas escutassem os contos e livremente refletissem a respeito deles, emitindo posteriormente suas impressões a respeito dos mesmos. Tais impressões foram solicitadas num primeiro momento por escrito e posteriormente faladas a fim de haver interação e debate entre os colegas.

A primeira atividade revelou uma surpresa, a maioria dos estudantes manifestou uma grande dificuldade em se apropriar dos textos, ou seja, os alunos estavam tão condicionados a receber ordens e a responder perguntas feitas pelo professor que consideraram muito difícil ter uma visão particular sobre os textos, foi preciso bastante conversa e explicação para que

a atividade pudesse fluir como o esperado e se pudesse obter as impressões, sentimentos, ideias ou sensações suscitadas nos estudantes pelos textos trabalhados.

No segundo momento foram apresentados por escrito aos estudantes os mesmos textos que haviam apenas escutado. Uma vez com posse de uma cópia dos textos, acompanharam a leitura em voz alta e a maioria deles ainda solicitou um tempo para a realização de uma leitura silenciosa a fim de uma boa reflexão. Após tal leitura, foi realizada nova coleta de impressões escritas e posteriormente faladas, o que deu origem a um breve debate entre os estudantes acerca dos contos apresentados. Foi possível observar que após a escuta dos textos os estudantes manifestaram impressões voltadas aos sentimentos e às ideias, memórias ou sensações trazidas pelas leituras, ao passo em que ao ter o texto impresso em mãos, observaram a linguagem, alguma repetição de palavras e tiveram o entendimento sobre a história dos contos de maneira mais clara e racional, inclusive emitindo algumas críticas ao comportamento das personagens e fazendo questionamentos a respeito da possibilidade da autora estar a falar de si mesma e de suas próprias emoções. Ao ter o texto impresso em mãos, os alunos se sentiram mais seguros para comentar e revelar suas impressões e opiniões acerca da linguagem e do estilo literário da autora, abordando a estrutura do texto, o uso e escolha das palavras bem como a profundidade de reflexões que os textos podem proporcionar se forem lidos atenta e minuciosamente.

O mesmo procedimento foi realizado com a apresentação das crônicas, inicialmente foi realizada apenas a leitura em voz alta pela professora e os alunos não dispunham de uma cópia para acompanhar o texto.

Foi interessante observar que as crônicas suscitaram maiores e mais profundos debates entre os estudantes, a maioria deles teve o ímpeto de emitir opiniões a respeito dos textos, em muitos casos discorreram sobre lembranças particulares e ideias trazidas pelas leituras propostas. É possível considerar que isto se deu devido à abordagem de fatos simples do cotidiano apresentados de forma subjetiva, delicada e reflexiva pelas crônicas escolhidas.

No segundo momento, no qual os estudantes dispunham de uma cópia do texto para acompanhar a leitura foi possível perceber uma reflexão mais profunda, menos imediata e podemos dizer, mais serena e menos emocionada a respeito dos textos. É importante mencionar que os alunos emitiram suas opiniões e impressões a respeito dos textos em sala

de aula, ou seja, não puderam levar a atividade para casa, desta forma, suas ideias não tiveram a influência de familiares ou amigos.

Foi realizado ainda um terceiro momento, no qual os textos já vistos e comentados foram novamente apresentados e discutidos. Muitos estudantes mencionaram que devido à subjetividade encontrada nos textos, os diferentes momentos nos quais as pessoas os leem podem proporcionar diferentes visões e sentimentos de acordo com as alterações de humor ou as situações vividas. O mesmo se dá quando a mesma obra é lida em diferentes fases da vida, o amadurecimento, o passar do tempo e as experiências podem trazer novas visões acerca das obras literárias e de modo geral, da vida. Podemos perceber ainda, que os textos foram compreendidos e explorados com maior profundidade pelos alunos mais velhos, acima dos 45 anos, ainda que não tivessem o grau de instrução tão elevado quanto alguns alunos mais jovens que, apesar disso, não puderam perceber os textos em maior profundidade. Este dado nos leva a considerar que, não havendo dificuldade de decodificação dos textos, a compreensão mais profunda dos textos não dependeu do grau de instrução das pessoas, mas sobretudo de suas experiências de vida e da maturidade de cada um.

2.4 - Os Leitores

Os leitores escolhidos para a presente pesquisa são todos alunos do curso de língua portuguesa em uma escola de idiomas, em São Caetano do Sul, conforme mencionado.

Os estudantes que participaram desta pesquisa, são alunos do primeiro e do terceiro ano do curso, o que nos deixa claro que há entre os estudantes diferentes habilidades quanto ao uso da linguagem: os alunos do primeiro ano ainda não dispunham de conhecimentos mais aprofundados acerca da aplicação da língua portuguesa, embora tenham formações, escolaridades, cultura, experiências de vida e idades muito diferentes entre si, como já vimos anteriormente.

Participaram da pesquisa quatro turmas de primeiro ano e uma turma de terceiro ano, totalizando 50 estudantes, sendo 45 do primeiro ano e apenas 5 do terceiro ano, por se tratar de um curso livre e informal, há muitas desistências ao longo do percurso, muitos alunos não

perseveraram até o terceiro ano. Entre estes estudantes há nas turmas de primeiro ano 5 alunos estrangeiros, sendo 4 oriundos da América do Sul, cuja língua materna é o espanhol e uma aluna japonesa cuja língua materna é o japonês. É importante salientar que tais turmas têm aulas em diferentes horários, sendo as turmas de primeiros anos uma à noite, duas pela manhã e uma à tarde. A turma de terceiro ano tem aulas no período noturno. Foi possível observar que as turmas têm características próprias que, além das particularidades das pessoas, dão-se também pelo horário em que estudam, por exemplo, as turmas que têm aulas pela manhã e à noite mostraram-se mais dispostas a novas atividades, ao passo em que a turma que tem aulas à tarde mostrou-se mais indisposta e cansada no decorrer das atividades.

O questionário constante do Anexo 1 foi devidamente respondido pelos participantes a fim de que se pudesse ter clareza acerca de algumas diferenças existentes entre eles e desta forma, melhor compreender em que medida tais diferenças influenciaram no entendimento dos textos. É importante salientar que as pessoas responderam ao mesmo questionário de maneiras diferentes, ou seja, houve diferença na profundidade das respostas, podendo-se facilmente perceber maior ou menor envolvimento com a tarefa proposta. Para além das particularidades perguntadas no referido questionário, podemos considerar outros fatores importantes sobre os leitores, que influenciam a forma como interpretam e reagem aos textos e são relevantes para os resultados desta pesquisa. Em primeiro lugar devemos pensar a respeito das experiências de vida das pessoas, na faixa etária em questão, pois os leitores têm a vida em curso, o que significa que têm variadas experiências quanto a relacionamentos, carreira, família e tantas outras vivências possíveis. Tais experiências moldam necessariamente suas perspectivas e sensibilidade. Outro fator importante a considerar é a cultura e o contexto social em que cresceram e se desenvolveram cada um dos leitores, isto será de fundamental importância para permear suas referências culturais e perspectivas sociais e desta forma observar como um texto literário se encaixa ou contrasta com o contexto social e cultural em que se encontram os leitores. A educação e a literacia podem ter diferentes níveis ao se considerar pessoas adultas, muitos têm formação acadêmica sólida ao passo em que muitos outros não a têm e podem ter tido pouquíssimo acesso à literatura e a leituras de um modo geral. Tais diferenças são fundamentais para a capacidade de compreensão dos textos, sua linguagem, estruturas gramaticais e literárias. Os interesses particulares de cada indivíduo também são parte importante na compreensão e reação aos textos trabalhados, as pessoas têm a tendência de se concentrar nas suas áreas de interesse e muitas vezes têm a

percepção diminuída quanto a assuntos que não lhes apeteçam. Desta forma, os variados textos apresentados despertaram interesses maiores ou menores dependendo dos leitores, uma vez que lidamos com pessoas diversas. Estes fatores foram considerados ao aplicar e analisar os resultados desta pesquisa pois ajudaram a compreender como os leitores interpretam os textos e como a obra literária ressoa em suas vidas a partir de perspectivas únicas.

CAPÍTULO

3

3. ANÁLISE DO CORPUS

3.1 As várias interpretações dos contos de Clarice Lispector

A leitura é um processo individual, muito particular, envolvendo não só a decodificação do texto, como também a mente e coração pois, a leitura traz sentimentos, invoca memórias, transporta através do tempo e do lugar e por vezes mexe com outros sentidos, como a visão o toque, e até o olfato. Estas experiências foram relatadas pelos participantes desta pesquisa que, em muitos casos se deixaram levar pelas sensações e pelos pensamentos suscitados pelos textos. Foi indagado aos participantes da presente pesquisa se conheciam previamente os textos abordados, as respostas foram unânimes pois, todos os estudantes desconheciam, até o momento, os textos utilizados. Outro questionamento foi se os alunos tinham o hábito de ler Clarice Lispector e se a conheciam, poucos alunos disseram que sim, e as que responderam de forma afirmativa foram mulheres na faixa etária acima dos 30 anos, nenhum dos homens tinha o hábito de ler a autora ou sequer a conhecia.

O exercício de ler e discutir textos tornou-se, para este grupo de estudantes, algo estimulante. Foi um processo no qual se envolveram e do qual gostaram, afirmaram muitas vezes que era uma experiência nova compreender que suas impressões e opiniões sobre os textos eram ouvidas, válidas e relevantes. Os alunos foram aos poucos se sentindo livres para comentar seus reais sentimentos e opiniões, dessa forma perceberam o prazer que a leitura pode proporcionar e muitas vezes solicitaram à professora que trouxesse mais e mais textos para as discussões. Foi possível perceber que os alunos só conseguiram observar a linguagem dos textos, o uso das palavras e expressões, após terem exposto e debatido exaustivamente sobre os sentimentos e impressões causados pelos mesmos. Tais atitudes nos levaram a considerar que a intensidade de emoções provocada pela obra, pode, em alguns casos, se sobrepor à linguagem.

Ao término do estudo sobre cada texto, elaboramos uma tabela a partir das ideias trazidas pelos alunos a respeito destes, para alguns textos os estudantes pontuaram dificuldade ou facilidade para compreender o texto, tais itens aparecem na parte final das referidas tabelas.

No Anexo II deste trabalho constam algumas respostas produzidas pelos estudantes sobre os textos apresentados, é importante considerar que os alunos os produziram em sala de aula, imediatamente após terem contato com os textos de Clarice Lispector aqui abordados. As respostas por escrito foram recolhidas pela professora a fim de compilar os resultados para este trabalho. Os debates foram anotados e nos casos das turmas mais numerosas foram gravados para que se pudesse organizar e relatar as ideias trazidas pelos estudantes.

Abordaremos os contos um a um, apresentando as diferentes interpretações dos estudantes participantes desta pesquisa. Começamos por *Cem anos de perdão*, que está disponível no Anexo III, o referido conto foi o primeiro apresentado aos estudantes, lido e discutido por todos.

No primeiro momento, os estudantes apenas escutaram a leitura e escreveram sobre suas impressões, em seguida os estudantes tiveram o texto impresso em mãos e puderam fazer uma leitura mais demorada, fez-se então uma breve discussão sobre o texto e neste momento os alunos puderam debater entre si a respeito de suas ideias e sentimentos suscitados pela leitura. Podemos perceber que os estudantes tiveram visões bastante diferentes sobre o texto.

As pessoas do sexo feminino, de um modo geral, independente da idade, identificaram-se com a brincadeira infantil relatada no conto, na qual as meninas brincam de dizer que são as donas das casas pelas quais passam nas ruas do Recife, a maioria das mulheres relatou que isto lhes trazia lembranças da infância.

Alguns alunos ao serem indagados sobre suas impressões a respeito do texto, no primeiro momento apenas recontaram brevemente a história do conto sem profundidade alguma, só passaram a perceber algo mais a partir das impressões mencionadas pelos outros alunos. A maioria, no primeiro momento, abordou as belezas da natureza, falou sobre os jardins, flores e frutas de suas infâncias. Entre tais afirmativas, chamou a atenção a de um aluno de 32 anos “a natureza está aí para ser apreciada e, ao ser tocada, que se possa sentir o que aquela rosa quer transmitir para seu eu interior”. A partir dessa afirmativa, durante o debate, outros estudantes passaram a considerar o quanto o contato com a natureza pode ser profundamente benéfico para as pessoas.

Os alunos estrangeiros tiveram dificuldades em compreender profundamente o texto, embora já não têm dificuldades em decodificá-lo. Somos da opinião que, não perceberam a

sensualidade ou o poder do desejo que os outros alunos abordaram, ficaram presos às belezas da natureza, aos jardins e à questão do roubo.

Poucas pessoas mencionaram a sensualidade contida no texto, o desejo que a personagem tem de possuir a rosa é figurativamente sexual, porém Clarice o coloca com tamanha sutileza que os leitores só o detetaram a partir da afirmação do fim do conto que as pitangas “pedem para ser colhidas, em vez de amadurecer no galho, virgens”. Há uma nítida comparação entre a rosa e uma mulher. O desejo da menina pela rosa pode ser comparado à paixão enquanto sentimento entre duas pessoas. Uma vez percebida esta questão da sensualidade, alguns alunos desenvolveram a ideia de que o “roubo” poderia ser visto como um caso amoroso proibido. Muitos falaram sobre o poder do desejo, classificaram o ato proibido como viciante e que, tal como todos os vícios, faz com que as pessoas percam o controle sobre suas atitudes; desta forma, não se arrependem dos delitos cometidos e se acham dignas de “cem anos de perdão”.

Uma afirmativa bastante interessante foi de uma mulher de 49 anos que, embora o conto deixe claro que a rosa em questão era “cor-de-rosa-vivo”, insistiu em discutir com os colegas dizendo que rosa era branca, uma vez comprovado que isto não constava do texto, a mulher afirmou que prefere as rosas brancas e não conseguiu imaginar tamanho desejo provocado por uma rosa que não fosse branca. Isto levou a discussão para a identificação particular de cada pessoa com o texto.

Apenas duas alunas, mulheres de 45 e 53 anos observaram a afirmativa do início do texto como um pedido prévio de perdão e de compreensão pelo que seria contado, como se a autora colocasse, naquele momento, os leitores como seus cúmplices pelos atos cometidos. Outras pessoas, no entanto, pensaram exclusivamente sobre roubar enquanto ato criminoso, algumas isentaram a personagem de culpa, pois consideraram que roubar rosas e pitangas não seria exatamente um crime e outras ainda criticaram as ideias da autora quanto ao perdão, considerando que uma criança que cometesse tais pequenos roubos poderia se tornar de fato uma ladra no futuro. Houve também quem afirmasse que o “eu” do texto se auto perdoa não se importando com a opinião de outras pessoas.

Alunos um pouco mais maduros, acima de 50 anos, falaram sobre o prazer que a personagem encontra em cometer o roubo, afirmando que fazer algo proibido pode ser fonte de prazer no sentido em que significa de alguma forma transpor possíveis medos que estejam alojados no

coração das pessoas. Chamou a atenção o seguinte trecho recolhido quando as impressões foram feitas por escrito, uma aluna de 55 anos afirmou: “As sensações e conquistas justificam os meios. O prazer é muito maior do que a ética.” Tal afirmativa desencadeou um debate entre os estudantes acerca do ato de roubar, da ética, do prazer, dos desejos, do sentimento de posse e sobre o que pode ou não ser digno de perdão.

Por fim, os estudantes concordaram que o conto é cheio de símbolos e que trata de muito mais do que contar a história de crianças que roubam rosas. É importante pontuar aqui que muitos alunos, mais jovens ou ainda não tão jovens, mas com menos experiência de leitura não haviam percebido a profundidade do texto, só a puderam perceber a partir do debate no qual todos expuseram as suas impressões.

Quanto à linguagem do texto, alguns alunos mencionaram que tiveram dificuldade em compreender o texto devido à sutileza mencionada e aos símbolos que revelam muito mais do que uma simples brincadeira de crianças, em contrapartida, alguns alunos afirmaram que a linguagem é muito simples e clara e que não houve nenhuma dificuldade em compreender o texto em sua plenitude. Ficou ainda a questão, o que afinal, seria compreender um texto em sua plenitude? Qual o alcance da suposta “plenitude” em cada texto? Segundo Umberto Eco:

O leitor deve suspeitar de que cada linha esconde um outro significado secreto; as palavras, em vez de dizer, ocultam o não-dito; a glória do leitor é descobrir que os textos podem dizer tudo, exceto o que seu autor queria que dissessem; assim que se alega a descoberta de um suposto significado, temos certeza de que não é o verdadeiro; o verdadeiro é um outro e assim por diante; os *hylics* - perdedores – são aqueles que terminam o processo dizendo “compreendi”. O leitor real é aquele que compreende que o segredo de um texto é o seu vazio. (Eco, 2018:46 [1992])

Apenas uma palavra foi mencionada como desconhecida pela maioria dos alunos, trata-se de “sebe”, tal palavra aplica-se mais à linguagem escrita, não é de uso corriqueiro em São Paulo, região onde vivem todos os estudantes que participaram da pesquisa, tal dificuldade foi atribuída a isto e ao fato de os estudantes não terem vasta experiência de leitura.

Para melhor sistematizar as diferentes impressões relatadas a respeito do texto, elaboramos um quadro no qual constam as principais visões abordadas pelos alunos. Na parte final da tabela mencionamos se os alunos apontaram dificuldade ou facilidade para compreender o texto. O item ‘área de atuação’ constante do quadro será marcado com ‘H’ ou ‘E’ significando respectivamente Humanas ou Exatas a fim de definir a área de estudos ou atuação profissional a que se dedicam as pessoas, isto mostrou-se relevante durante a pesquisa.

Cem anos de Perdão	Estudantes				
Ideias	idade	gênero	estrangeiro	escolaridade	Área de atuação
Amor à natureza	todos	F	Sim	todos	H / E
Ato de roubar	Acima de 40	F/M	Sim	Fundamental II e ensino médio	E
Paixão e sensualidade	Acima de 30	F/M	Não	Fundamental II e Superior	H

Dificuldade de compreensão	20 a 30 e acima de 50	M	Sim	Fundamental II e Superior	H / E
Facilidade de compreensão	30 a 50	F	Não	Superior	H

O segundo conto apresentado aos estudantes foi *A repartição dos pães*, o referido conto foi trabalhado exatamente da mesma forma que o anterior, primeiramente os alunos apenas o ouviram e escreveram sobre suas impressões, em seguida tiveram o texto impresso em mãos, realizaram a leitura utilizando o tempo que precisaram e em seguida abriu-se a discussão entre os colegas. Este conto foi considerado de maior complexidade pela maioria dos estudantes, as pessoas precisaram de mais tempo para a leitura e reflexão antes de se sentirem seguras para expressar suas opiniões e sentimentos. Após o tempo solicitado pelos estudantes, no momento de iniciar a discussão, fez-se um certo silêncio, as pessoas se entreolharam e a maioria mencionou estar com a respiração sutilmente suspensa.

As primeiras reações foram bastante interessantes, os alunos disseram que havia muitos sentimentos que não conseguiam nomear, portanto não podiam transformá-los em palavras. Algumas pessoas disseram que havia muitas reflexões diferentes suscitadas pelo texto e que era muito difícil estabelecer uma conexão entre elas. A maioria dos alunos afirmou ter encontrado muitas dificuldades para compreender o texto, declararam que o conto era repleto de sensações e sentimentos, e que não havia clareza a respeito do que se tratava a reunião ocorrida na história. Algumas pessoas disseram tratar-se de uma reunião familiar, de certa forma tradicional, obrigatória para agradar aos familiares mais velhos, outras pessoas consideraram que se tratava realmente de pessoas estranhas entre si ou que poderia tratar-se apenas de uma senhora que gostava muito de cozinhar e convidava pessoas sem qualquer vínculo familiar ou mesmo de amizade para compartilhar os alimentos que preparava.

Muitos abordaram a relação que o texto tem com a Bíblia na passagem em que menciona que a dona da casa lavava os pés dos convidados e também quando menciona o repartir do pão. Estes dois momentos levaram muitas pessoas a falarem sobre amor ao próximo e sobre ser grato pelo que se tem. Alguns alunos afirmaram que o texto poderia estar descrevendo a Santa Ceia como se estivesse acontecendo nos dias atuais. Uma mulher de 48 anos afirmou: “Este texto é uma oração!”. A partir de tal afirmativa os colegas discutiram sobre a atual situação mundial, abordando a fome, a violência e a guerra; considerando o ocorrido no conto quanto às pessoas estarem na companhia de quem não queriam e posteriormente partilharem a mesa e o alimento de modo natural, como seres humanos pura e simplesmente. Alguns citaram a frase ‘Era reunião de colheita, e fez-se trégua.’

Vários alunos, principalmente os mais jovens, na faixa etária entre 20 e 40 anos, ficaram presos à ideia de ‘gastar o sábado’ com algo que não trazia nenhum prazer ou alegria. Consideraram que o sábado seria um dia de descanso semanal e que precisava ser bem aproveitado e partilhado com pessoas especiais, não no ‘almoço de obrigação.’ Em contrapartida, uma mulher de 60 anos mudou o rumo do debate ao afirmar “aproveitar o momento com todos os detalhes que se apresentam colore a vida!” Tal afirmação provocou outras reflexões a respeito de viver intensamente cada momento na vida ainda que seja algo totalmente inesperado.

Um homem de 32 anos afirmou que o texto traz uma lição de amor ao próximo, ensinando a doar o sábado sem avareza, doar o tempo, preparar alimentos e oferecer aos outros com carinho é doar amor, afirmou que o compartilhar da mesa transformou os sentimentos dos ‘convivas’, o que no início era um sacrifício, uma obrigação, se transformou em celebração, verdadeira, sem máscaras ou rótulos “comi aquela comida e não o seu nome.” Abordou ainda que precisamos todos perceber e valorizar a dedicação que as outras pessoas têm para conosco, muitas vezes não percebemos, não valorizamos e desta forma, afastamos as pessoas. Uma mulher de 62 anos, mencionou o amor pela terra e tudo o que ela dá, afirmando: “compartilhar o alimento, sem desperdiçar porque tudo vem da terra, o semear, regar, colher e repartir.”

As mulheres um pouco mais maduras, acima de 50 anos, consideraram o texto angustiante, afirmaram que o ‘almoço de obrigação’ lhes pareceu uma prisão da qual não se poderia escapar, uma grande tristeza. Afirmaram que tal aprisionamento remete a uma vida cotidiana

sem alegrias, sem novidades e absolutamente cansativa. Uma mulher de 62 anos considerou o conto ‘sombrio e amargurado’. A partir desta afirmação, as outras mulheres na faixa etária mencionada concordaram entre si a respeito das obrigações sociais e familiares para as quais as pessoas são ‘convidadas’ e muitas vezes participam apenas para alegrar outras pessoas ou mesmo para cumprir a obrigação, sem qualquer alegria ou satisfação em fazê-lo. Ao serem questionadas porque pensavam desta forma, todas afirmaram que estas atitudes faziam parte da vida real e disseram que todas as pessoas vivem desta forma, ainda que não o admitam. Alguns alunos mencionaram ainda a frase do texto que diz “Ninguém falou mal de ninguém porque ninguém falou bem de ninguém.” Afirmando que as pessoas, no conto, não tinham afinidades, não se viam como amigas ou sequer próximas e ainda assim não havia julgamentos. Um homem e duas mulheres na faixa etária dos 50 anos observaram o seguinte trecho do texto: “Tudo limpo do retorcido desejo humano.” E “Assim como homens e mulheres, e não nós, os ávidos.” Tais alunos abordaram o trecho considerando a ausência de simplicidade na vida de grupos privilegiados atualmente, comentaram que a vida poderia ser mais simples e que isto os fez refletir sobre como, na verdade, precisa-se de pouco para viver e, no entanto, somos ‘ávidos’, jamais satisfeitos.

Este conto foi considerado por todos os estudantes mais complexo e de difícil compreensão, no entanto, isto não ocorreu por causa de palavras utilizadas, estas, foram bem compreendidas. Os alunos afirmaram que a dificuldade se deu por causa da mistura de pensamentos, sensações e do entrelaçar que o texto faz com passagens bíblicas como: “E lavava contente os pés do primeiro estrangeiro.”, “Porque nem sempre posso ser a guarda de meu irmão”. Mencionaram também a falta de clareza quanto aos possíveis laços que uniam as pessoas presentes à reunião ocorrida no conto, consideraram que não pareciam ser amigos, tampouco familiares, poderiam ser estranhos e, no entanto, estavam juntos, convidados para o ‘almoço de obrigação’.

Para melhor sistematizar as diferentes visões abordadas pelos alunos, segue o quadro:

A Repartição dos Pães	Estudantes				
Ideias	idade	gênero	estrangeiro	escolaridade	Área de atuação
A importância do sábado	Entre 20 e 40	M / F	não	Fundamental II e Ensino Médio	H / E

Avareza / ganância	Entre 45 e 50	M / F	não	Ensino Médio e Superior	H
Bíblico / Santa Ceia	Acima de 45	F / M	não	Superior	H
Partilha	todos	F / M	sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	
Angústia / tristeza	Acima de 50	F	não	Fundamental II e Superior	H
Obrigação	todos	F / M	sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E

Dificuldade de compreensão	todos	F / M	sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E
Facilidade de compreensão	Acima de 60	F	não	Superior	H

O próximo texto apresentado em sala de aula foi o conto *Uma esperança*, a apresentação ocorreu da mesma forma que a dos textos anteriores, no primeiro momento apenas ouviram a leitura do texto e escreveram sobre suas impressões, depois tiveram o texto impresso em mãos, realizaram a leitura e então abriu-se a discussão entre os colegas.

Alguns alunos, principalmente os estrangeiros e os mais jovens, observaram apenas o inseto, não conseguiram compreender o texto em maior profundidade e relacionar a esperança enquanto sentimento. Uma mulher estrangeira, natural da Argentina, de 65 anos afirmou ter muita aversão a insetos e que por isso, não conseguiu se manter atenta ao texto. Por outro lado, várias mulheres acima de 40 anos abordaram simplesmente a esperança como sentimento, nem sequer mencionaram ou relacionaram a presença do inseto no conto.

O aluno mais jovem do grupo, um rapaz de apenas 20 anos, afirmou que ‘a esperança aumenta as virtudes’ e comentou que ‘ter esperança faz com que as pessoas sejam melhores, se esforcem e lutem para melhorar suas vidas e suas relações’, a partir destes comentários outros alunos fizeram afirmações semelhantes abordando apenas o sentimento esperança sem mencionar o inseto ou o texto propriamente dito.

Os alunos com menor grau de escolaridade, de idades variadas, uma vez questionados sobre suas impressões acerca do texto apenas recontaram a história e afirmaram nunca terem ouvido falar de um inseto denominado ‘esperança’. Alguns argumentaram que um inseto,

apesar do nome, jamais faria pensar em esperança, ignorando completamente o conteúdo mais profundo do texto. Declararam ainda não terem gostado do texto e não terem visto nada além de um momento em família no qual surge um inseto.

Muitos estudantes abordaram o aparecimento da aranha e o risco que ela representava à esperança como uma luta entre o bem e o mal. Afirmaram que enquanto houver esperança nada estará perdido, sempre haverá possibilidade de acontecimentos bons e que o prevalecer do bem, muitas vezes, se dá a custo de eliminar o mal, no caso, a aranha. Uma mulher de 48 anos afirmou: ‘a aparente fragilidade da esperança inseto se compara à aparente fraqueza das pessoas’ e que ‘isto é apenas o lado externo, físico, a real força que impulsiona as pessoas é de espírito e caráter’. Tal afirmação originou uma discussão entre os colegas sobre perseverança, força de vontade e coragem.

Uma mulher de 37 anos apegou-se à ideia de que a esperança é composta de fragilidade e força, afirmou que conforme o inseto, o sentimento parece ser frágil, mas na verdade é extremamente forte e utilizou o dito popular: A esperança é a última que morre. Os colegas então teceram vários comentários acerca desta afirmativa.

As mulheres, sobretudo as que são mães, ficaram encantadas com o menino no texto, com os comentários feitos por ele que demonstraram que estava o tempo todo relacionando a esperança sentimento e o inseto. Mencionaram o trecho “e, como filhos são uma surpresa para nós” afirmando que tais surpresas são verdadeiros motores para que se mantenha a esperança na vida.

Apenas um pequeno grupo de alunos, acima de 45 anos e um maior grau de escolaridade abordou desde o início da atividade o fato de que no texto as duas esperanças surgem juntas, o inseto traz consigo a ideia do sentimento. O conto relaciona claramente inseto e sentimento, podemos perceber uma associação perfeita, a movimentação hesitante do inseto é perfeitamente comparável à hesitação do sentimento das pessoas diante das dificuldades da vida. Uma aluna citou a frase: “Não havia dúvida: a esperança pousara em casa, alma e corpo.” Afirmou que a presença do inseto mexeu com os sentimentos da mãe e dos filhos, reacendendo de alguma forma, a esperança.

Uma aluna de 62 anos, ensino superior completo, afirmou ter sentido muita tristeza ao ler o texto, identificou-se com a mãe que aparece no conto, com suas incertezas e dores. Disse ter

visto no texto um episódio simples do cotidiano, porém que proporciona reflexões, sentimentos e emoções que invadem as pessoas diariamente, mas são ignorados e desta forma, desperdiçados.

Um aluno de 32 anos afirmou que o texto lhe trouxe alegria e uma grande sensação de paz, a certeza de que é possível ter esperança e boas oportunidades surgirão em dias que estão por vir. Tal comentário otimista, de certa forma, contagiou os colegas que passaram a fazer reflexões mais positivas.

Todos os estudantes ao falarem sobre o sentimento esperança afirmaram que jamais seria possível viver sem esperança. Ainda que não se busque algo específico, a simples esperança do amanhã existir impulsiona as pessoas a seguirem em frente.

Um homem de 46 anos observou que o inseto esperança no texto hesita para encontrar o caminho por entre os quadros na parede e afirma: “A esperança sentimento é livre, pausa e passa por qualquer lugar, não se pode prender ou direcionar a esperança.” Esta afirmativa deu origem a uma discussão sobre associar esperança e ação, no sentido de que não se pode ter esperança e estar parado apenas ‘esperando’. Um aluno bastante jovem, de 21 anos, relacionou esperança, fé e a luta diária das pessoas para atingirem os seus objetivos, não desanimar da luta significa ter esperança. Embora pareça bem claro no texto, apenas uma mulher de 56 anos mencionou a simbologia que existe relacionada à cor verde, é comum as pessoas dizerem que esta cor simboliza a esperança, tal aluna relacionou a cor do inseto à simbologia.

Quanto à linguagem do texto, os alunos declararam não haver dificuldades de decodificação das palavras, mencionaram apenas duas que não lhes são de uso corrente: indubitável e renitente. Afirmaram que embora não as usem, conseguiram decodificá-las através do contexto em que se apresentam.

Apenas os alunos do terceiro ano do curso mencionaram a ironia que surge no texto quando a mãe comenta que precisa falar com a empregada: “eu lhe diria apenas: você faz o favor de facilitar o caminho da esperança.” A frase claramente revela as duas esperanças e ironicamente faria parte da solicitação para que a empregada limpasse os quadros da parede. Os mesmos alunos mencionaram a comparação que aparece quando a família fica observando o inseto na parede: “Ali ficamos, não sei quanto tempo olhando. Vigiando-a

como se vigiava na Grécia ou em Roma o começo de fogo do lar para que não apagassem.” Mencionaram ainda a comparação no final do texto: “como se uma flor tivesse nascido em mim.”

A maioria dos estudantes afirmou ter sido este o seu conto favorito dentre os quatro estudados e discutidos. Consideraram que havia a possibilidade de compreendê-lo mais profundamente e relacionar o sentimento ao inseto e que mesmo quem não conseguiu tal compreensão ainda pôde compreender uma simples história que abordava um momento em família.

A fim de melhor sistematizar a pesquisa, segue o quadro no qual constam as principais visões abordadas pelos alunos:

Uma Esperança	Estudantes				
Ideias	idade	gênero	estrangeiro	escolaridade	Área de atuação
Inseto	Abaixo de 45 e uma de 65	M / F	sim	Fundamental II e Ensino Médio	H
Sentimento	Acima de 40	F	não	Ensino Médio e Superior	H / E
Associação entre inseto e sentimento	Acima de 45 anos	M / F	não	Ensino Médio e Superior	H
Bem e mal (esperança x aranha)	Todas as faixas etárias envolvidas	M / F	não	Ensino Médio e Superior	H / E
Tristeza	62 anos	F	não	Superior	H
Alegria	32 anos	M	não	Fundamental II	H
Verde	56 anos	F	não	Fundamental II	H
Figuras de linguagem	Entre 35 e 50 anos	M / F	não	Ensino Médio e Superior	H / E

Dificuldade de compreensão	Alguns dos mais jovens	M / F	sim	Fundamental II e Ensino Médio	H / E
Facilidade de compreensão	Todas as faixas etárias envolvidas	M / F	não	Ensino Médio e Superior	H / E

O próximo conto apresentado aos alunos foi *Felicidade Clandestina*, que dá nome à coletânea na qual foram publicados todos os outros contos aqui abordados. Seguimos o processo da mesma forma, primeiro os alunos apenas ouviram a leitura do texto, emitiram

suas impressões e posteriormente o tiveram impresso em mãos para uma leitura silenciosa. Abriu-se então a discussão entre os colegas.

A totalidade dos estudantes mencionou a diferença socioeconômica entre as duas meninas que protagonizam a história relatada no conto, a menina rica, filha do dono da livraria que não valorizava os bens materiais que possuía e a menina menos favorecida que desejava ler um livro que não podia ter pois não tinha condições de comprar. Abordaram a crueldade e o egoísmo da menina rica que, mesmo não valorizando o livro, não se interessando por ele, não queria emprestá-lo à menina pobre, referiram que as pessoas privilegiadas, muitas vezes não se solidarizam com os necessitados ou menos privilegiados. Discutiram ainda sobre o valor que as pessoas atribuem às coisas pelas quais precisaram lutar para conseguir.

As mulheres acima de 35 anos, sobretudo as que são mães, comentaram sobre a mãe da menina rica que, surge no texto como a voz da razão, representando o juízo e o juiz para resolver a situação ainda que perplexa por descobrir a maldade exercida por sua própria filha. Uma aluna estrangeira de 45 anos, nascida no Japão afirmou ter-se sentido aliviada quando a mãe da menina interferiu e resolveu a situação, fez a seguinte afirmação: “Ufa, até que enfim a criança pode ler o livro!” Esta aluna comentou que sentia a dor de ver um livro ser negado a uma criança, relatou que em seu país as crianças têm acesso aos livros e ao estudo e que isto é considerado importantíssimo.

Os alunos mais jovens, entre 20 e 30 anos manifestaram opiniões e relataram o sentimento de raiva com relação à menina dona do livro e sentimento de pena e empatia em relação à menina que buscava obter o livro emprestado. Durante a conversa afirmaram estar ‘torcendo’ pela garota pobre e mostraram-se alegres e satisfeitos ao ver a menina rica ser descoberta e punida pela mãe. Os alunos um pouco mais maduros, na faixa etária acima dos 40 anos abordaram a questão da aparência física das meninas e relacionaram a ideia dos contos de fadas que representavam as personagens más como pessoas fisicamente feias e as personagens boas como pessoas fisicamente bonitas.

Um homem de 43 anos fez a comparação com a história da Cinderela e foi além da aparência física, afirmou também que a personagem menos favorecida é considerada como boa e a mais poderosa, como má, abordou que como nos contos de fadas, o poder é usado para exercer a maldade. Mencionou a frase do texto “enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso”, tal comentário desencadeou a discussão sobre os padrões de beleza da

sociedade moderna, que as pessoas “esguias, altinhas, de cabelos livres” são consideradas bonitas ao passo em que as pessoas como a garota do texto “gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos” são consideradas feias. Foi possível perceber que a discussão acerca disto não resultaria em conclusão alguma, as opiniões foram ouvidas, respeitadas e os colegas compreenderam que o texto segue as ideias impostas pela sociedade da época, o que não é muito diferente da atual.

Algumas alunas, mulheres, acima de 50 anos, mostraram-se compreensivas com a postura da menina rica, afirmando que provavelmente ela se sentia mal por sua aparência, provavelmente não era bem aceita pelas colegas e a atitude de não querer emprestar o livro trata-se de uma certa forma de ‘vingança’.

Todos os alunos perceberam e comentaram sobre a perseverança da menina que queria o livro emprestado, apesar das adversidades, do cansaço e das constantes decepções que sofreu ao ir buscar o livro, em momento algum esboçou ter vontade de desistir. Discutiram sobre ter objetivos na vida e nunca desistir dos sonhos e abordaram ainda o amor e desejo que a menina pobre sentia pela leitura. Alguns alunos não compreenderam claramente no contexto o significado da palavra ‘clandestina’, foram os mais jovens e alguns mais maduros com menor escolaridade e menor envolvimento com leituras.

Os alunos mais maduros, acima de 30 anos mencionaram a sensualidade sugerida no texto desde o início, relacionando a ideia inicial na qual a menina deseja ardentemente ler um livro que não tem condições de ter com a última frase do conto que fala de uma mulher com o seu amante. Uma aluna de 54 anos mencionou a frase “era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o” considerou que a sensualidade até então sugerida no texto fica clara nesta afirmativa, o livro é visto como mais do que um livro. A partir desta abordagem iniciou-se uma discussão entre as colegas, todas mulheres acima de 30 anos sobre o quanto a dificuldade para se obter algo pode aumentar o desejo que se tem pelo objeto pretendido, sobretudo se for o caso de uma conquista amorosa. Relacionaram a ideia da ‘felicidade clandestina’ por tratar-se do desejo por algo que não lhe pertencia e a última frase do texto “não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante” foi abordada como a concretização de um amor proibido, pois embora o livro esteja em suas mãos, não lhe pertence, daí a relação de clandestinidade e a associação a um amante. Houve ainda uma aluna de 45 anos que afirmou que a ideia de ‘clandestinidade’ se deve ao fato da menina ter

sofrido tanto para obter o livro que não se considera mais digna de desfrutar de tal felicidade, esta mesma mulher afirmou ter ficado ‘surpresa e encantada’ com a frase final do texto.

Uma aluna de 52 anos caracterizou o texto como “a história de amor de uma menina pobre com o livro dos sonhos”, que a menina tanto desejava e pelo qual a menina tantas humilhações suportou, como se fosse de fato, o amor por uma pessoa pela qual se precisa lutar. Uma aluna de 48 anos, que teve uma infância muito difícil, afirmou identificar-se com a garota pobre, pois não tinha condições de ter livros e só lia quando a professora podia lhe emprestar.

Dois alunos andaram na contramão das discussões do grupo, uma mulher de 32 anos e um homem de 46. Ambos defenderam com veemência a menina rica no texto, afirmaram que a voz que fala no conto é da menina pobre e esta trata de depreciá-la porque na verdade, tinha inveja dela, desejava possuir o que ela possuía, por isso aponta os defeitos da outra e exalta suas próprias qualidades. Porém não inocentaram completamente a menina rica, afirmaram que esta se aproveita de sua posição privilegiada para causar sofrimento à menina pobre, talvez por inveja de sua aparência ou simplesmente para vingar-se por não ser bem aceita e talvez até maltratada pelo grupo. Criticaram ainda o fato da menina pobre, uma vez de posse do livro, não o ler imediatamente, segundo eles, isto revela apenas o desejo de possuir algo que pertence a outra pessoa e desta forma relacionaram a ideia do ‘amante’ que aparece na última frase do texto. O mais interessante a respeito destes alunos foi o fato de terem afirmado que, quando eram crianças tiveram problemas com a sua aparência e autoestima, identificando-se desta forma com a menina rica.

Mais uma vez, apenas os alunos do terceiro ano do curso fizeram observações quanto à linguagem ou ao uso das palavras no texto, a primeira questão abordada foi a conjunção adversativa, ‘mas’ que aparece no primeiro parágrafo do texto, indicando uma compensação ou quase um perdão pelos defeitos que foram apontados na menina rica, “mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria.” Abordaram também a frase: “enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso”, apontando que a palavra ‘grosso’ é um adjetivo incomum para significar que a pessoa era gorda, transmite sutilmente uma ideia de maldade, rudeza, aborda além da aparência física.

Outra questão mencionada pelos mesmos alunos foi a sensualidade presente no texto que, se manifesta primeiramente no quinto parágrafo do texto com a descrição do livro: “era um

livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses.” Afirmaram que neste momento já fica sugerida a ideia que será metaforicamente afirmada na última frase do texto: “Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.” O fato de na primeira descrição o livro ser abordado quase como uma pessoa e ainda “acima de minhas posses” sugere a ideia de algo extremamente desejado, porém proibido, impossível, marcado no fim do texto como um ‘amante’.

A fim de melhor sistematizar a pesquisa, segue o quadro no qual constam as principais visões abordadas pelos alunos:

Felicidade Clandestina	Estudantes				
Ideias	idade	gênero	estrangeiro	escolaridade	Área de atuação
Diferença socioeconômica das meninas	Todas as faixas etárias	F / M	sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E
Crueldade e egoísmo	Todos	F / M	sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E
Atitude da mãe	Acima de 35	F	sim	Ensino Médio e Superior	H
Identificação com a menina pobre	Entre 20 e 30	F / M	não	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E
Identificação com a menina rica	Acima de 50 1 de 48 anos	F M	não	Ensino Médio e Superior	H / E
Visão diferente	1 de 32 anos 1 de 48 anos	F M	não	Superior	H E
Aparência física das meninas	Acima de 40	F / M	sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E
Vingança	Acima de 50	F	sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H
Perseverança	Todos	F / M	sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E
Sensualidade	Acima de 30	F / M	sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E
Linguagem	Entre 35 e 50	F / M	não	Ensino Médio e Superior	H / E

Facilidade de compreensão	de	Acima de 30	F / M	não	Ensino Médio e Superior	H / E
Dificuldade de compreensão	de	Abaixo de 30	F / M	sim	Fundamental II e Ensino Médio	H / E

Felicidade Clandestina foi o conto que mais teve diferentes visões e interpretações, suscitando os mais calorosos debates entre os colegas.

A análise dos contos foi riquíssima, pudemos perceber que a compreensão e interpretação dos textos, sobretudo das narrativas inevitavelmente passa pela identificação que as pessoas têm com as histórias no que refere ao ambiente, situações e características das personagens.

3.2 As várias interpretações das crônicas de Clarice Lispector

As crônicas abordadas neste estudo foram apresentadas aos estudantes da mesma maneira que os contos, no primeiro momento apenas escutaram a leitura e no segundo momento tiveram o texto em mãos para uma leitura silenciosa e mais reflexiva.

As impressões, interpretações e comentários suscitados pelas crônicas foram bastante diferentes dos que foram inspirados pelos contos. A respeito dos contos as pessoas comentaram sobre o comportamento dos personagens, suas atitudes e decisões, havendo em muitos momentos uma forte identificação dos leitores com os personagens. Da mesma forma como se deu com os contos, a totalidade dos alunos afirmou que não conhecia as crônicas de Clarice Lispector, afirmaram ter conhecido os textos da escritora a partir deste trabalho realizado em sala de aula.

O ocorrido com as crônicas foi muito interessante, as mesmas suscitaram sensações, sentimentos, emoções e profundas reflexões, lágrimas e muitas conversas. Tais acontecimentos nos fizeram considerar a função terapêutica da leitura, capaz de resgatar sentimentos, emoções e memórias supostamente esquecidas, mas, que na verdade habitam o inconsciente das pessoas e uma simples leitura pode fazê-las reviver.

A primeira crônica apresentada aos estudantes foi *Brincar de Pensar*, publicada em 19 de agosto de 1967; que está disponível no Anexo IV. A princípio, o nome atribuído à crônica causou comentários e um debate geral a respeito da seriedade ou não do ato de pensar. Todos os alunos debateram e concordaram com a ideia de que é preciso cuidar dos pensamentos, a ideia está implícita na crônica quando a autora aborda os ‘riscos’ de pensar. Tais riscos seriam, segundo a discussão dos estudantes, reviver momentos dolorosos da vida e trazer de volta algum sofrimento do passado. Um aluno muito jovem, de apenas 20 anos, afirmou que vê grandes riscos em entregar-se a pensamentos, isto pode causar ansiedade e até mesmo crises existenciais, as quais poderiam trazer algum abalo psicológico e até mesmo, depressão. Por este viés, o debate alargou-se no sentido de que as pessoas precisam ‘dominar’ e direcionar os seus pensamentos para coisas positivas a fim de não se perderem em emoções e sentimentos que possam lhes causar mal.

Dois alunas, uma de 52 anos e outra de 44, ambas com ensino superior completo, abordaram a questão que surge na crônica sobre pensar sozinho ou acompanhado e discorreram sobre relacionamentos, confiança, afeto e empatia.

A totalidade dos estudantes abordou a importância de dedicar algum tempo de vida ao pensar, afirmaram que dedicar-se a pensar sobre a própria vida, os próprios sentimentos e atitudes pode tornar as pessoas melhores e mais conscientes do que fazem e do que desejam para as suas vidas, esta ideia foi associada a viver melhor, em paz e harmonia consigo mesmo e com os outros. Uma mulher de 48 anos afirmou: “nossa mente é forte e determinante das nossas atitudes, decisões e emoções” tal afirmativa desencadeou entre os demais o debate sobre determinação, força de vontade e busca pelos objetivos na vida.

Alguns alunos de faixa etária variada, porém com menor escolaridade, consideraram o texto difícil e afirmaram que não compreendiam o que significava a ideia de ‘brincar de pensar’.

Uma mulher de 30 anos afirmou que entregar-se livremente a pensamentos pode ser muito relaxante, considerou que é preciso enfrentar a possível ocorrência de pensamentos ruins e desta forma, compreendê-los, transformá-los e vencê-los.

Dois estudantes, uma de 35 e outra de 49 anos afirmaram que a grande necessidade de pensar se dá quando é preciso comunicar algo a alguém, que é essencial pensar antes de falar para

evitar possíveis problemas e desentendimentos. Esta ideia foi vista pelos demais como simplesmente óbvia e que o texto não trata desta forma simples de pensar.

Uma aluna de 60 anos afirmou ter amado o texto, considerou que pensar é buscar compreender a si mesmo e ao mundo em que vivemos. Afirmou que se sente próxima da autora como se a tivesse conhecido e que lhe parece que os textos trabalhados lhe falam diretamente como se tivessem sido escritos para tocá-la.

A totalidade dos alunos debateu e concordou entre si que é impossível estar sem pensar em nada, os pensamentos são automáticos e mesmo que não possamos perceber, estamos o tempo todo envolvidos em pensamentos diversos. As ideias suscitadas pelo texto foram bastante vastas, como se vê, e o debate teve a participação e o envolvimento de todos os alunos.

A fim de melhor sistematizar a pesquisa, segue o quadro no qual constam as principais visões abordadas pelos alunos:

Brincar de Pensar	Estudantes					
Ideias	idade	gênero	estrangeiro	escolaridade	Área de atuação	
Cuidar do pensamento	todos	F / M	sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E	
Pensar só ou acompanhado	52 e 54 anos	F	não	Superior	H	
Importância de pensar	todos	F / M	sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E	
Pensamento determinante da vida	48	F	não	Superior	H	
Compreender a si mesmo	todos	F / M	sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E	
Relaxante	30	F	não	Superior	E	
Impossível não pensar	todos	F / M	sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E	

Dificuldade de compreensão	várias	F / M	não	Fundamental II	H / E	
Facilidade de compreensão	várias	F / M	sim	Ensino Médio e Superior	H / E	

A próxima crônica apresentada aos estudantes foi *A Descoberta do Mundo*, publicada em 06 de julho de 1968. O texto é um pouco mais longo que o anterior, porém o assunto causou um debate mais voltado para a ideia central do texto, houve abordagens pessoais e voltadas para a atualidade. O assunto foi mais debatido pelas mulheres, os homens que se manifestaram mais abertamente são pais e falavam sobre como cuidar de suas filhas.

A totalidade das mulheres debateu sobre a beleza da natureza e sobre como a descoberta do amor pode ser sublime e delicada se os jovens forem bem orientados por seus pais ou por um adulto respeitoso e amoroso.

Duas alunas, uma de 50 e outra de 54 anos, afirmaram que o texto as fez refletir sobre o quanto ainda percebem em si mesmas um lado infantil que insiste em ver o mundo com espanto e surpresa a cada nova descoberta. Disseram que embora o tempo amenize feridas e traumas, nem sempre traz o amadurecimento capaz de afastar traços infantis. Outras duas mulheres, uma de 72 e outra de 42 anos relacionaram o texto com o mundo moderno, afirmaram que na atualidade os jovens procuram e obtêm qualquer resposta na internet, observaram o quanto isto pode ser nocivo e abordaram a importância de os pais estarem presentes na vida dos filhos acolhendo-os de forma amorosa e receptiva. Grande parte das mulheres de diversas idades falaram sobre suas próprias vidas e sobre a forma como lhes foi ensinado ou como descobriram a forma como se dá a relação entre um homem e uma mulher.

Três alunos, de 32, 43 e 49 anos, que são pais, falaram sobre a curiosidade natural que as crianças têm acerca deste assunto e abordaram a importância de estarem presentes para explicar e conversar a respeito com os seus filhos a fim de evitar informações que possam confundir ou mesmo traumatizar os jovens.

Uma aluna estrangeira de 63 anos, nascida na Colômbia, afirmou que na sua juventude, em seu país, os pais não conversavam com os filhos sobre estes assuntos, considerou o texto muito bonito pois segundo ela, uma boa abordagem por parte de um adulto evitaria “que se perdesse a magia da vida”. Outra aluna estrangeira de 45 anos, também colombiana, afirmou encantar-se com a delicadeza do texto, sobretudo no final onde a autora afirma que “mesmo depois de saber de tudo, o mistério continuou intacto.”

Duas mulheres, uma de 56 e outra de 60 anos falaram das descobertas que ocorrem ao longo da vida e do impacto que causam, afirmaram que isto molda as pessoas e ajusta a sua forma de ver o mundo. Falaram da delicadeza e fragilidade das mulheres e como na atualidade muitas têm se tornado fortes para enfrentar as adversidades da vida. Ambas afirmaram ter se encantado com a beleza da última frase do texto: “Pois juro que a vida é bonita.”

Nenhum aluno manifestou ter encontrado dificuldades para compreender o texto.

A fim de melhor sistematizar a pesquisa, segue o quadro no qual constam as principais visões abordadas pelos alunos:

A Descoberta do Mundo	Estudantes				
Ideias	idade	gênero	estrangeiro	escolaridade	Área de atuação
Beleza da natureza	todos	M / F	Sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E
Infantilidade	50 e 54	F	Não	Superior	H
Atualidade - internet	72 e 42	F	Não	Ensino Médio e Superior	H
Experiências pessoais	Várias	F	Sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E
Crianças	32,43 e 49	M	Não	Superior	E
Delicadeza do texto	45, 56, 60 e 63	F	Sim	Superior	H
Facilidade de compreensão	todos	M / F	Sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E

A próxima crônica apresentada aos alunos foi *Aprendendo a Viver*, publicada em 28 de dezembro de 1968, portanto a crônica de Ano Novo publicada no Jornal do Brasil no referido ano. Nesta crônica a autora menciona as ideias de Henry David Thoreau, filósofo e historiador norte americano, nascido em 1817 e falecido em 1862, este acreditava, segundo Clarice que era importante viver o momento presente, “não sacrifique o dia de hoje pelo dia de amanhã”, afirma ela. Thoreau abordava que as coisas boas são selvagens e livres. Menciona também as ideias de Georges Bernanos, escritor francês, nascido em 1888 e falecido em 1948, este era um cristão católico romano que expressava em seus livros uma

visão de mundo trágica e melancólica, ainda que cheia de esperança, ansiosa por milagres e santidade.

O texto foi muito bem recebido pelos estudantes e a totalidade destes afirmou que a crônica trouxe uma sensação de esperança alegre, consideraram o texto inspirador que traz a ideia otimista de viver o presente e aceitar os desafios que a vida apresenta. Muitos mencionaram o título do texto considerando que o mesmo, de certa forma, ensina a viver melhor.

Todos os estudantes, com exceção de três pessoas, mencionaram e debateram a ideia de viver o presente acusando a si mesmos de não o fazer e sentirem-se mal por isto. Concordaram com o texto de que o futuro é incerto e tudo o que temos é o momento presente, porém a maioria vive com os olhos no futuro e não vive o agora. Uma mulher de 45 anos afirmou que “a vida é sinônimo de incertezas, não temos amanhã infinitos, é preciso viver intensamente a cada dia.” Esta afirmativa foi bem aceita pelos colegas que, refletiram e concordaram. Duas mulheres de 30 anos e um homem de 46 discordaram destas ideias afirmando que não é possível viver desta forma, é preciso trabalhar cada dia a fim de garantir o bem-estar no futuro.

Três alunas, de 45, 49 e 52 anos, agradeceram pelo contato que tiveram com o texto, afirmaram que as ideias trazidas por ele lhes serviram como sinal de alerta para viver melhor a cada dia. Uma aluna de 52 anos observou que o texto é perfeito para ser publicado às vésperas da comemoração do Ano Novo, comentou que o mesmo a fez lembrar-se das listas com propósitos e desejos que as pessoas fazem nos finais de ano e que tantos planos para o futuro roubam a simplicidade e alegria de viver intensamente cada momento, afirmando que é preciso viver com leveza.

A maioria dos estudantes mencionou a questão do arrependimento, afirmaram que o pior arrependimento é e sempre será pelas coisas que deixamos de fazer. Falaram sobre perder as oportunidades que a vida oferece e o quanto isto causa arrependimento. Abordaram a dor e sofrimento que tal arrependimento pode causar.

Uma aluna de 45 anos afirmou que “o texto é impactante e faz perceber que cada momento é raro”, referindo que as pessoas devem seguir os desejos de seus corações sem ouvir as opiniões alheias. Todos os colegas debateram e concordaram com tal afirmativa, muitos citaram exemplos de situações de suas vidas.

A totalidade dos alunos abordou e discutiu sobre o medo e o quanto este pode ser um fator paralisante na vida das pessoas, causando que se percam oportunidades e que se deixe de viver a cada dia intensamente. Uma aluna de 42 anos afirmou que o medo é importante apenas quando se trata de algo que pode colocar as pessoas em risco, mas não se deve ter medo de agir diante dos fatos ou situações. Houve igualmente um largo debate com concordâncias e discordâncias a respeito da penúltima afirmativa do texto: “Repito por pura alegria de viver: a salvação é pelo risco, sem o qual a vida não vale a pena!” Os estudantes discutiram a ideia de ‘risco’ e quais os riscos que podem ou não ser aceitáveis ao longo da vida.

Esta crônica, entre todas as abordadas foi a que mais proporcionou debates nos quais os alunos concordavam entre si quase que totalmente e suas ideias e sentimentos se complementavam. Nenhum aluno afirmou ter sentido dificuldade de compreender o texto, bem como não apontaram palavras que causaram qualquer dificuldade de entendimento.

A fim de melhor sistematizar a pesquisa, segue o quadro no qual constam as principais visões abordadas pelos alunos:

Aprendendo a Viver	Estudantes				
Ideias	idade	gênero	estrangeiro	escolaridade	Área de atuação
Esperança	todos	F / M	sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E
Viver o presente	Quase todos	F / M	sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E
Lutar pelo futuro	30 e 46	F / M	não	Superior	H
Gratidão pelo contato com o texto	45, 49 e 52	F	não	Superior	H
Seguir as próprias ideias ou desejos	todos	F / M	sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E
Viver com leveza	52	F	não	Superior	H
Arrependimento	todos	F / M	sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E
Medo	todos	F / M	sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E

Salvação pelo risco	todos	F / M	sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E
---------------------	-------	-------	-----	---	-------

Facilidade de compreensão	todos	F / M	sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E
---------------------------	-------	-------	-----	---	-------

A próxima crônica apresentada aos alunos foi *O milagre das folhas*, publicada em 04 de janeiro de 1969. Alguns alunos relataram terem sentido tristeza e melancolia ao ler o texto, falaram sobre o sentimento de que as coisas na vida, os acontecimentos são inevitáveis. O texto foi considerado triste por estes alunos. Na contramão, alguns outros alunos sentiram-se confortáveis com a ideia de que os acontecimentos podem ser inevitáveis, consideraram desta forma a esperança e a confiança no dia de amanhã.

Algumas alunas de 20, 39, 40, 43, 45, 52, com escolaridades diversas, foram as que consideraram o texto muito triste, afirmaram ter ficado desanimadas e melancólicas após a leitura. Foi-lhes solicitado que identificassem no texto, alguma palavra ou frase que tivesse causado este sentimento. As alunas debateram, parte delas considerou uma certa visão de falta de fé, um sentimento de que as coisas boas só acontecem para os outros quando a autora afirma que nunca lhe acontecem milagres e outra parte considerou a afirmação do terceiro parágrafo: “A incidência da linha de milhões de folhas transformadas em uma única, e de milhões de pessoas a incidência de reduzi-las a mim.” Afirmaram que esta frase as fez pensar na inevitabilidade dos acontecimentos da vida, sentiram-se impotentes para transformar as próprias vidas, isto lhes causou tristeza e falta de esperança.

Os alunos que andaram na contramão e sentiram-se confortáveis pelo mesmo motivo que os outros se sentiram desconfortáveis foram todos os outros homens e mulheres com escolaridades diversas e idades variadas; afirmaram que é preciso ver os fatos inevitáveis com otimismo, aceitá-los e viver da melhor forma possível. Houve ainda, um grupo de alunos, de 52, 46 e 61 anos, que afirmou que o texto traz os dois lados, o alegre e o triste, falaram sobre perseverança e superação dos obstáculos que a vida apresenta.

Todos os alunos afirmaram crer em milagres, conversaram, debateram e comentaram que a própria vida é um milagre que, para perceber a ocorrência de milagres na vida é preciso prestar atenção aos detalhes do dia a dia. Alguns contaram fatos de suas próprias vidas que

foram considerados como grandes milagres. Para exemplificar, citamos o caso de uma mulher de 48 anos que, esteve entre a vida e a morte com a Covid-19 e conseguiu se recuperar. Outro caso, foi a aluna japonesa que comentou sobre um terremoto pelo qual passou em seu país e que ter sobrevivido juntamente com sua família foi um verdadeiro milagre. Alguns alunos comentaram ainda que o texto traz fundamentalmente uma mensagem de otimismo e afirmaram que isto se mostra na última frase do texto: “Um dia uma folha me bateu nos cílios. Achei *Deus* de uma grande delicadeza.” Consideraram que apesar da autora afirmar que não lhe aconteciam milagres, comprova-se no final uma certa ideia de milagre pois *Deus*, segundo o texto, teria se dedicado a bater-lhe a folha exatamente nos cílios. Afirmaram que com a frase final o texto confirma o otimismo que parecia perdido no início do mesmo.

Um aluno de 46 anos afirmou que no início do texto a autora se mostra uma pessoa com baixa autoestima, porém no final do texto a considera uma pessoa narcisista e petulante por achar que *Deus* quis chamar a sua atenção.

Um aluno de 20 anos abordou o modo de escrever da autora, afirmou que esta aborda coisas simples da vida de maneira abstrata e, para ele, à primeira vista, de forma difícil de compreender. Afirmou, porém, que após um maior contato com os textos da autora, uma melhor capacidade de compreensão de seus textos lhe surgiu e tem gostado da experiência de ler e comentar sobre os textos.

Um aluno de 46 anos, afirmou sentir muita dificuldade em compreender os textos de Clarice Lispector. Afirmou que a considera ‘exagerada’ na manifestação dos sentimentos. Quanto a este texto, afirmou que a autora ‘deu um jeito’ de considerar a folha que a atingiu como um milagre, mas que para ele, coisas assim não passam de coincidências.

A fim de melhor sistematizar a pesquisa, segue o quadro no qual constam as principais visões abordadas pelos alunos:

O Milagre das folhas	Estudantes				
Ideias	Idade	Gênero	Estrangeiro	Escolaridade	Área de atuação
Tristeza	20, 39, 40, 43, 45 e 52	F	não	Ensino Médio e Superior	H

Otimismo e esperança	várias	F / M	sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E
Tristeza e otimismo	48, 52 e 61	F / M	não	Superior	H / E
Crer em milagres	todos	F / M	sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E

Escrita difícil	20	M	não	Fundamental II	H
Dificuldade de compreensão	46	M	não	Superior	E

O próximo texto apresentado aos alunos foi *Banhos de Mar*, publicado em 25 de janeiro de 1969. Esta crônica trata de passeios feitos na infância para tomar banhos de mar. A maioria dos estudantes lembrou-se de sua própria infância e comentou a respeito de experiências pessoais.

A totalidade dos alunos mencionou a imensidão e beleza do mar e como este transmite paz e calma. A esta ideia de imensidão acrescentaram a ideia de fé, da criação divina e da beleza da natureza. Uma aluna de 54 anos afirmou que a imensidão do mar a faz perceber o quanto ela própria e todas as pessoas são pequenas diante da natureza que é criação divina. Uma aluna de 56 anos afirmou que: “estar diante do mar proporciona a visão de que o mundo é realmente muito grande e a vida cheia de mistérios.” Estas ideias foram debatidas entre os colegas, todos concordaram e acrescentaram experiências pessoais ao debate.

Várias alunas, todas mães, de faixas etárias variadas comentaram sobre a importância de proporcionar às crianças o contato com a natureza e fundamentalmente com o mar, falaram sobre a construção de memórias afetivas que permanecem por toda a vida no coração das pessoas.

Uma aluna estrangeira, natural da Colômbia, de 61 anos citou a frase do texto: “A quem devo pedir que na minha vida se repita a felicidade?” e comentou que, uma vez aprendida a felicidade, cada um de nós é responsável por repeti-la durante a vida.

Dois alunos, de 32 e 46 anos e uma mulher de 55 anos, afirmaram que aprenderam quando eram crianças sobre o “poder curativo do mar”, mencionaram que suas famílias acreditavam

que o mar podia realmente curar todas as coisas ruins, do corpo ou da alma, proporcionando às pessoas conforto e bem-estar.

Uma aluna de 51 anos prestou atenção à figura do pai na crônica em questão. Afirmou que tal presença é muito forte e falou sobre o verbo ‘acreditar’ na frase que se repete ao longo do texto: “Meu pai acreditava...”. A aluna referiu que o pai, de certa forma, guiava a vida da menina e de toda a família. Mencionou ainda o final do texto: “Nunca mais. Nunca.” Que traz a ideia de um tempo que não volta mais e sobretudo de uma felicidade que não volta mais, faz refletir sobre o passado, a infância e a morte.

Um aluno de 32 anos falou sobre como momentos aparentemente muito simples na vida podem se tornar recordações extremamente marcantes a ponto de se tornarem referências de felicidade e, mencionou ainda, que tais momentos geralmente passam despercebidos e somente são considerados com o passar do tempo ao se transformarem em saudade.

Uma aluna de 48 anos considerou que o texto proporciona uma reflexão sobre o nosso cotidiano, afirmou que os ‘banhos de mar’ eram estimulantes, proporcionavam prazer no dia a dia da menina e que esta é a cura para uma certa apatia pela vida que o opaco do cotidiano instala em nossos olhos e corações.

Apenas os alunos mais jovens, uma mulher de 21 anos e dois homens de 20 e 21 anos falaram sobre a força da descrição utilizada no texto, afirmaram ser a descrição ‘perfeita’ a ponto de permitir ver e sentir as imagens e as sensações descritas pela autora ao longo da crônica. O aluno de 20 anos afirmou ter percebido tal força descritiva em outros textos estudados e, concluiu ser esta uma característica da escritora.

A fim de melhor sistematizar a pesquisa, segue o quadro no qual constam as principais visões abordadas pelos alunos:

Banhos de Mar	Estudantes				
Ideias	Idade	Gênero	Estrangeiro	Escolaridade	Área de atuação
Lembranças da Infância	todos	F / M	sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E

Imensidão do Mar	todos	F/ M	sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E
Contato com a natureza na infância	várias	F	sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E
Responsabilidade sobre a própria felicidade	61	F	sim	Superior	H
Poder curativo do mar	30, 46 e 55	F / M	não	Ensino Médio e Superior	H / E
O pai	51	F	não	Superior	H
Cotidiano	48	F	não	Superior	H
Força descritiva	20, 21	F / M	Não	Ensino Médio	H

A próxima crônica apresentada aos estudantes foi *Conversa puxa conversa à-toa*, publicada em 16 de maio de 1970. O texto trata de uma conversa entre a narradora e a sua empregada, traz reflexões profundas acerca da vida e da individualidade de cada um. No primeiro momento alguns alunos mencionaram desconhecer o significado de *cantilena* e *meloquia*, palavras pouco usadas que aparecem no texto, os estudantes afirmaram que o desconhecimento de tais palavras comprometia de certa forma, o entendimento do texto.

A totalidade dos alunos falou sobre a criatividade com diferentes abordagens, alguns consideraram simplesmente que todas as pessoas são criativas. Outros prestaram atenção ao fato de que as pessoas são criativas e não o sabem, não se consideram criativas e outros ainda se mostraram surpresos e de certa forma, emocionados ao perceberem que eles próprios podem ser criativos e não se veem como tal.

Uma aluna colombiana, de 45 anos, afirmou ter ficado encantada e emocionada com o texto ao perceber que pode olhar para si mesma e se descobrir uma pessoa criativa, capaz de criar coisas novas. Uma aluna de 37 anos, afirmou que perceber-se criativo ou não, pode ser um modo de ver a vida, uma maneira de olhar para si mesmo e valorizar até mesmo os momentos aparentemente mais simples do nosso cotidiano.

Uma aluna de 78 anos apegou-se à ideia da ‘conversa à-toa’, afirmou que a criatividade se manifesta nas pessoas nestes momentos em que a mente é livre e nos quais as pessoas conversam com tranquilidade sobre coisas aparentemente sem importância. Na contramão da aluna mencionada, uma mulher de 55 anos considerou que a conversa descrita na crônica

não foi à-toa, referiu que a conversa foi leve e profunda, trouxe reflexões importantes, por este mesmo motivo, afirmou que não conseguiu associar o nome da crônica ao seu conteúdo.

Três alunas, de 62, 55 e 47 anos falaram sobre a ideia do “eu” abordada no texto, comentaram que, embora seja óbvio que cada pessoa se trata de um ‘eu’, as pessoas não se veem e não se respeitam considerando este fato. Afirmaram que isto fica claro no texto quando a narradora parece surpresa ao perceber que a empregada é um “eu”.

Duas alunas, de 62 e 54 anos, falaram sobre viver o momento presente e prestar atenção às pequenas coisas, pois no texto, a narradora percebe a cantiga da empregada e para de tomar o seu café a fim de prestar atenção e saber mais sobre a canção. A aluna de 54 afirmou: “o futuro esmaga o presente”, considerando que ao pensar tanto no futuro, deixamos escapar completamente o momento presente.

Uma aluna de 52 anos falou sobre a frase do texto: “Estamos atrasados em relação a nós mesmos”, considerou que as pessoas não conhecem a si mesmas porque não conseguem parar para pensar ou mesmo para reconhecer quais são os seus reais sentimentos acerca do que a vida apresenta. Abordou a correria do mundo moderno, o uso do celular, redes sociais e outras coisas que ocupam a mente e o coração das pessoas.

Um aluno de 20 anos afirmou que o texto lhe trouxe a ideia de olhar além do que os olhos podem ver, considerou que devemos prestar atenção a todas as coisas e pessoas com a mente aberta, sabedores de que não temos o controle de todas as coisas que ocorrem na vida. Comentou o fato da narradora ter ficado surpresa com a criatividade e com o ‘eu’ da empregada, questionou se ocorre, no caso, um preconceito por parte da narradora por ser a ‘empregada’.

A fim de melhor sistematizar a pesquisa, segue o quadro no qual constam as principais visões abordadas pelos alunos:

Conversa puxa conversa à-toa	Estudantes				
Ideias	Idade	Gênero	Estrangeiro	Escolaridade	Área de atuação

Palavras desconhecidas	Várias	F / M	Sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E
Criatividade	Todos	F / M	Sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E
Olhar para si mesmo	37 e 42	F	Sim	Superior	H
Importância da conversa	78	F	Não	Ensino Médio	H
Profundidade da conversa	55	F	Não	Superior	H
Visão do “eu”	62, 55 e 47	F	Não	Superior	H
Viver o presente	62 e 54	F	Não	Superior	H
Prestar atenção às pequenas coisas	várias	F / M	Sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E
Atraso em relação a nós mesmos	52	F	Não	Superior	H
Preconceito	20	M	Não	Ensino Médio	H

A próxima crônica abordada neste estudo é *Medo da Eternidade*, publicada em 06 de junho de 1970. Esta crônica faz um belo recorte de um acontecimento corriqueiro no dia a dia das crianças e proporciona uma profunda reflexão sobre a ideia de eternidade.

A totalidade dos estudantes comentou ter se lembrado de sua própria infância, falaram da inocência dos pensamentos e sentimentos nesta fase da vida. Uma moça de 20 anos relacionou a infância à fase em que o chiclete ainda tem sabor e a idade mais madura à fase em que este se transforma em uma borracha sem sabor algum. Falou sobre o medo diante da ideia de infinito e eterno, afirmou que tais medos não são apenas das crianças, mas sim de todos nós.

Duas alunas, de 20 e 42 anos, e um aluno de 21, mostraram-se encantados com a maneira da autora abordar um assunto tão profundo a partir de um acontecimento tão simples e cotidiano na vida das crianças, o momento em que conhecem o chiclete, uma bala que “dura a vida inteira”.

Alunos de várias idades comentaram o título do texto: “Medo da eternidade” e desencadeou-se um debate acerca desta questão. Um aluno de 32 anos comentou que a vida é feita de escolhas, afirmou que seria insuportável ter feito uma escolha errada e ter de assumir por

toda a eternidade. A partir desta afirmação, uma aluna de 78 anos fez a relação entre a realização de um sonho e a ideia de eternidade, comentou que ‘uma bala que dura para sempre’ parecia um sonho para a menina, porém, tal sonho a decepcionou, passou então a procurar uma maneira de livrar-se do chiclete, ‘agora não posso mastigar mais’, disse que a luta para realizar um sonho pode transformar-se na luta para livrar-se dele.

Uma aluna argentina de 65 anos, afirmou que nunca havia parado para refletir sobre as coisas eternas, afirmou que a ideia de coisas ou sentimentos que possam durar para sempre é assustadora visto que as pessoas se modificam e passam a ver e sentir as coisas de diferentes maneiras ao longo do tempo. Comentou sobre o texto e a perplexidade da menina diante da ideia de eternidade, disse ter se sentido da mesma forma.

Um aluno de 21 anos refletiu sobre as lembranças de quando fazemos algo pela primeira vez. Disse que o texto o fez pensar em não se acomodar, buscar sempre conhecer coisas novas e ter novas experiências na vida. A partir deste comentário, uma aluna de 42 anos afirmou que coisas novas podem ser atraentes, mas que é preciso ser prudente ao buscar novas experiências e saber que nada, nesta vida, dura para sempre.

Um aluno de 46 anos refletiu sobre a vida, nossas conquistas e sobre o quanto as pessoas são insaciáveis e querem sempre mais, afirmou que isto contradiz a ideia de eternidade e que embora nada dure para sempre, também não é possível descartar tudo, a vida é muito ampla e nossas escolhas sempre envolvem outras pessoas.

Uma aluna de 23 anos afirmou identificar-se com o sentimento da menina ao não desejar a eternidade, falou que o mais importante na vida é ter a chance de começar e terminar ciclos, ter chances de mudar e descobrir coisas novas.

Uma aluna de 42 anos fez uma reflexão bastante interessante, afirmou que as irmãs no texto passam pela mesma experiência de formas diferentes, a mais velha considerava mágica e incrível a ideia de uma ‘bala que nunca se acaba’ e à irmã mais nova causou espanto, medo e um certo desespero de ter para sempre algo que não lhe agradava mais. Refletiu sobre a ideia de que uma mesma coisa, ou acontecimento causa em cada pessoa sentimentos e sensações específicos.

Uma aluna de 45 anos, mãe, afirmou que apenas o amor de mãe pode ser considerado algo que dura para sempre, as outras mães presentes, todas concordaram e comentaram a respeito

desta ideia. Uma aluna colombiana, de 61 anos, afirmou ter se lembrado de uma frase: “o poder da palavra”, disse que a maneira como as coisas são ditas provoca sensações, sentimentos e ideias imprevistas nas pessoas. Afirmou que os primeiros contatos que as pessoas têm com a ideia de eternidade são em tenra idade no seio da família e ao longo da vida tal ideia se desenvolve e se torna possível compreender com mais clareza o que pode durar para sempre ou não.

Apenas duas alunas de 35 e 62 anos mencionaram que a menina se sentiu envergonhada por ter mentido à irmã que fora tão boa com ela prometendo dar-lhe outro chiclete. Abordaram a questão da sinceridade das crianças.

Uma aluna de 56 anos questionou se os desejos e vontades que jamais se saciam ao longo da vida poderiam ser considerados eternos, os estudantes debateram e concluíram simplesmente que nada podemos saber sobre eternidade, afirmaram que dentro da pequenez das pessoas, o que não termina, é eterno.

A fim de melhor sistematizar a pesquisa, segue o quadro no qual constam as principais visões abordadas pelos alunos:

Medo da Eternidade	Estudantes					
Ideias	Idade	Gênero	Estrangeiro	Escolaridade	Área de atuação	
Infância	todos	F / M	Sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E	
Abordagem da escritora	20, 21 e 42	F / M	Não	Ensino Médio e Superior	H	
Ideia de eternidade	Várias	F / M	Sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E	
Fazer coisas novas	Várias	F / M	Sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E	
Experiências diferentes diante do mesmo fato	42	F	Não	Superior	H	
Poder da palavra	61	F	Sim	Superior	H	
Vergonha de mentir	35 e 62	F	Não	Superior	H	
Vontades e desejos insaciáveis	56	F	Não	Superior	H	

O próximo texto apresentado aos estudantes foi *O passeio da família*, publicado em 24 de abril de 1971. A crônica relata um momento em família no qual muitas emoções são vivenciadas.

A totalidade dos estudantes afirmou ter se lembrado da própria infância, reviveram memórias de momentos com pais e avós e mencionaram o quanto tais memórias construídas na infância perduram por toda a vida. Alguns alunos mais maduros, acima de 40 anos, falaram sobre dificuldades financeiras vividas na infância, debateram e concluíram que as crianças, desde que tenham suas necessidades básicas atendidas, precisam apenas do carinho e da presença da família.

Uma aluna de 35 anos, considerou que o passeio ocorrido no texto teria sido o último passeio do pai, a aluna deduziu que o pai estaria extremamente doente. Uma vez questionada, afirmou que fez tal dedução por causa dos olhares das filhas e da necessidade que tinham de agradar o pai. Os demais alunos ouviram esta afirmativa, porém discordaram.

A questão de a menina ter tomado a bebida mesmo não gostando foi abordada pelos estudantes de diferentes maneiras, alguns afirmaram que as pessoas se anulam a fim de agradar os demais; outros afirmaram que há momentos em que as pessoas são obrigadas a fazer coisas das quais não gostam e outros ainda, afirmaram que muitas pessoas não manifestam seus desejos e opiniões por timidez, medo, vergonha ou submissão. Desenvolveu-se um debate no qual um aluno de 20 anos afirmou que as pessoas devem sempre manifestar seus desejos e opiniões pois a falta de clareza pode ocasionar inúmeros problemas e os demais estudantes concordaram. O mesmo aluno de 20 anos considerou que o objetivo do passeio da família seria divertir a filha mais nova e afirmou que a mesma não estava feliz, a partir desta ideia referiu que o tal passeio sustentava uma mentira, mantinha apenas a aparência de uma família feliz.

Uma aluna de 45 anos afirmou que seria entediante estar sempre satisfeito com a vida e que as más escolhas são grandes aprendizados. Um aluno de 46 anos disse não ter gostado do texto, comentou que o mesmo não lhe significou nada, não suscitou memórias, reflexões e nem sentimentos.

Duas alunas tiveram opiniões bastante contrárias, uma de 49 anos afirmou que o pai se esforçava para manter a família unida, buscava maneiras de oferecer lazer sem muitos gastos,

pois a família não tinha condições. Outra, de 45 anos, considerou o texto muito triste. Percebeu o pai como extremamente controlador a partir da frase: “mesmo sem ter feito nada, gastamos tanto” e afirmou que a menina não manifestou o desagrado com a bebida por se sentir inferior, ser submissa e não se considerar no direito de não gostar de alguma coisa, mencionou ter concluído tal ideia a partir da frase: “Ovomaltine é bom, quem não presta sou eu.” A aluna concluiu sua fala afirmando que o último parágrafo do texto confirma a ideia, quando a menina refere que seria sempre frágil.

Três alunas, de 61, 60 e 56 anos afirmaram que o texto traz uma mistura de alegria e tristeza, comentaram que fica claro na crônica que a família busca a alegria e não a encontra, consideraram que a família não era verdadeiramente unida ou feliz. Uma aluna colombiana, de 61 anos, afirmou que o texto deveria se chamar “O passeio do pai”, considerou que as filhas não se divertiam, apenas buscavam agradar o pai.

A fim de melhor sistematizar a pesquisa, segue o quadro no qual constam as principais visões abordadas pelos alunos:

O passeio da família	Estudantes					
Ideias	Idade	Gênero	estrangeiro	Escolaridade	Área de atuação	
Lembranças da infância	Todos	F / M	Sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E	
Presença da família	Acima de 40	F / M	Sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E	
Pai doente	35	F	Não	Ensino Médio	H	
Pessoas que se anulam	Várias	F / M	Sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E	
Obrigatoriedade	Várias	F / M	Sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E	
Submissão	Várias	F / M	Sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E	
Manter aparências	20	M	Não	Ensino Médio	H	
Más escolhas são lições	45	F	Não	Superior	H	
Nada	46	M	Não	Superior	E	

Pai queria unir a família	49	F	Não	Superior	H
Pai controlador	45	F	Não	Superior	H
Busca da alegria	61, 60 e 56	F	Não	Superior	H
Menina fragilizada	45	F	Não	Superior	H

O próximo texto apresentado aos estudantes foi *Ainda impossível*, publicado no Jornal do Brasil em 19 de fevereiro de 1972. Esta é a crônica mais curta apresentada dentro deste trabalho, parece uma reflexão da própria autora acerca de sua trajetória de vida. Primeiramente os estudantes apenas leram o texto e posteriormente foram devidamente informados sobre a biografia da autora na qual consta que o fato contado nesta crônica foi relatado pela própria Clarice em uma entrevista, desta forma, os alunos puderam compreender melhor o texto.

A totalidade dos estudantes comentou que o texto os fez pensar sobre sonhos e a persistência para realizá-los, relacionaram esta ideia à infância, o tempo do “era uma vez” em que havia muitos sonhos e a possibilidade de um dia concretizá-los. Uma aluna de 54 anos considerou que a escritora tinha o sonho de escrever histórias para crianças, afirmou que as pessoas jamais devem desistir de seus sonhos, no entanto, referiu que Clarice Lispector trata todas as coisas com muita profundidade, não tem a simplicidade de uma criança. Afirmou ainda que a parte final da crônica a fez refletir muito profundamente acerca da existência com a frase: “Era uma vez um pássaro, meu Deus.”

Um aluno de 21 anos afirmou que de acordo com o que conhece da obra de Clarice, certamente quando criança a escritora produzia textos muito mais profundos do que outras crianças e tal profundidade não mudou na idade adulta. A escritora continua produzindo textos muito profundos que vão além do entendimento de muitas pessoas.

Uma aluna colombiana, de 45 anos, afirmou que o texto a fez se lembrar de que ela própria gostaria de escrever uma história para crianças, algo que tocasse as pessoas e trouxesse ensinamentos. Comentou que se sentiu motivada a buscar realizar este sonho.

Uma estudante de 32 anos comentou que o texto a fez pensar em como as pessoas adiam o começo de coisas novas por medo ou insegurança, afirmou que a maioria das pessoas não

luta pelos próprios sonhos, referiu que isto pode ser um erro pois cada dia traz uma nova oportunidade.

Uma aluna de 62 anos questionou se os escritores começam suas histórias pensando se o público leitor será de adultos ou de crianças. Afirmou que o clássico ‘era uma vez’ sempre remete à ideia de uma história infantil, considerou que a escritora não está pronta para escrever histórias para crianças porque os seus sentimentos e visão de mundo não se alteraram ao longo da vida.

Uma aluna de 54 anos afirmou que o texto a fez refletir sobre sonhos e limites. Comentou que a realização dos sonhos precisa respeitar os limites do tempo e do amadurecimento, cada momento da vida proporciona novas oportunidades e desvenda possibilidades outrora consideradas impossíveis.

A fim de melhor sistematizar a pesquisa, segue o quadro no qual constam as principais visões abordadas pelos alunos:

Ainda impossível	Estudantes				
Ideias	idade	gênero	estrangeiro	Escolaridade	Área de atuação
Sonhos e persistência	todos	F / M	Sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E
Profundidade dos textos de Clarice	54 e 21	F / M	Não	Ensino Médio e Superior	H
Medo e insegurança	32	F	Não	Superior	H
Questionamentos	62	F	Não	Superior	H
Sonhos e limites	54	F	Não	Superior	H
Motivação	45	F	Sim	Superior	H

O próximo texto e o último desta pesquisa foi *O Ato Gratuito*, publicado em 08 de abril de 1972. A crônica aborda um momento de profunda liberdade no qual a personagem faz uma visita ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Todos os estudantes envolvidos na pesquisa afirmaram que esta crônica trata fundamentalmente da liberdade, uma liberdade genuína da qual todas as pessoas necessitam. As reflexões foram bastante profundas e os debates animados, os alunos estiveram bastante envolvidos nas discussões. Os estudantes consideraram que o texto trata a liberdade necessária como uma espécie de recompensa pelas lutas do dia a dia, um direito adquirido

por enfrentar a rotina e as obrigações do cotidiano. Referiram que a atitude da personagem em busca do sentimento de liberdade é um grito causado pela extrema necessidade de se libertar das amarras da vida, que tal desejo e necessidade é de todas as pessoas, identificaram-se e afirmaram ter sentido vontade de fazer o mesmo.

Os alunos mais maduros abordaram a questão da gratuidade e do “alto preço que custa viver”, concordaram com o texto e referiram que a vida em sociedade é “toda paga, isto é, tem o seu preço”. Afirmaram que as pessoas não são livres e que sobre todas as coisas devemos prestar contas. O texto causou bastante incômodo neste sentido, os estudantes debateram acerca de como libertar-se das amarras da sociedade.

Duas alunas, uma colombiana de 45 anos, e uma brasileira de 54 anos, iniciaram o debate sobre a diferença entre preço e valor, outros alunos envolveram-se na discussão e foi concluído que as coisas mais valiosas na vida são aquelas pelas quais não pagamos com dinheiro, por vezes são gratuitas e por outras vezes pagamos com o nosso tempo, amor e dedicação.

Vários estudantes afirmaram que o contato com a natureza dá um novo significado à vida e sempre nos remete de volta à infância, um tempo no qual a vida não é cheia de compromissos e as pessoas não estão em busca de sucesso ou dinheiro. Debateram e comentaram que as pessoas não podem se deixar cegar pela busca dos bens materiais.

Uma aluna de 35 anos afirmou que o texto a fez perceber que as pessoas programam a vida para ter sucesso e estabilidade financeira e não para viver, deixam a alegria de viver completamente de lado. Vários estudantes disseram que o texto exalta a simplicidade, a beleza das coisas simples, o contato com a natureza e o ato de prestar atenção às sensações e sentimentos que vivenciamos em diversas situações, debateram e concluíram que as coisas mais simples da vida é que proporcionam a verdadeira felicidade e que perceber a beleza na simplicidade amplia a nossa visão de mundo.

Uma aluna de 56 anos relacionou o texto à fé, falou sobre a natureza enquanto criação divina e afirmou que só tal criação pode proporcionar paz, felicidade e refúgio às pessoas.

Um aluno de 20 anos afirmou que é importante fazer pausas na rotina cansativa do cotidiano para fazer coisas das quais verdadeiramente gostamos e só desta forma podemos nos sentir mais vivos e não nos esquecer de quem somos e do que de fato amamos. Muitos estudantes

debateram sobre desacelerar o ritmo de vida, consideraram que a necessidade de liberdade expressa pela personagem se dá a partir de um ritmo de vida que não permite sequer um tempo para reflexões. Afirmaram que para uma vida saudável é preciso haver equilíbrio e comentaram que o texto, neste sentido, é um alerta e um verdadeiro ensinamento.

Uma aluna de 64 anos criticou o texto, afirmou que esta crônica não se parece com os outros textos da autora, considerou o texto ‘exagerado’ ao colocar tanta emoção em uma atitude tão simples, no entanto, afirmou que o texto é uma exaltação à liberdade. Disse ainda que o texto é todo descritivo e que não lhe fez sentido a frase: “De propósito não vou descrever o que vi: cada pessoa tem que descobrir sozinha.”

Nenhum dos estudantes envolvidos mencionou a observação no fim da crônica na qual a autora solicita que este texto não seja traduzido para o braille a fim de “não ferir olhos que não veem.”

A fim de melhor sistematizar a pesquisa, segue o quadro no qual constam as principais visões abordadas pelos alunos:

O ato gratuito	Estudantes				
Ideias	Idade	Gênero	estrangeiro	Escolaridade	Área de atuação
Liberdade	Todos	F / M	Sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E
Gratuidade	Acima de 40	F/ M	Sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E
Preço e valor	42 e 54	F	Sim	Superior	H
Simplicidade	Vários	F/ M	Sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H/ E
Natureza e infância	Vários	F/ M	Sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E
Fé	56	F	Não	Superior	H
Pausas na rotina	20	M	Não	Ensino Médio	H
Desacelerar o ritmo de vida	Vários	F / M	Sim	Fundamental II, Ensino Médio e Superior	H / E
Críticas	64	F	Não	Superior	E
Nota no fim do texto	Ninguém	-	-	-	-

3.3 Análise Comparativa

Ao observar as variadas interpretações dos estudantes pudemos perceber semelhanças e diferenças que se dão também a respeito das pessoas, comprovando de certa forma a teoria da Estética da Receção que, segundo Jauss (1994 [1967]):

A qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão-somente de seu posicionamento no contexto sucessório do desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios da receção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto à posteridade, critérios estes de mais difícil apreensão. (Jauss, 1994:7-8[1967])

A Estética da Receção ilumina a leitura, viabiliza a possibilidade de reflexão e identificação dos leitores com as obras lidas, desta forma, podemos pontuar algumas visões interessantes mencionadas nos comentários dos alunos. Tais visões se deram a partir da liberdade que lhes foi oferecida para refletirem e opinarem livremente acerca dos textos estudados. Esta liberdade para sentir os textos durante muito tempo foi considerada inadequada e sem valor, conforme afirma Todorov: “A meu ver, tanto hoje quanto naquela época, a abordagem interna (estudo das relações dos elementos da obra entre si) devia completar a abordagem externa (estudo do contexto histórico, ideológico, estético)”. (Todorov, 2021:36 [2007])

E ainda:

O estudo do sentido, em contrapartida, era considerado com muita suspeita. Esse estudo era criticado por nunca poder se tornar científico o bastante, sendo então abandonado a outros comentadores, desvalorizados, a escritores ou a críticos de jornais. A tradição universitária não concebia a literatura como, em primeiro lugar, a encarnação de um pensamento e de uma sensibilidade, tampouco como interpretação de mundo. (Todorov, 2021:38 [2007])

O autor considera também que “o que se destina a todos é a literatura, não os estudos literários; é preciso então ensinar aquela e não estes últimos”. (Todorov, 2021:41[2007])

Levando em consideração esta forma de estudar literatura, os estudantes participantes desta pesquisa tiveram ampla liberdade para expor suas ideias e sentimentos acerca das obras estudadas, o que se revelou bastante interessante e enriquecedor. Pudemos observar a literatura exercendo de facto o seu papel de tocar o leitor, conforme afirma Todorov:

[...] o leitor não profissional, tanto hoje quanto ontem, lê essas obras não para melhor dominar um método de ensino, tampouco para retirar informações sobre as sociedades a partir das quais foram criadas, mas para nelas encontrar um sentido que lhe permita compreender melhor o homem e o

mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência; ao fazê-lo, ele compreende melhor a si mesmo. O conhecimento da literatura não é um fim em si, mas uma das vias régias que conduzem à realização pessoal de cada um. (Todorov:32-33 [2007])

Por compreender que as opiniões e impressões emitidas pelas pessoas são únicas e absolutamente válidas, apresentaremos a partir deste ponto algumas questões interessantes que observamos durante o percurso deste trabalho.

Foi possível perceber que os alunos que fizeram observações mais profundas foram os do terceiro ano do curso em questão, consideramos que isto se deve ao fato de terem melhores conhecimentos sobre a língua portuguesa, bem como por estarem mais envolvidos nos estudos e na leitura há mais tempo do que os alunos do primeiro ano, embora isto não seja uma regra, pois o percurso foi repleto de surpresas que nos levaram a compreender que nem sempre o conhecimento da língua promove um melhor entendimento sobre os textos. Um caso que chamou bastante a atenção foi o da aluna E.R. de 68 anos, do terceiro ano, que quando iniciou o curso afirmou que não gostava de ler e que jamais havia lido um livro inteiro. A aluna, procurou o curso a fim de se comunicar melhor e vencer as dificuldades com a leitura e a escrita. A referida aluna participou da pesquisa e finalizou o percurso emitindo opiniões como: “A leitura tem me ajudado a pensar mais profundamente na vida, leva-me a pensar em possibilidades que eu, sozinha, não conseguia perceber.” Como vemos, E.R. que nunca havia lido um livro inteiro, hoje lê e percebe o valor da leitura e os resultados que obtém a partir dela. A aluna E.E.B. de 48 anos, também do terceiro ano, apresentou respostas e considerações bastante profundas acerca dos textos estudados, por vezes, suas ideias suscitaram debates entre os colegas, tal aluna afirmou que sempre gostou de estudar e tem o hábito de ler bastante desde a adolescência. A aluna, procurou o curso porque tinha o desejo de rever as normas da língua portuguesa e se atualizar. Isto nos mostra a grande diferença existente entre os alunos do curso. É importante pontuar que tais diferenças, desde que bem conduzidas pelo professor, tendem a tornar o convívio entre os colegas bastante enriquecedor.

Há muitos casos interessantes, por exemplo a aluna do primeiro ano do curso, S.A.S. de 39 anos, que comprova ser graduada em Pedagogia, atua junto a crianças e declara que sente muita dificuldade em compreender textos escritos e que por este motivo não tem o hábito de ler. Esta aluna afirmou que a leitura na qual as suas impressões são valorizadas, realizada

para os fins desta pesquisa, lhe acendeu uma nova vontade de ler, disse que se sentiu respeitada por poder considerar o texto de acordo com suas próprias impressões.

A aluna mais velha do grupo, M.V.M.S., de 78 anos, do primeiro ano do curso, estudou apenas até o fim do Ensino Médio e estava afastada dos estudos há muitos anos. Buscou o curso porque gosta de aprender e queria ter contato com pessoas diferentes. Ao observar e comparar as respostas desta aluna com as respostas de outros alunos com Ensino Superior completo, podemos perceber e afirmar que havia maior profundidade nas respostas de M.V.M.S. do que em qualquer outra, acreditamos que podemos atribuir este resultado ao facto desta aluna ter maior conhecimento e experiência acerca da vida, o que pode ou não ser atribuído à idade dela. O aluno A.D.S.N., de 20 anos, do primeiro ano do curso, também com o Ensino Médio completo, procurou o curso na busca de estar bem preparado para ingressar numa universidade, embora muito mais jovem, apresentou respostas bastante profundas e fez questionamentos muito interessantes se comparado a colegas mais velhos e com escolaridade superior, o que nos faz compreender que as pessoas são sempre grandes surpresas e que as suposições que fazemos embasadas em estereótipos sociais nem sempre podem ser levadas em conta. Vale observar aqui que a senhora M.V.M.S e o jovem A.D.S.N, não interagiram e não se conhecem, são alunos de turmas diferentes.

Para melhor apresentar os resultados desta pesquisa, abordaremos a seguir os pontos de maior relevância no processo, considerando:

- As diferenças na recepção dos contos e das crônicas:

Podemos observar que a recepção quanto aos contos causou um menor envolvimento pessoal dos alunos com as ideias dos textos. Os estudantes relacionavam os fatos e as atitudes dos personagens com a vida e a sociedade atual, sem tanta identificação pessoal. Quanto às crônicas, a identificação foi muito maior, estas foram abordadas pelos alunos como verdadeiros conselhos dados pela autora a partir de suas próprias experiências, foi inevitável que os estudantes mencionassem a voz da autora e a vissem como alguém muito próximo. Tal sensação de proximidade pareceu deixar os alunos mais à vontade para emitirem opiniões e falarem abertamente sobre suas impressões acerca dos textos.

- Diferentes visões, interpretações e impressões por parte de homens ou de mulheres:

É importante considerar que houve algumas diferenças nas impressões e interpretações feitas por homens ou mulheres, podemos pontuar que as mulheres compreenderam e debateram mais profundamente os assuntos relacionados à família ou aos filhos, os homens abordaram mais superficialmente tais questões. Foi possível também observar que as mulheres manifestaram maior sensibilidade e empatia quanto a pequenos detalhes, como simples olhares descritos nos textos. Há que se considerar ainda que isto ocorreu com a maioria dos estudantes, no entanto, houve homens mais sensíveis e também mulheres que se mostraram insensíveis aos detalhes dos textos.

- Conhecimentos da língua portuguesa:

O conhecimento da língua mostrou-se relevante em alguns casos, não necessariamente no entendimento dos textos, mas sobretudo, na forma de se expressarem na exposição de suas ideias e opiniões. Houve muitas surpresas, muitos alunos com Ensino Superior completo, embora tenham maior conhecimento da língua, compreenderam os textos em menor profundidade do que outros estudantes com menos escolaridade. Isto nos leva a perceber que as expectativas quanto às pessoas com maior escolaridade podem não ser correspondidas como o esperado.

- Diferentes interpretações dos alunos do primeiro e do terceiro ano:

A principal diferença observada entre as interpretações dos alunos do primeiro e do terceiro foi a forma como expressaram suas impressões. Importante observar a interação entre os estudantes: os alunos do terceiro ano estudavam juntos e se conheciam há quase três anos, o que lhes concedeu maior tranquilidade para conversarem e abordarem suas impressões sobre os textos. Os alunos do primeiro ano acabaram de se conhecer e ainda não têm laço de amizade que lhes traga a tranquilidade para falar livremente sobre suas opiniões. Isto pôde ser observado em vários momentos, sobretudo na discussão sobre o conto *Felicidade Clandestina* que traz uma ideia de sensualidade e poucos alunos a pontuaram, foi no decorrer do debate que alguns emitiram opiniões a esse respeito. Por tratar-se de assunto de certa forma delicado e que pode ter a influência de crenças religiosas, consideramos que provavelmente muitos alunos perceberam a característica no texto, mas não manifestaram livremente suas impressões.

- Dificuldades apresentadas pelos alunos estrangeiros:

Os alunos estrangeiros, certamente, tiveram alguma dificuldade na compreensão da língua, por vezes precisaram de auxílio para entender o vocabulário ou expressões comuns na língua portuguesa, no entanto, uma vez elucidadas estas dificuldades, debateram e emitiram opiniões e impressões que foram bem aceitas e debatidas com os colegas.

- A idade dos alunos:

A faixa etária dos estudantes participantes deste processo foi muito ampla, em alguns casos houve diferenças muito grandes na compreensão dos textos, o que nos fez perceber que a maturidade das pessoas influencia na sua recepção sobre os textos, no entanto, ocorreram muitas surpresas e houve alunos muito jovens que emitiram impressões e opiniões muito mais profundas do que alunos mais maduros.

- A escolaridade dos alunos:

A escolaridade dos estudantes não causou grandes diferenças na recepção dos textos, mas sim na forma como expressaram suas opiniões e impressões.

- Área de atuação profissional dos indivíduos:

Foi importante observar a área de atuação profissional dos indivíduos, consideramos se os alunos se dedicavam a atividades voltadas à área das ciências exatas ou humanas, foi evidente a diferença. Os alunos que atuam nas áreas de humanidades, mostraram-se muito mais favoráveis à atividade de leitura, valorizaram o processo e demonstraram maior sensibilidade na interpretação dos textos. Os alunos que se dedicam às ciências exatas apresentaram maior dificuldade em desenvolver ideias e expressar opiniões subjetivas, também apresentaram alguma resistência no início das atividades, não atribuindo o devido valor à atividade proposta.

- Experiências vividas e trajetória de vida:

O ponto de maior relevância nesta pesquisa foi considerar as experiências e a trajetória de vida das pessoas, superando as questões da idade, conhecimento da língua ou escolaridade. Inevitavelmente as pessoas compreendem e relacionam as ideias de um texto ou mesmo de tudo o que ouvem ou veem ao longo da vida a partir de sua vivência e visão de mundo. Claro fica que as pessoas são absolutamente diferentes e que sempre surpreendem, não é possível adotar um padrão como idade, escolaridade ou gênero.

Como podemos perceber e é importante considerar, as pessoas são sempre muito diferentes entre si e suas histórias de vida determinam suas buscas e seus caminhos. O que fica para nós é a certeza de que a literatura aprimora o ensino da língua portuguesa, ajuda as pessoas a se desenvolverem e lhes amplia a visão de mundo. Desta forma podemos considerar essencial o trabalho com textos nas aulas de língua portuguesa, pois estes, fundamentalmente promovem o amor e o gosto pelos estudos, e, como educadores, sabemos que o aprendizado se dá a partir do afeto e da alegria, conforme afirma Paulo Freire (2011 [1996]):

Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. [...] A minha abertura ao querer bem significa a minha disponibilidade à alegria de viver. [...] A atividade docente de que a discente não se separa é uma experiência alegre por natureza. [...] É digna de nota a capacidade que tem a experiência pedagógica para despertar, estimular e desenvolver em nós o gosto de querer bem e o gosto da alegria, sem a qual a prática educativa perde o sentido. [...] A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje. (Freire, 2011: 123-124 [1996])

Percebemos enquanto educadores que pouco há o que se possa efetivamente ensinar aos alunos, entendemos que a grande missão do professor se trata de acender-lhes a chama do desejo de aprender, fazê-los conhecerem ideias novas, amarem aquilo que estudam e então os alunos terão asas, precisarão apenas, talvez, de alguma correção de rota para atingirem tudo o que almejem. A escola é pequena, a sala de aula, ainda menor, no entanto, ali cabe o mundo inteiro. Somos todos seres inacabados, em constante evolução e esta constatação é plena de beleza, fé e esperança, o sinal de que Deus acredita em nós.

Considerações Finais

O presente estudo teve como objetivo principal lançar um novo olhar para o hábito da leitura, auxiliar os leitores quanto à compreensão dos textos literários e revitalizar o prazer de ler. O caminho foi surpreendente desde o princípio das leituras em grupo nas quais foram apresentados os textos selecionados para esta pesquisa. Neste início, os estudantes demonstraram muita dificuldade em emitir opiniões e falar ou escrever sobre os textos em questão. Foi necessária muita conversa e várias releituras dos textos para que os alunos se apropriassem dos textos, do seu real entendimento sobre os mesmos e explorassem com maior profundidade as impressões que os textos lhes causavam.

A professora fez uma breve explanação sobre a Estética da Recepção e a Teoria do Efeito a fim de que os estudantes pudessem compreender o que se esperava deles neste trabalho. Foi surpreendente perceber que ao verem validadas e importantes as suas opiniões e impressões sobre os textos as atitudes mudaram, houve maior interesse e o trabalho fluiu conforme o esperado. Quando as pessoas se apropriam de um texto e este age sobre suas emoções, reflexões, ideias, pensamentos e sentimentos, a literatura exerce o seu poder e a sua real função. Quando o estudante aprende a ver nos textos apenas o seu formato, verbos, sintaxe, personagens e traços formais, isto não é leitura, não se trata de estudo literário e sim do estudo da forma da língua.

Foi possível perceber que as características presentes nos textos literários podem influenciar na interpretação por parte dos leitores. Acerca dos textos estudados, a característica mais marcante foi a subjetividade. Os estudantes observaram e se identificaram com diferentes aspectos dentro de um mesmo texto, quando questionados sobre o que mais lhes havia chamado a atenção, referiram muitas vezes os mesmos trechos de um texto abordando ideias e sentimentos diferentes. Observamos também outras características nos textos como a ironia que, muitas vezes, não foi compreendida por alguns alunos, sobretudo pelos alunos estrangeiros. Temos ainda a questão da intertextualidade que escapou à compreensão de muitos alunos, em poucos casos houve dificuldade de compreensão dos significados de algumas palavras.

De um modo geral, as maiores dificuldades quanto à linguagem se deram por parte dos alunos estrangeiros, isto foi atribuído à dificuldade que muitos têm com o idioma, ao fato de não estarem habituados a ler textos em língua portuguesa e sobretudo aos aspectos culturais diferentes entre os países, desta forma, tais alunos não compreenderam perfeitamente algumas palavras subentendidas, intertextualidades e algumas figuras de linguagem como metáforas e ironias.

Os estudantes só conseguiam prestar atenção às palavras, estrutura e linguajar dos textos após terem debatido exaustivamente sobre suas impressões a respeito dos mesmos e o que estes lhes causavam emocionalmente, podemos afirmar que em alguns momentos as discussões se assemelhavam a sessões de terapia em grupo; o que nos remete à ideia da biblioterapia conforme já mencionado.

Os leitores participantes desta pesquisa são todos muito diferentes entre si, idade, escolaridade, profissões, situação socioeconômica e cultural, a única característica comum a todos é o fato de serem estudantes do curso de língua portuguesa.

Foi possível observar durante o processo algumas características fundamentais que os diferiam, como mães, pais, pessoas solitárias, portadores de alguma enfermidade, pessoas que vivem com dificuldades financeiras ou o contrário, tais características refletiam em todas as impressões e sentimentos emitidos a respeito dos textos.

As diferentes interpretações dos textos se deram principalmente quanto à ideia central dos mesmos. As pessoas voltaram o olhar e os sentimentos aos temas com os quais se identificaram. Podemos concluir que, na maioria dos casos, as pessoas buscam involuntariamente identificarem-se com os textos, pareceu ser a busca de um alento e desta forma percebemos a literatura de facto como arte, que inspira, seduz e faz pensar.

Ao estudar a biografia da autora pudemos perceber claramente a pessoa dela em sua obra, os fatos vividos, a condição de vida, as experiências, sentimentos e sensações estão claros nos textos, isto foi percebido e mencionado por todos os alunos participantes desta pesquisa, concluímos que a autora não se desvincula de sua obra. Em uma entrevista, a autora afirmou que “na crônica, o ‘eu’ não consegue escapar.” (Gotlib,1995: 375) E ainda se refere aos seus romances: “Estes não são autobiográficos nem de longe, mas fico depois sabendo por quem os lê que eu me delatei.” (Gotlib,1995: 375)

Tanto os textos falam da pessoa de Clarice Lispector que a percepção e o entendimento sobre eles se alteram completamente quando os leitores têm acesso à sua biografia e conhecem a sua trajetória de vida. Em alguns dos textos trabalhados o fato de conhecer a escritora fez muita diferença no entendimento dos estudantes, ocorreram verdadeiras descobertas, criou-se uma espécie de identificação entre os leitores, a autora e a obra. Alguns alunos mencionaram que ‘descobriram’ Clarice Lispector com o início das atividades, pois não a conheciam antes. Afirmaram que no início das atividades achavam os textos difíceis, muito profundos e até desinteressantes pelo fato de abordarem coisas simples de uma maneira diferente, mas com o desenvolvimento das atividades relataram terem se ‘apaixonado’ pela forma profunda como a autora aborda as questões simples do dia a dia, isto mexeu-lhes com o olhar. Afirmaram que passaram a observar mais profundamente os fatos simples e a perceber melhor a vida e o mundo ao seu redor.

Foi extremamente interessante perceber na prática que o leitor dá vida ao texto, aplica o texto à sua vida e o traz à realidade. Isto permite que o texto cumpra a função de encantar e proporcionar pensamentos, sentimentos e reflexões. Diante de cada leitor um mesmo texto revela diferentes inspirações e sensações. A raiz do texto, o cerne da história se mantém, o que difere são os detalhes que atuam na visão de mundo e nos sentimentos de cada leitor a partir de suas experiências particulares.

A experiência deste trabalho certamente confirmou que a mensagem de um texto se constrói no leitor. Para cada leitor pudemos perceber diferentes nuances de um mesmo texto, de forma que o resultado enquanto mensagem não é o mesmo.

A atividade desenvolvida em sala de aula para a realização desta pesquisa resultou em bons hábitos de leitura para os estudantes envolvidos. Podemos perceber que os alunos, ao se apoderarem dos textos e permitirem-se sentir e refletir a partir deles, verem suas ideias, opiniões e sentimentos considerados válidos, importantes e agregados ao valor do texto, adquiriram liberdade, alegria e o desejo de ler sempre mais.

A atividade de leitura foi realizada em todas as aulas, nem sempre se trabalharam os textos constantes desta pesquisa, mas muitos outros de variados autores. Tal prática desenvolveu nos alunos o gosto pela leitura, os mesmos já esperavam e solicitavam pela ‘leitura do dia’ no início de cada aula. A prática foi tão bem aceita que muitos alunos liam obras diversas em suas residências e as traziam para a sala de aula a fim de compartilhar trechos e comentar com os colegas.

Podemos concluir que esta metodologia de abordagem da literatura despertou nos alunos o interesse pela leitura e para a sua formação como leitores.

5 – Referências Bibliográficas

- ARISTÓTELES (1999 [335 a.C.]) *Aristóteles vida e Obra. Poética*. Tradução de Baby Abrão. São Paulo: Nova Cultural.
- BAKHTIN, Mikhail (2011 [1979]) *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes.
- BARTHES, Roland (1970) *S/Z*. Tradução de Maria de Santa Cruz e Ana Mafalda Leite (1999). Lisboa: Edições 70.
- BARTHES, Roland (2012 [1984]) *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes.
- BARTHES, Roland (2015 [1973]) *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva.
- BAUMANN, Zygmunt & MAZZEO, Ricardo (2020 [2016]) *O elogio da literatura*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar.
- CÂNDIDO, Antonio (1977) *Vários Escritos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades.
- CASTRILLON- Mendes, Olga Maria & DE PAULA Oliveira, Jeciane (2015). *O leitor e a estética da recepção: uma proposta de análise de Circuito Fechado, de Ricardo Ramos*. Nonada: Letras em Revista.
- CAVALCANTE, Tícia C. F. & LEITÃO, Selma (2012) *A natureza argumentativa dos processos inferenciais preditivos na compreensão textual*. Estudos de Psicologia, 17, pp. 35-42. Universidade Federal de Pernambuco.
- CONSELHO DA EUROPA (2001) *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas. Aprendizagem, Ensino, Avaliação*. Porto: ASA.
- COSSON, Rildo (2014) *Letramento Literário: teoria e prática*. E-book. São Paulo: Contexto.
- CUNHA, Murilo Bastos da & CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira (2008) *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia*. Brasília: Briquet de Lemos
- DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret (2001) *Leitura: Inferências e contexto sociocultural*. Belo Horizonte: Formato Editorial.
- EAGLETON, Terry (2019 [1983]) *Teoria da Literatura: uma introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. 7ª edição. São Paulo: Martins Fontes.

- EAGLETON, Terry (2021 [2013]) *Como ler literatura*. Tradução de Denise Bottmann. 3ª edição. Porto Alegre: L&PM.
- ECO, Umberto (1991 [1968]) *Obra Aberta*. Tradução de Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva.
- ECO, Umberto (2011 [1979]) *Lector in fabula*. São Paulo: Perspectiva.
- ECO, Umberto (2011 [2003]) *Quase a mesma coisa*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Edições BestBolso.
- ECO, Umberto (2015 [1990]) *Os limites da interpretação*. São Paulo: Perspectiva
- ECO, Umberto (2018 [1992]) *Interpretação e Superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes.
- ETTE, Ottmar (2019) *O caso Jauss: a compreensão a caminho de um futuro para a filologia*. Tradução de Giovanna Chaves. Goiânia: Caminhos.
- FAGUET, Émile (2021 [1912]) *A arte de ler*. Tradução de Roseli de Fátima Dias Almeida Barbosa. Campinas: CEDET.
- FREIRE, Paulo (2011 [1996]) *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. E-book. São Paulo: Paz e Terra.
- GADAMER, H.- G. (1997 [1961]) *Verdade e Método*. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Rio de Janeiro: Vozes.
- GOTLIB, Nádya Battella (1995) *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Ática.
- HEIDEGGER, Martin (2005 [1986]) *Ser e Tempo*. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 13ª edição. Rio de Janeiro: Vozes.
- INGARDEN, Roman (1979 [1930]) *A obra de arte literária*. Tradução de Albin E. Beau, Maria C. Puga e João F. Barrento. 2ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- ISER, Wolfgang (1996 [1976]) *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Volume 1. São Paulo: Editora 34.
- ISER, Wolfgang (1999 [1976]) *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Volume 2. São Paulo: Editora 34.

JAUSS, Hans Robert; ISER, Wolfgang; STIERLE, Karlheinz; GUMBRECHT, Hans Ulrich. (1979) *A Literatura e o Leitor: textos de estética da recepção*. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

JAUSS, Hans Robert (1994 [1967]) *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Editora Ática.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (2018) *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez.

LEWIS, Clive Staples (2019 [1961]) *Um experimento em crítica literária*. Tradução de Carlos Caldas. Rio de Janeiro: Thomas Nelson.

LISPECTOR, Clarice (1999 [1984]) *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco.

LISPECTOR, Clarice (1981 [1971]) *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

MACHADO, Irene A. (1996) *Texto como enunciação. A abordagem de Mikhail Bakhtin*. *Língua e Literatura*, n. 22 p. 89-105.

MANGUEL, Alberto (2018 [2007]) *A cidade das palavras. As histórias que contamos para saber quem somos*. Tradução de Samuel Titan Júnior, e-book São Paulo: Companhia das Letras.

MANGUEL, Alberto (2017 [2013]) *O leitor como metáfora: o viajante, a torre e a traça*. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Edições SESC.

MANGUEL, Alberto (2020) *Notas para uma definição do leitor ideal*. Tradução de Rubia Goldoni e Sérgio Molina; e-PUB. São Paulo: Edições SESC.

MANGUEL, Alberto (2021 [1996]) *Uma história da leitura*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia de Bolso.

MARCUSCHI, Luiz Antônio (1985) *Leitura como processo inferencial num universo cultural-cognitivo* in *Leitura: Teoria e Prática*, nº 5, ano 4. Porto Alegre: ALB/Mercado Aberto, pp. 95-124. Publicado originalmente nos Anais do I Encontro Interdisciplinar de Leitura. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 1984, pp. 21-44.

MARCUSCHI, Luiz Antônio (1991) *Ação dos verbos introdutórios de opinião*. São Paulo: Intercom – Rev. Bras. De Com. Ano XIV, número 64, páginas 74-92.

- MARCUSCHI, Luiz Antônio (2020) *Linguística de texto: o que é e como se faz?* São Paulo: Parábola.
- OGDEN, C. K.; RICHARDS, I. A. (1976) *O Significado de Significado: um estudo da influência da linguagem sobre o pensamento e sobre a ciência do simbolismo*. Rio de Janeiro: Zahar.
- PRETI, Dino (1994) *Sociolinguística: Os níveis da fala: Um Estudo Sociolinguístico do Diálogo na Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- RICOEUR, Paul (2019 [1987]) *Teoria da Interpretação: o Discurso e o Excesso de Significação*. Biblioteca de Filosofia Contemporânea. Lisboa: Edições 70.
- ROSENDO, Flávio A. G. (2015) *Interpretação de texto, um processo interativo*. Belo Horizonte: Revele, n. 9, p. 63-73.
- SANTOS, Márcia R. M. (2008) *O Estudo das Inferências na Compreensão do Texto Escrito*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- TINOCO, Robson Coelho (2010) *Leitor real e teoria da recepção: travessias contemporâneas*. São Paulo: Editora Horizonte.
- TODOROV, Tzvetan (2021 [2007]) *A literatura em perigo*. Tradução de Caio Meira. 13ª edição. Rio de Janeiro: DIFEL.
- VALLEJO, Irene (2022 [2019]) *O infinito em um junco: a invenção dos livros no mundo antigo*. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. Rio de Janeiro: Intrínseca.
- VOLÓCHINOV, Valentin (2021 [1929]) *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Volkova Américo. São Paulo: Editora 34.
- ZILBERMAN, Regina (1989) *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática.
- ZILBERMAN, Regina (2019) *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: SENAC.

Anexo I

Questionário

1 – Nome completo_____

2 – Gênero_____

3 – Idade_____

4 – Estado civil_____

5 – Escolaridade_____

6 – Profissão

7 – Comente sobre a sua infância.

8 – Comente sobre a sua vida escolar.

9 – Fale sobre os seus hábitos de leitura.

10 – O que costuma fazer no seu tempo livre?

Questionário

1 - Nome completo Alexandre Lora

2 - Gênero Masculino

3 - Idade 46

4 - Estado civil Solteiro

5 - Escolaridade Superior

6 - Profissão Analista Financeiro

7 - Comente sobre a sua infância.

Morci com os meus avós, tios e primos até os meus doze anos. O quintal era grande e haviam algumas árvores frutíferas (jabuticaba, ameixa, limão, goiaba, etc.)

8 - Comente sobre a sua vida escolar.

Fiquei em uma creche de período integral (Casa de Amizade) e depois fui para o Anacleto Campaella. O meu primeiro livro foi "Ilha perdida" que aminha cachorrinho devorou.

9 - Fale sobre os seus hábitos de leitura.

Hoje eu lei, como passatempo e gosto de livros infanto-juvenis, mais leves e criativos

10 - O que costuma fazer no seu tempo livre?

Filmes, séries, jogos, etc.

Questionário

1 - Nome completo MANUEL CESAR MARIANO SILVA

2 - Gênero MASCULINO

3 - Idade 46

4 - Estado civil CASADO

5 - Escolaridade ENSINO SUPERIOR

6 - Profissão
ADMINISTRADOR

7 - Comente sobre a sua infância.

MINHA INFÂNCIA FOI NA PRAIA ESTUDANDO, PARTICIPANDO DE MARATONAS, TRABALHANDO E BRINCANDO.

8 - Comente sobre a sua vida escolar.

INICIEI OS ESTUDOS aos 8 ANOS DE IDADE, AO CONCLUIR O ENSINO MÉDIO, DEPOIS 10 ANOS INICIEI O ENSINO SUPERIOR.

9 - Fale sobre os seus hábitos de leitura.

ATUALMENTE LEIO BASTANTE SOBRE RELIGIÃO, GESTÃO, LIVROS MOTIVACIONAIS E DOCUMENTOS DO DIA A DIA.

10 - O que costuma fazer no seu tempo livre?

ASSISTIR FILMES, DOCUMENTÁRIOS E CAMINHADAS.

Questionário

- 1 - Nome completo Maria Aparecida Gueto
- 2 - Gênero Feminina
- 3 - Idade 52
- 4 - Estado civil Separada
- 5 - Escolaridade 3º grau, pós graduada
- 6 - Profissão Enfermeira

7 - Comente sobre a sua infância.

Nascida no sertão nordestino, estudou em escola Pública, costumava ter gíria da mônica, ~~era~~ brincava na rua

8 - Comente sobre a sua vida escolar.

Estudou em escola pública do primário ao ensino superior, não foi as melhores alunas, porém nunca reprovou. O gosto por leitura era mais romances e livro de auto ajuda.

9 - Fale sobre os seus hábitos de leitura.

Gosto mais de livros de auto ajuda, leio pouco não consigo mal conhecer

10 - O que costuma fazer no seu tempo livre?

⊗ Falta tempo para tanta coisas, vida de dona de casa não falta o que fazer, no geral assisto filme,

Questionário

- 1 - Nome completo [Redacted]
- 2 - Gênero Feminino
- 3 - Idade 49 anos
- 4 - Estado civil Divorciada
- 5 - Escolaridade Superior Completo
- 6 - Profissão Auxente Administrativo Financeiro

7 - Comente sobre a sua infância.

In fôncia foi tranquila, criança calma, tímida, com poucos amigos. Com o via muito com uma prima de mesma idade, adorava brincar na rua, e sempre tinha que brincar com a "bansa egiz", eu era a professora. Conversava muito porzinha.

8 - Comente sobre a sua vida escolar.

Fui estudante tranquila, com notas medianas, muita dificuldade em história e geografia. Entendi a importância do estudo, quando fui a única a reprovar no 5º ano...

9 - Fale sobre os seus hábitos de leitura.

Gosto de ler, e fiz as anotações pontuais nos livros, os temas de romance, viagens, me atraí mais.

10 - O que costuma fazer no seu tempo livre?

Gosto de artesanato, hoje inclui a leitura, e ouvir música, caminhadas ao ar livre.

Questionário

- 1 - Nome completo SELMA DE AMORIM SILVA
- 2 - Gênero FEMININO
- 3 - Idade 39 ANOS
- 4 - Estado civil CASADA
- 5 - Escolaridade ENSINO SUPERIOR
- 6 - Profissão PEDAGOGA

7 - Comente sobre a sua infância.

A minha infância foi muito simples, com pouco recursos, mas eram muito criativas com as brincadeiras e brinquedos, eram bem tranquilos eu e meus amigos de infância.

8 - Comente sobre a sua vida escolar.

A minha vida escolar foi bem precária; foi uma formação e deixou muitas lacunas, e com isso muitas dificuldades.

9 - Fale sobre os seus hábitos de leitura.

A leitura, é bem pouco.

10 - O que costuma fazer no seu tempo livre?

Assistir.

Questionário

1 - Nome completo Maria Roldina Fernandes da Silva

2 - Género feminina.

3 - Idade 78 a.

4 - Estado civil viuva.

5 - Escolaridade ensino médio

6 - Profissão do lar. aposentada

7 - Comente sobre a sua infância.

tranquila - na época -

8 - Comente sobre a sua vida escolar.

difícil - sem muita
familiaridades -

9 - Fale sobre os seus hábitos de leitura.

gosto muito de jornal.

10 - O que costuma fazer no seu tempo livre?

serviços caseiros -
cozinha -

Anexo II

[Redacted]

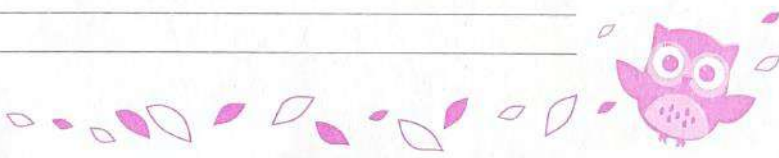
[Redacted]

Clarice Lispector - cem anos de perdão

- comparação da Sara com uma mulher adulta
- O perfume da rosa ser forte a ponto de deixar a menina tonta com o seu perfume.
- O bem que fez a menina em ter as flores em suas mãos.
- O cuidado que a menina teve em organizar a ideia para roubar a rosa e o melão.
- Para ela roubando rosas e pitangas, da natureza, ela não seria castigada e como ela disse: "Quem rouba rosas e pitangas, tem cem anos de perdão".

- A história me fez lembrar de um jardim próximo de casa, com uma área bem grande e toda verde, e nele havia uma única rosa amarela enorme, e eu passando de carro, me chamou a atenção em pensar: se eu tivesse a pé, acho que adoraria ter a esta rosa amarela nas mãos... mas fiquei na vontade e a imagem dela não sai da minha memória.

- nunca li nenhum livro desta escritora, apenas li algumas frases.
- não continuei este texto.

spirali 

Clarice Lispector
Conto: Cem Anos de Perdão

O Terceto refere-se a uma menina que roubava rosas e pitangas.


Importante mencionar que a menina sentia prazer em roubar as rosas, sendo que às vezes até sentia o cheiro, o aroma das mesmas.

Na sua forma de ver/encergar a vida, a mesma não via maldade em suas atitudes. Ela simplesmente roubava sem se dar conta do ato em si, fazia isso para se deliciar, arrancá-las do pé, sentir o aroma, enfim, pelo simples ato de tê-las em suas mãos e apreciá-las.

A Autora retrata o ato de roubar de uma forma simples, com a simplicidade ^{e pureza} de de uma criança.

E para quem pratica referido ato com a pureza de uma criança, não deve haver punição, ou seja, sem amor de perdão.

OBS.: Não contém o Terceto e ainda não havia lido referida Autora.

Aluna: 

A participação dos pais

O texto relata de forma clara e objetiva as tradições e obrigações familiares que muitas vezes somos obrigados a partilhar, sendo que gostaríamos de estar presentes nestas ocasiões ou estar em outros lugares.

Podemos citar o exemplo de festas para as crianças ou o Sábado para os judeus/evangélicos onde neste dia como é o dia do Senhor preparamos uma refeição farta com o melhor de Bom e melhor como a melhor descrevo muito bem a preocupação da dona de casa de preparar esta evento e receber os convidados, descreve os melhores pratos e os melhores pratos, o ambiente ou o ambiente dos presentes e que o dia decorre logo.

Vemos que não algo se torna obrigatório. O evento não se torna obrigatório, não só em dias de festa mas em tudo na vida.

As reuniões e tradições são necessárias mas quando tornasse obrigatório se torna um martírio como se relatou no texto.

Só ficamos por obrigação, a companhia e a alegria não se faz mente.

data / /

S T Q Q S S D

A REPARTIÇÃO DOS PÃES

A REPARTIÇÃO DOS PÃES, O TÍTULO DO TEXTO ME FAZ LEMBRAR RELIGIÃO, UM ALMOÇO EM FAMÍLIA E AMIGOS.

PORÉM, EM SEU TRATEJO PÔE O LOCAL DO ALMOÇO EM UMA VIAGEM DEUTRÊRA, SERÁ DENOTATIVAMENTE SERVULO O ALMOÇO NA VIAGEM.

ALMOÇO QUE EM UM VIAJÃO COM APROXIMADAMENTE 20 PESSOAS, POUCAS SE CONHECEM, TORNA-SE UM ALMOÇO ENTRE ESTRANHOS, EM TEMPOS ATRÁS ONDE O CIGARRO ESTAVA EM RESTAURANTE, BARES E TRANSPORTES PÚBLICOS, MISTURAVA-SE O ALMOÇO COM OS ESTRANHOS E A FUMAÇA DOS CIGARROS.

JÁ EM SUA CHEGADA NA CASA DA FAMÍLIA ENCONTRA-SE PARENTES E VELHOS AMIGOS QUE PREPARARAM UMA BELA CEIA, COM CUIDADOS DELICIOSAS, FRUTAS, SUCOS, VINHOS, REMETENDO TAMBÉM A REPARTIÇÃO DOS PÃES E A SANTA CEIA DO CRISTIANISMO.

Conto : Uma esperança.

Foi o conto que eu mais gostei. Começa com um acontecimento coviquiro, um inseto, uma esperança, entra numa casa com uma mãe e dois filhos. É a medida que o menino vai falando sobre o inseto a mãe, com suas falas, está falando da esperança, dos sentimentos e expectativas em relação a vida.

Mesmo juntando o inseto, a criança e as perspectivas e desejos em relação a vida, o conto trás uma aranha que aparece de repente para acabar com a esperança, a mãe passa a pensar no dia a dia, na realidade e em como algo poderia ter sido feito, como a limpeza dos quadros, que evitaria a possível morte da esperança. Há uma associação muito boa entre os movimentos do inseto, vacilante e a esperança que alimentamos.

Enfim, ~~uns~~ vivem com esperança, outros se desiludiram com ela e alguns nem se importam como o segundo que continua a assistir TV, ri com a morte da aranha e volta a sua atenção para o que lhe interessa. É assim com todos nos queremos e vivemos com esperança, nos evitamos (qu) ou nos entrustecemos quando ela não caminha como queremos, a cultivamos e esperamos que ela nos traga boas coisas

D S T Q Q S S
D L M M J V S

Nome



Uma esperança

A esperança é um sentimento que quando surge nos traz alegria, encantamento, felicidade, bons sentimentos, mas que pode ser ameaçada por coisas ruins e desaparecer, morrer. Devemos, então, lutar para que a esperança não termine e eliminamos o que possa impedi-la de acontecer. É sempre um alívio saber que a esperança pode renascer, sobreviver e que as coisas vão ser sempre melhores.

15/06

"texto 2"

Felicidade Clandestina

O texto me trouxe recordações de quando tinha a idade de 09 anos. Quando passei a estudar na cidade.

A minha professora indicou para seus alunos ler um livro, depois fizesse um resumo do que foi entendido daquela leitura.

Eu morava no Zano rural, e no interior não havia uma biblioteca para poder pegar o livro emprestado, mas consegui pegar o livro com a minha professora, ela conseguiu para mim.

O título do livro era: "A anore que dava dinheiro"

Quando passei a ler, entrei na história e fiquei a pensar, como seria bom, quando chegasse a minha idade adulta e encontrasse uma anore que desse dinheiro, pois minha vida seria mais prática para conquistar tudo que desejava:

... 19

Felicidades Clandestina - Clarice Lispector

A ~~seja~~ cena que me impressionou é a seguir.

"A mãe da filha (de dono da livraria) exclamou,

"Este livro nunca saiu, ninguém levou."

Porque ~~eu achava~~ era muito estranho após varias tentativas dela, o livro nunca foi disponível para ser emprestado.

Conseguimos observar mal intenção da filha do dono da livraria.

Portanto, quando eu ouvi ~~esta~~ desta frase, fiquei feliz.

"Ufa, até que em fim ela vai ler o livro"

Brincar de pensar

O texto fala sobre uma dualidade de vida.

A ansiedade de se dar um tempo para a mente e poder viajar nos pensamentos. No entanto, essa viagem nos leva a uma mistura de pensamentos.

Infelizmente nos dias de hoje não nos damos (não diria luxo), mas o prazer de brincar com nossos pensamentos.

Misturar histórias, lembranças e sorrisos em um único espaço pequeno de tempo.

Acho que se todos nós conseguíssemos, tirar um parte do nosso tempo para brincar com os nossos pensamentos, talvez seríamos menos ~~ansiosos~~ ~~ansiosos~~ ansiosos.

Talvez mais criativos, mais amorosos, mais sinceros.

Na sinceramente isso fica para cada um de nós refletirmos.

O mais importante é sermos felizes com os nossos pensamentos.

É poder sentir a emoção de cada um deles.



Bunior de Pensa

Texto difícil

Bunior de Pensa é bom pois nos
leva além, além da imaginação, nos
faz perder horas, ou ganhar-las, nos faz
grandes momentos

É uma bunidade que nos leva além
Pensa e pensar, um momento, bunidade,
situações em Pá que e laque

É muitas vezes nos pegando pensando
e se adivindo coisas

Os horas se vão com versos pensantes
momento de reflexão de pensar e
pensar e ser feliz



Tuna Tarde



S T Q Q S S D

__/__/__

[REDACTED]

Data: 30 de Outubro de 2023

Turma: Segunda (Monhã)

A descoberta do mundo.

Um texto de 1968 não poderia ser mais esclarecedor para o hoje em 2023. Descobrir-se adulto ainda é assustador pois a cada dia uma aventura é assim que me ative chamar os desajustes) Te ensina algo novo. E quando llorei menciona o seu segredo de "... que era ignorante e fingia de sabida". O que me fez recordar claramente da era digital no meio das redes sociais onde muitos fingem ser algo que na realidade espreem por não saber de fato como conquistar seu desejo etc do mais simples.

A busca por descobrir o "novo" leva a clicar no google, o que muitos vezes não dá de forma clara, ferir nossa sensibilidade causando perplexidade, terror, indignação, ferindo a inocência exatamente como citado no texto após ela encontrar a resposta de uma pergunta curiosa.

Tudo isso leva pensar sobre como realmente não ~~se forma~~ seria mais sereno e esclarecedor cuidar para buscar adultos responsáveis e entedidos sobre o assunto para melhor nos orientar. Reflita também como os pais precisam ser um ponto de segurança para os filhos se sentirem com liberdade de questionar, com as descobertas do mundo, reconciliando os mistérios da natureza e do dia a dia com clareza para aprenderem como proteger-se de um mundo novo e às vezes assustador todos os dias.

spiral

A descoberta do Mundo (Interpretação de Texto)

O que poderia ser tão delicado quanto a própria vida?

Para uma alma feminina, só poderia ser mesmo a descoberta da intimidade entre um homem e uma mulher. Intimidade esta que vai além de física... e que "permanece criança", em nome lado infantil; e que parece uma agonia se este "lado infantil" for literalmente "descoberto", começando pelo "físico" e não pela relação de confiança, respeito e amor.

Para a autora, o grande choque recheado de constrangimento, foi por conhecer*, por uma direção provavelmente "direto ao ponto", a intimidade física, sem o cortis da confiança, amizade profunda e saudável relacionamento. É o pudor "apenas feminino".

* em palavras

Ao descrever que sofreu muito antes de se reconciliar com o processo da vida, a autora deixa sub-entendido que não lhe foi agradável "a descoberta do amor", e que precisou se recompor e se "refazer", após tal experiência de uma relação sexual. Deixa-lo claro que no processo da vida, sua alma continuaria infantil.

APRENDENDO A VIVER

ISTO É O MEU PENSAMENTO, PIS PENSO MUITO NO FUTURO, E POR ISSO NÃO VIVEMOS O PRESENTE. ENTÃO, TEMOS QUE PENSAR MAIS NO PRESENTE. APROVEITAR A VIDA, AMAR, DIZER O QUE SE DEVE HOJE, E NÃO ESPERAR O AMANHÃ.

NÃO PODEMOS VOLTAR AO PASSADO E NEM PREVER O FUTURO, ENTÃO VIVA A VIDA AGORA. TEMOS QUE TER ACEITAR O QUE TEMOS HOJE, SEM MEDO DE SER FELIZ.

GUARDAMOS SIM ALGUNS MOMENTOS PARA O FUTURO, MAS SABAMOS QUE PRECISAMOS RESOLVER O AGORA.

TEMOS QUE SER FORTE HOJE, PARA QUE O AMANHÃ SEJA MELHOR.

O MEDO PERTURBA, NÃO DEIXA IR PARA FRENTE, O MEDO PARALISA AS AÇÕES.

TÓS O QUE VOCÊ PENSA DE SI MESMO É A SUA VITÓRIA.

TEMOS QUE TER A CONSCIÊNCIA DOS Nossos ATOS AGORA, PARA QUE MAIS TARDE TER EM FUTURO MELHOR.



O texto aprendendo a viver nos leva a reflexões como o comportamento das pessoas, no sentido de como se deve encarar as oportunidades ou mesmo reagir sem deixá-las escapar para não se arrepender de algo que se deixou de fazer.

Das impressões de um filósofo que considera o tempo algo que não deve ser desperdiçado, pois há quem se concentra e dedica tanto de sua vida a certas afazeres que acaba dizendo de viver.

Há o entendimento que devemos deixar de lado nossos medos e a importância de dar as opiniões alheias.

E ao final sabemos que o egoísmo e a arrogância são as perdições do mundo. No entanto a vida vale muito a pena.

Nome: [REDACTED]

Curso: Português

O Milagre das Folhas

O texto trouxe uma reflexão para mim, o primeiro ponto quando temos esperança nos milagres de Deus acontecerem, mas muitas vezes nos causa revolta quando o milagre não acontece em nossa vida e sim em outra pessoa.

Outro ponto que também trás mensagem, é quando cuidamos algum objeto como algo valioso.

Muitas vezes projeto ou faço planos imaginando antecipadamente antes do milagre acontecer.

Nada acontece por acaso, porque nosso destino Deus já tem determinado.

Muitas vezes não percebemos o agir de Deus através de milagres.

Nome [REDACTED]

26/09/2023

terça-feira / língua Portuguesa
noite.

Esse texto é milagre dos folhos, me fez lembrar de algum milagre em minha vida.

Eu sempre falo que milagre não se explica, milagre a gente vive.

Hoje me lembro do milagre, mais especial da minha vida. A data é 18 de junho de 2021, quando fui levada para o hospital, com falta de ar.

Naquela madrugada no corredor do hospital, veio o resultado para Covid-19, a saturação estava ótima, o pulmão com 75%. Tomado pelo vírus. Me lembro de olhar para médicos e perguntar se ia morrer.

Fui levada imediatamente para UTI, ligada aos aparelhos e a luta pela vida começou.

Foram dias difíceis, alguns com esperança e outros complicados.

Alguns médicos falavam que o tratamento estava dando certo, outros diziam que a situação estava complicada.

Minha família, amigos, conhecidos oraram, fizeram campanha, jejuaram.

E eu naquela UTI orava e dizia a Deus que ele era Deus de milagre e suplicava pelo milagre da cura na minha vida.

E no dia 01/07/2021, o milagre aconteceu saí daquele hospital. E minha família sempre diz que eu sou o milagre deles.



TULIA: SEXTA DE MANHÃ

Banhos de mar, trouxe para mim a importância das experiências da infância, a felicidade que a gente leva no coração para a vida toda, como é importante o amor dos pais, como os valores e crenças de família marcam uma infância feliz (ou não em muitos casos) e como nós podemos repetir todas essas lembranças, costumes com nossas novas gerações e fazer que o que "na minha vida se repetiu a felicidade" com

Reflexão
Texto Clarice Lispector
Banhos de Mar

Dois memórias do mar, do nascer do sol, da areia entre os dedos dos pés, do banho de Mar.

Lembro bem com meus pais aventuras semelhantes, Meu paião azul, branco e vermelho. O sol da manhã, não de madrugada, as pedras e aquela praia deliciosa de peixe, quase deserta, mas cheie de Mar.

Dois memórias

Dois

Memórias



27/10/23

Conversa fuxa conversa a toa.

Nas pequenas conversas
que muitas vezes, saem e surgem
grandes coisas - É a assim
que se cria.

Poesias - músicas etc.

Muito interessante -

Ex.
Com esta pandemia
Serve de um exemplo
De imediato eles
Já procuraram criar
Uma vacina

O mundo vai se modificar
Cada dia.

Ex. a internet -

Quanto coisa...

Eu mesmo em 1960 questiono
Nava sobre um carro voador
É foi este aí - surgindo
É isso aí...

04/12/23

Conversa puxa conversa à toa

A pessoa que trabalhava na cozinha era criativa e nem sabia.

De uma forma geral, as pessoas não dão o valor devido a criatividade, importante dizer que o mundo, as pessoas não se conhecem a si mesmas. Estamos sempre atrasados em relação a nós mesmos.

O futuro existe e é fato que ele esmaça o nosso presente. São muitas informações, tantas novidades que acontecem no mundo que não nos damos conta.

Uma conversa à toa com a cozinheira fez a personagem pensar na evolução do mundo, na criatividade das pessoas, enfim, e quanto as coisas acontecem rapidamente.



BRUNNARTESS

Medo de Eternidade - Clarice Lispector

Interessante comparativo entre a eternidade de vida e do dile. Texto leve e divertido, repleto de lembranças e nostalgia.

Disserte sobre a inocência de infância, na descoberta de novas possibilidades!

Bale do mundo acaba, o elixir do longo prazo!

Junto com a descoberta vem a decepção e o desconforto em confessar essa decepção à irmã. Sentimentos contraditórios que a autora explora e expresso maravilhosamente bem.



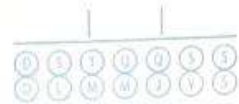


[Redacted] Turma - Sexta - feira

As vezes como uma bola provavelmente ela se acabara, diferentemente do chiclete, que dura muito tempo e se passa sempre.

A vida é feita por escolhas, temos que sempre estar atentos onde andamos, principalmente o algo que não conhecemos ou mesmo relacionado ao que já lidamos no nosso dia-a-dia, o chiclete parecia ser um excelente doce para a eternidade, mas, com o tempo fica sem gosto, perde a graça, agora imagine se não pudera acabar com essa eternidade?





O passivo da família:

Esse texto me fez lembrar de minha infância, onde o pouco presente era muito e estar com a família era mais importante e se divertindo do que dar.

Muitas vezes tive vontade de ganhar coisas que meus pais não podiam dar, nos tempos em 5 anos, então não tinha como dar tudo melhor para todos. Uma vez me lembro que era deixada por um bicicleta era bem moderninha com estanho era linda. Quando chegou a que o meu pai comprou era bem simples a cor era azul meu pai achou que não gostei, mas não falei nada.

Mas meus amigos era de elogio na bicicleta foi escrito mas acabou me corrigindo que estava errado pelo olhar dos outros. No outro dia fui logo abraçar meu pai e dizer que adorei o presente, e que o amava.

Ali comecei ver como ele quis me ajudar eu aprendi dar valor nas coisas que comprava com tanto dificuldade.

14/11/23

Turma: Português,
Prof: Natia

O passivo da família.

Na minha opinião, ao relatar a influência exercida pela personagem relata, que muitas vezes as situações fazem com que as palavras sejam trocadas para agradar as pessoas que tem um carinho a mais, e as demais para manter um convívio mais saudável possível.

De alguma forma as atitudes que são presenciadas impactam positivamente ou negativamente nas pessoas e influenciam de tal maneira.

tilibra

Ainda Impossível

A personagem da história, gostaria muito de escrever uma história que começasse assim: "Era uma vez..." e que fosse para adultos.

Porém, todas as vezes que ela tentava escrevê-las, as mesmas não eram publicadas. Foi quando ela atinou para o fato de que as histórias não eram propriamente histórias.

O tempo se passou, ela havia mudado tanto, aí ela acreditou^{ava} ser capaz e estar pronta para escrever o verdadeiro "era uma vez"...

Mais uma vez ela tentou, acreditava ser simples e começou. Apesar de ter escrito a primeira frase, viu logo em seguida e chegou a conclusão de que ainda era impossível.

Na verdade, ela sonhava em escrever uma tal história, no entanto, apesar do tempo ter passado, ela ter mudado, ainda assim ela não conseguiu realizar seu sonho!

Impressões sobre o texto "Ainda Impossível"

O texto aliado a minha experiência de vida nos faz refletir sobre: sonhos e limites.

Para realizar um sonho, no caso da autora, escrever para crianças, é necessário que ela respeite o seu ^{próprio} limite. O tempo e o amadurecimento, dá o toque para a realização de cada sonho.

Escrever envolve sentimentos, assim como andar e viver nos faz sentir coisas diferentes.

- Cada momento de nossa vida nos faz viver, sentir, realizar sonhos de acordo com nosso amadurecimento e tudo se tornará possível.



9 ato gratuito

Leia este texto 9 ato gratuito, como se dar oportunidade de viver momentos de descanso, lazer e prazer, simplesmente porque merecemos e precisamos desses momentos para recarregar nossa energia, e porque realmente precisamos e merecemos! acredito que o valor da vida está na liberdade de vivermos momentos sem aquela cobrança de uma vida somente de lutas, sem direito a descanso ou lazer. Essa liberdade nos tira da exaustão de uma vida presa somente ao trabalho e as obrigações. Sei que não fugimos as nossas obrigações, mas podemos além de fazê-las, ter o direito e a liberdade de passar um dia, uma tarde ou somente algum tempo apreciando coisas ou lugares que muitas vezes passam despercebidos, justamente por tantas cobranças que muitas vezes, nós mesmos nos impomos. Aliás, me vi muito nesse texto!



O ato gratuito

Clarice Lispector traz em seu texto uma personagem principal, que ao escrever, observa o céu puramente azul e pequenas nuvens branquíssimas, reflete sobre a situação de sua vida e na minha visão percebe que está vivendo em um looping, numa rotina na qual ela se sente presa, para se libertar dessa prisão ela toma um ato de coragem e pega um táxi para o Jardim Botânico, ao observar as rosas ela se sente mais viva, gosto dessa característica da história pois muitas vezes precisamos de algo que faça nos lembrar que estamos vivos, pois em meio nossas rotinas ao cumprirmos sempre uma função repetidamente podemos nos esquecer de quem somos, do que queremos e do que realmente amamos, pra mim não foi um texto complexo, entretanto em meio sua simplicidade ele possui certa profundidade que te faz refletir.

Anexo III

Cem anos de perdão

Clarice Lispector

Quem nunca roubou não vai me entender. E quem nunca roubou rosas, então é que jamais poderá me entender. Eu, em pequena, roubava rosas.

Havia em Recife inúmeras ruas, as ruas dos ricos, ladeadas por palacetes que ficavam no centro de grandes jardins. Eu e uma amiguinha brincávamos muito de decidir a quem pertenciam os palacetes. "Aquele branco é meu." "Não, eu já disse que os brancos são meus." "Mas esse não é totalmente branco, tem janelas verdes." Parávamos às vezes longo tempo, a cara imprensada nas grades, olhando.

Começou assim. Numa das brincadeiras de "essa casa é minha", paramos diante de uma que parecia um pequeno castelo. No fundo via-se o imenso pomar. E, à frente, em canteiros bem ajardinados, estavam plantadas as flores.

Bem, mas isolada no seu canteiro estava uma rosa apenas entreaberta cor-de-rosa-vivo. Fiquei feito boba, olhando com admiração aquela rosa altaneira que nem mulher feita ainda não era. E então aconteceu: do fundo de meu coração, eu queria aquela rosa para mim. Eu queria, ah como eu queria. E não havia jeito de obtê-la. Se o jardineiro estivesse por ali, pediria a rosa, mesmo sabendo que ele nos expulsaria como se expulsam moleques. Não havia jardineiro à vista, ninguém. E as janelas, por causa do sol, estavam de venezianas fechadas. Era uma rua onde não passavam bondes e raro era o carro que aparecia. No meio do meu silêncio e do silêncio da rosa, havia o meu desejo de possuí-la como coisa só minha. Eu queria poder pegar nela. Queria cheirá-la até sentir a vista escura de tanta tonteira de perfume.

Então não pude mais. O plano se formou em mim instantaneamente, cheio de paixão. Mas, como boa realizadora que eu era, raciocinei friamente com minha amiguinha, explicando-lhe qual seria o seu papel: vigiar as janelas da casa ou a aproximação ainda possível do jardineiro, vigiar os transeuntes raros na rua. Enquanto isso, entreabri lentamente o portão de grades um pouco enferrujadas, contando já com o leve rangido. Entreabri somente o bastante para que meu esguio corpo de menina pudesse passar. E, pé ante pé, mas veloz, andava pelos pedregulhos que rodeavam os canteiros. Até chegar à rosa foi um século de coração batendo.

Eis-me afinal diante dela. Paro um instante, perigosamente, porque de perto ela ainda é mais linda. Finalmente começo a lhe quebrar o talo, arranhando-me com os espinhos, e chupando o sangue dos dedos.

E, de repente — ei-la toda na minha mão. A corrida de volta ao portão tinha também de ser sem barulho. Pelo portão que deixara entreaberto, passei segurando a rosa. E então nós duas pálidas, eu e a rosa, corremos literalmente para longe da casa.

O que é que fazia eu com a rosa? Fazia isso: ela era minha.

Levei-a para casa, coloquei-a num copo d'água, onde ficou soberana, de pétalas grossas e aveludadas, com vários entretons de rosa-chá. No centro dela a cor se concentrava mais e seu coração quase parecia vermelho.

Foi tão bom.

Foi tão bom que simplesmente passei a roubar rosas. O processo era sempre o mesmo: a menina vigiando, eu entrando, eu quebrando o talo e fugindo com a rosa na mão. Sempre com o coração batendo e sempre com aquela glória que ninguém me tirava.

Também roubava pitangas. Havia uma igreja presbiteriana perto de casa, rodeada por uma sebe verde, alta e tão densa que impossibilitava a visão da igreja. Nunca cheguei a vê-la, além de uma ponta de telhado. A sebe era de pitangueira. Mas pitangas são frutas que se escondem: eu não via nenhuma. Então, olhando antes para os lados para ver se ninguém vinha, eu metia a mão por entre as grades, mergulhava-a dentro da sebe e começava a apalpar até meus dedos sentirem o úmido da frutinha. Muitas vezes na minha pressa, eu esmagava uma pitanga madura demais com os dedos que ficavam como ensanguentados. Colhia várias que ia comendo ali mesmo, umas até verdes demais, que eu jogava fora.

Nunca ninguém soube. Não me arrependo: ladrão de rosas e de pitangas tem 100 anos de perdão. As pitangas, por exemplo, são elas mesmas que pedem para ser colhidas, em vez de amadurecer e morrer no galho, virgens.

LISPECTOR, Clarice (1971) *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Anexo IV

Brincar de Pensar

Clarice Lispector

A arte de pensar sem riscos. Não fossem os caminhos de emoção a que leva o pensamento, pensar já teria sido catalogado como um dos modos de se divertir. Não se convidam amigos para o jogo por causa da cerimônia que se tem em pensar. O melhor modo é convidar apenas para uma visita, e, como quem não quer nada, pensa-se junto, no disfarçado das palavras. Isso, enquanto jogo leve. Pois para pensar fundo – que é o grau máximo do *hobby* – é preciso estar sozinho. Porque entregar-se a pensar é uma grande emoção, e só se tem coragem de pensar na frente de *outrem* quando a confiança é grande a ponto de não haver constrangimento em usar, se necessário, a palavra *outrem*. Além do mais exige-se muito de quem nos assiste pensar: que tenha um coração grande, amor, carinho, e a experiência de também se ter dado ao pensar. Exige-se tanto de quem ouve as palavras e os silêncios – como se exigiria para sentir. Não, não é verdade. Para sentir exige-se mais.

Bom, mas, quanto a pensar como divertimento, a ausência de riscos o põe ao alcance de todos. Algum risco tem, é claro. Brinca-se e pode-se sair de coração pesado. Mas de modo geral, uma vez tomados os cuidados intuitivos, não tem perigo.

Como *hobby*, apresenta a vantagem de ser por excelência transportável. Embora no seio do ar ainda seja melhor, segundo eu. Em certas horas da tarde, por exemplo, em que a casa cheia de luz mais parece esvaziada pela luz, enquanto a cidade inteira estremece trabalhando e só nós trabalhamos em casa, mas ninguém sabe – nessas horas em que a dignidade se refaria se tivéssemos uma oficina de consertos ou uma sala de costuras – nessas horas: pensa-se. Assim: começa-se do ponto exato em que se estiver, mesmo que não seja de tarde; só de noite é que não aconselho.

Uma vez por exemplo – no tempo em que mandávamos roupa para lavar fora – eu estava fazendo o rol. Talvez por hábito de dar título ou por súbita vontade de ter caderno limpo como em escola, escrevi: rol de... E foi nesse instante que a vontade de não ser séria chegou. Este é o primeiro sinal do animus *brincandi*, em matéria de pensar – como – hobby. E escrevi esperta: rol de sentimentos. O que eu queria dizer com isto tive que deixar para ver depois – outro sinal de se estar em caminho certo é o de não ficar aflita por não entender; a atitude deve ser: não se perde por esperar, não se perde por não entender.

Então comecei uma listinha de sentimentos dos quais não sei o nome. Se recebo um presente dado com carinho por pessoa de quem não gosto – como se chama o que sinto? A saudade que se tem de pessoa de quem a gente não gosta mais, essa mágoa e esse rancor – como se chama? Estar ocupada – e de repente parar por ter sido tomada por uma súbita desocupação

desanuviadora e beata, como se uma luz de milagre tivesse entrado na sala: como se chama o que se sentiu?

Mas devo avisar. Às vezes começa-se a brincar de pensar, e eis que inesperadamente o brinquedo é que começa a brincar conosco. Não é bom. É apenas frutífero.

LISPECTOR, Clarice (1999 [1984]) *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco.